

Série *Pós-Graduação 10*



DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA EM FOCO

a docência universitária nas multiáreas

Organizadora

Francisca Costa

Andressa Paiva

Vandeni Kunz



Centro Universitário Adventista de São Paulo
Fundado em 1915 — www.unasp.edu.br

Missão: Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade.

Visão: Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

**Administração da Entidade
Mantenedora (IAE)**

Diretor Presidente: Domingos José de Souza
Diretor Administrativo: Elnio Alvares de Freitas
Diretor Secretário: Emmanuel Oliveira Guimarães

Administração Geral do Unasp

Chanceler: Euler Pereira Bahia
Reitor: Martin Kuhn
Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze
Pró-Reitora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros
Pró-Reitor Administrativo: Elnio Alvares de Freitas
Pró-Reitor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional: Allan Novaes
Secretário Geral: Marcelo Franca Alves

Campus Engenheiro Coelho

Diretor Geral: José Paulo Martini
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Francisca Pinheiro S. Costa
Diretor de Graduação: Afonso Ligório Cardoso

Campus São Paulo

Diretor Geral: Douglas Jeferson Menslin
Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Maristela Martins
Diretor de Graduação: Ison Tercio Caetano

Campus Virtual

Diretor Geral: Valcenir do Vale Costa
Gerente Acadêmica: Andressa Jackeline Oliveira M. e Paiva

Faculdade de Teologia

Diretor: Reinaldo Wescestau Siqueira
Coordenador de Pós-Graduação: Ozeas Caldas Moura
Coordenador de Graduação: Vanderlei Dorneles

**Faculdade Adventista
de Hortolândia**

Diretor: Martin Kuhn
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze
Diretora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros
Diretor Administrativo: Elnio Alvares de Freitas
Diretor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional: Allan Novaes
Secretário Geral: Marcelo Franca Alves

Campus Hortolândia

Diretor Geral: Lélio Maximino Lellis
Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Eli Andrade Rocha Prates
Diretora de Graduação: Suzete Maia

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Editor: Rodrigo Follis

Editor Associado: Felipe Carmo

Conselho Editorial: José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Elizeu de Sousa, Francisca Costa, Reinaldo Siqueira, Rodrigo Follis, Betania Lopes, Wilson Paroschi

A Unaspres está sediada no Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP.

Série *Pós-Graduação 10*



DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA EM FOCO

a docência universitária nas multiáreas

Organizadora
Francisca Costa
Andressa Paiva
Vandeni Kunz

1ª Edição 2017

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 11 — Unasp
Engenheiro Coelho-SP 13.165-000
(19) 3858-9055

www.unaspstore.com.br

Docência universitária em foco: a docência universitária nas multiáreas

1ª edição — 2017
e-book

Editoração: Rodrigo Follis, Felipe Carmo
Revisão: Leonardo Gulbert, Ricardo Santana
Normatização: Giulia Pradela, Vinicius Aguiar
Programação visual: Fábio Roberto

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Docência universitária em foco: a docência universitária nas multiáreas / Eliane Paroschi, Francisca Costa, Vandeni Kunz (org.). – 1. ed. – Engenheiro Coelho, SP : Unaspres - Imprensa Universitária Adventista 2017. PDF

ISBN: 978-85-8463-080-6

1. Aconselhamento 2. Psicologia - Aspectos sociais

14-03589

CDD-302.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Aconselhamento: Teoria : Sociologia 302.2
2. Psicologia: Sociologia 302.2

041230

Editora associada:

 Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Todos os direitos reservados para a Unaspres - Imprensa Universitária Adventista.
Proibida a reprodução por quaisquer meios, *sem prévia autorização escrita da editora*,
salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Sumário

9 Introdução

15 Vou dar aula na Engenharia: e agora?

Mario Roberto Barraza Larios

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Vandeni Clarice Kunz

27 Avaliação contínua e formativa:
a responsabilidade com
o profissional em formação

Inelzéria Ederly Oliveira Lopes

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Vandeni Clarice Kunz

39 Novas formas de ensinar
para novas formas de aprender

Ana Cláudia Silva Azevedo Diniz

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Vandeni Clarice Kunz

- 51 Interdisciplinaridade no curso de direito do Unasp-
EC: uma análise do PPC do curso
Angélica Força Lamborghini
Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva
Vandeni Clarice Kunz
- 63 Interdisciplinaridade: um breve relato sobre o
método do projeto integrador
Larissa de Almeida Dalcamini
Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva
Vandeni Clarice Kunz
- 75 A interdisciplinaridade rumo á aprendizagem
significativa no ensino superior
Thiago Silva Santos
Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva
Vandeni Clarice Kunz
- 87 A importância da didática no ensino superior
Lucas da Silva Barboza
Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva
Francisca Pinheiro da Silveira Costa
- 99 Desafio do ensino da disciplina de economia para a
geração y em cursos do ensino superior
Lorraine Winckler Staut
Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva
Francisca Pinheiro da Silveira Costa
- 111 Metodologia para o ensino
de línguas no ensino superior
Cleberon Luiz de Paula Neves
Ana Maria de Moura Schäffer
Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

133 Metodologias de ensino de química apropriadas
para o ensino superior

José Cadis dos Santos

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

147 As novas tecnologias e as mudanças na forma de
ensinar e de aprender

Adriana Quint

Andressa Jackeline de Oliveira Mario me Paiva

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

161 Tecnologia como instrumento
facilitador do ensino universitário

Saul Alecrim Bascopé

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Vandeni Clarice Kunz

173 A EAD com características de
E-commerce

Amarildo Jesus de Lima Oliveira

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

181 Evolução da educação
a distância no brasil: tecnologias
e melhorias inovadoras

Scheila Alves Kujbida

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

195 Inovações tecnológicas para o ensino
superior: do presencial ao virtual

Suzi Angela Fernandes Nascimento Camargo

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Francisca Pinheiro da Silva Costa

207 Recursos tecnológicos
aplicados na educação e estudos
no ensino superior

Diogo Rodrigues de Oliveira

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Francisca Pinheiro da Silva Costa

219 Docentes universitários:
constante atualização!

Rosana C. Paseto

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

231 Influência e necessidade da formação continuada e
progressiva do professor no ensino superior

Robson Silva Xavier

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Vandeni Clarice Kunz

243 A importância da formação
do professor enfermeiro
no ensino superior

Roseli Benyhe de Lima

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Francisca Pinheiro da Silveira Costa

Introdução

A se tratar da temática da docência, já é possível pensar e refletir uma lista infindável de realidades e implicações, mas a fim de reduzir um pouco este vasto campo, enfocaremos à docência, mas delimitando ao nível de ensino superior.

Com o sensível aumento nas oportunidades de acesso ao ensino superior, o volume de turmas em cada curso tem conjuntamente se ampliado, o que gera um a maior demanda por docentes, preferencialmente, altamente capacitados para a docência, devidamente titulados, conforme especificações do MEC. Porém, o crescimento constatado, das instituições de ensino superior, não tem acompanhado o crescimento no número de docentes qualificados para tal função.

É neste cenário que o curso de Pós-graduação em Docência Universitária se encaixa. Ainda se enquadrando na modalidade *latu sensu*, este curso tem sua razão de existir, no propósito de preparar os profissionais formados em toda e qualquer área de atuação profissional para o ingresso numa velha e tradicional atividade, a profissão: docência.

No dia nove de dezembro de 2014, um artigo jornalístico nos chamou a atenção, enquanto dava um giro nas notícias educacionais ao redor do mundo, logicamente por meio da internet, e assim, ao visitar o site da *BBC News, Education & Family*, nos deparamos com a seguinte manchete: “*College of Teaching to raise profession’s status*” (Escola de Ensino para elevar o status da profissão). A partir deste momento, foi possível nos depararmos com a “prova” de que a realidade vivenciada em nosso país, era também experimentada por outros.

O referido artigo tratava da questão da desvalorização da carreira do docente e baixa moral com que tem se encontrado, ao ponto de ter cada vez menos indivíduos se propondo a ter tal profissão. Outro aspecto que nos chamou atenção nesta notícia é que a abertura desta Faculdade de foi anunciada pelo ministro da educação da Inglaterra, a fim de que em no máximo dois anos, se iniciem tais atividades, a fim de tentar trazer a profissão docente a um status comparado a carreiras como Medicina e Direito.

10

O governo apontara que a desconfiança da população na profissão docente, se dá devido ao fato que os alunos se encontram cada vez mais, mal preparados para a continuidade nos estudos, e ainda muitas despreparados para a vida no mercado de trabalho.

Desta forma, é possível notar o preparo para a docência, é essencial e necessário, para o seu bem-sucedido exercício, pois nem todos “nascem com esse dom”. Neste contexto, destacamos o propósito de se focar várias temáticas ao longo deste livro, pois a docência Universitária hoje constitui-se num vasto e polêmico campo de discussões, educacionais e políticas.

Se por um lado, entendemos que os professores precisam ser cada vez mais bem preparados para o ensino, percebemos também que a

titulação de mestrado e doutorado, não são sinônimos de domínio didático e pedagógico. Ao contrário, é crescente o número de relatos discentes com o seguinte teor: “Puxa, o professor (a) X, é uma ótima pessoa, a gente vê que ele sabe muito, mas infelizmente, não sabe ensinar”. Esse discurso já tão corrente e popular, tão conhecido de toda comunidade no Ensino Superior, que dispensa maiores comentários.

O fato é que para ser um professor em cursos superiores, são necessárias várias competências, além de titulação acadêmica, é preciso muito preparo didático e pedagógico, a fim de que haja condições para se devolver integralmente, as competências nos alunos, que se tornarão a partir da graduação, novos profissionais em meio ao mercado de trabalho.

Inicialmente, entendemos ser necessário tratar da questão da migração de áreas de trabalho, ou seja, “A formação de professores para o ensino superior: do profissional liberal à docência Universitária”. Ao focar tal realidade, procura-se enquadrar todos aqueles que trabalhavam em sua área de formação inicial, mas agora, passaram a trabalhar também na docência, em dedicação parcial ou total de seu tempo.

Referimo-nos aqui àqueles que possuem carreira consolidada em sua área de formação e acumularam uma rica e significativa “bagagem” profissional, que sem dúvida torna-se muito importante para ilustrar e valorizar exemplos de situações em sala de aula, porém, isso não é o suficiente. É preciso dominar as “velhas” e “novas” boas técnicas de ensino. É preciso ter domínio didático, noções sobre o domínio de classe e possíveis situações de aprendizagem, pois não se trata proferir palestras, e sim, de dar aulas.

Em continuidade a esta reflexão encontra-se uma outra necessidade na formação para a docência, nos referimos a, Avaliação contínua e formativa: a responsabilidade com o profissional em formação. Como dizem os alunos, a “avalição é um mal necessário”. Cremos que este paradoxo se encontra na noção que tem os alunos sobre a importância e necessidade de ter avaliações nas várias disciplinas de seu curso, porém revelam também seu lado negativo, pois muitas vezes, deixam de ser instrumento de aferição de práticas e conteúdos, e passa a ser instrumento de controle e punição.

Praticar a avaliação no Ensino Superior, deve ser algo feito de forma planejada e estrategicamente pensada, a fim de dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem, dando ao aluno oportunidade de nela, ou seja, na avaliação, refletir e consolidar seus conhecimentos e estudos.

12

Mas se a aprendizagem é o alvo do ensino e das avaliações, por que não almejar, que esta seja o mais profunda possível? Por esta razão vale destacar uma grande possibilidade de se alcançar tal objetivo, ou seja, a Interdisciplinaridade aplicada ao ensino superior como estratégia rumo à aprendizagem significativa profunda.

Aliar a dinâmica proposta pela prática da interdisciplinaridade nos processos de ensino e avaliação é uma rica forma de atuação docente. Entende-se neste caso, que desenvolvendo tais práticas torna-se viável levar aos alunos, maiores e reais oportunidades de alcançar e consolidar uma aprendizagem significativa e profunda.

Sem dúvida, outra peça chave para proporcionar condições de aprendizagem, é o domínio de metodologias de ensino apropriadas para o ensino superior. Assim como cada fase da vida é marcada por características

distintas, da mesma forma, as metodologias usadas em um nível de ensino, podem ou não, ser usadas em diferentes níveis do ensino. Por isso, é preciso cada vez mais dispor de opções metodológicas em sala de aula, afim de ampliar o arcabouço de possíveis práticas docentes em sala de aula.

Como se já não fosse complexo dar aulas em cursos de graduação, agora nos deparamos também com a realidade virtual. Por esta razão, o docente necessita também, estar atendo as Inovações e Tecnologias para o Ensino Superior: do presencial ao virtual. Agora além de preparo profissional para docência universitária em cursos presenciais, torna-se necessário preparar os docentes para a realidade e peculiaridades dos cursos virtuais.

Para dar conta de tantas demandas, que ciclicamente vão se repetindo, mas ao mesmo tempo se transformando, torna-se necessário pensar numa “realidade inescapável”, ou seja, a Educação Continuada e o Ensino Superior: atualização, aperfeiçoamento, extensão e pesquisa. Tais formas crescimento pessoal e profissional, aplicação ora a pessoa docente, para seu próprio aperfeiçoamento, ora ao profissional docente, enquanto possível formador, também nestes níveis e modalidades de ensino.

Enfim, ao enfocar o universo da docência universitária, significa enfocar todas as áreas de formação, para nelas refletir e trabalhar, a fim de buscar meios para um possível e esperado êxito.

Muito Obrigada!

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva

Vou dar aula na Engenharia: e agora?

Mario Roberto Barraza Larios¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Vandeni Clarice Kunz³

Resumo: O presente trabalho apresenta algumas reflexões sobre a docência universitária na área de engenharia. Embasado em revisões bibliográficas e em conversas com discentes dos cursos de engenharia, foi possível constatar algumas reclamações dos alunos.

.....
¹ Pós-graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: mario.larios@unasp.edu.br.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

Apresentam-se algumas sugestões que são unânimes por vários pesquisadores, as quais pretendem melhorar o aprendizado. Os problemas enfrentados por profissionais que iniciam sua caminhada acadêmica podem ser minimizados se atentarem para estas sugestões. Apresenta-se o curso de docência universitária como um elemento que fez diferença no ambiente universitário e ressalta-se as qualidades que um docente deve possuir, do ponto de vista de melhoria do relacionamento professor-aluno.

Palavras-chave: Ensino; Engenharia; Metodologias.

Abstract: This paper presents some reflections on university teaching in engineering. Grounded on bibliographic review and conversations with students of engineering courses, there has been some claims of students. We present some suggestions that are unanimous by numerous researchers, which aim to improve learning. The problems faced by professionals who start their academic walk can be minimized if you take heed to these suggestions. It presents the course of academic teaching as an element that made a difference in the university environment and we emphasize the qualities that a teacher must possess, from the standpoint of improving the teacher-student relationship.

Keywords: Teaching; Engineering; Methodologies.

Introdução

O Brasil, nos últimos anos, viu-se atingido por uma onda de novas construções incentivadas pela realização de grandes eventos, e um dos sintomas constatados é a escassez de professores universitários nas mais diversas áreas da engenharia.

A problemática apresentada já é grave, porém a mesma ganha maior impacto quando se constata que o profissional disposto a transmitir seus conhecimentos confronta-se com a realidade impactante de falta de experiência docente.

Esta falta de experiência docente, muitas vezes passa despercebida pelo próprio engenheiro, o qual muitas vezes pede ajuda a amigos dizendo: Vou dar aula na Engenharia: e agora?

A resposta a esta pergunta pode ser algo não tão fácil de ser respondido, assim sendo o presente trabalho pretende tecer algumas considerações visando elucidar as necessidades dos alunos, as quais foram observadas pelos alunos no decorrer da caminhada acadêmica do autor.

17

Desenvolvimento

A pergunta formulada na parte introdutória, ou seja: e agora? É rapidamente eliminada pela constatação da facilidade de aquisição de material pronto disponível fartamente na internet, levando o novo docente a se revestir de uma aparente tranquilidade. Esta tranquilidade deverá persistir pelo máximo uma semana, quando

o professor constatar que alunos preferem aprender segundo estilos diversos. (PACHECO et al., 2002)

Estes mesmos autores, relatam que cada estudante possui uma forma de estudar, com a qual o seu rendimento de aprendizagem é mais eficiente. Desta forma, o docente deve dominar diversas técnicas de ensino que permitam o aprendizado desta massa totalmente heterogênea de indivíduos ávidos pelo saber. Baruffi (2011) afirma que a temática da formação de professores tem sido o interesse de estudo de diversos especialistas da área de educação nos últimos 30 anos.

Isaia (2001) afirma que o contato inicial com a sala de aula envolve basicamente dois componentes: a sobrevivência e a descoberta. A sobrevivência está ligada ao choque real (conforme mencionado anteriormente). A descoberta está ligada à sensação de entusiasmo por estar exercendo a profissão. Se o profissional continuar com este entusiasmo, o mesmo tenderá a colocar em prática diversas atividades que visem a transmissão de seus conhecimentos aos alunos e o mesmo tentará continuar aperfeiçoando-se durante toda sua vida dedicada ao ensino. O maior problema enfrentado talvez diz respeito ao contexto social que envolve o exercício da docência, pois muitas vezes a própria instituição faz com que o docente perca este entusiasmo e se acomode nas suas atividades.

Ao confrontar-se esta realidade com a prática da docência em engenharia, verifica-se que nesta área do saber, a grande maioria dos professores julga desnecessária a implantação de mudanças no atual sistema utilizado. Pode-se afirmar que escolas tradicionais de engenharia atribuem uma importância maior ao domínio da ciência e da técnica, a qual denomina-se competência profissional.

Observa-se, da experiência obtida em sala de aula nos últimos 20 anos, que o aprendizado discente deve ultrapassar esta parte puramente técnica e abordar outras dimensões necessárias para o aprendizado.

Baruffi (2011) menciona estas dimensões: social, humana e política. Ressaltando que se atingida está compreensão, será possível uma educação plena, voltada não apenas para a parte técnica, mas preparando o discente para seu papel de agente transformador da sociedade na qual está inserido.

Chega-se então a uma resposta à pergunta do profissional que virou docente: e agora? Agora deve-se enveredar pelos caminhos do aprender a ensinar, não basta ter competência profissional, mas é necessário um estudo que complemente, que qualifique o professor das áreas tecnológicas.

Além disso, conforme afirma Silveira (2005) é preciso vencer a resistência da parte dos professores que se recusam a sair da zona de conforto, envolvidos com seus projetos e pesquisas (quando existentes), olhando para a sociedade e o mercado de trabalho apenas quando seus interesses convergem.

Estes profissionais quando transmitem seus conhecimentos, muitas vezes o fazem da mesma forma que aprenderam, transmitindo disciplinas cheias de conteúdos e teorias, as quais muitas vezes se tornam nada atraentes para o estudante que acaba muitas vezes desistindo do curso.

Segundo Ariza e Toscano (2001) está transmissão de conhecimentos da forma supramencionada é o que se denomina de saber

acadêmico e disciplinar, o qual foi desenvolvido no professor através de sua caminhada acadêmica, sentado em sala de aula aprendendo as diversas teorias, leis e conceitos, enquanto que o saber fazer tacitamente é um conhecimento concreto, irreflexivo, aprendido muitas vezes em campo, através da prática profissional numa tentativa de acertos e erros que lhe mostraram a forma adequada de agir.

O grande problema enfrentado pelos docentes então é: como transmitir meu aprendizado prático? Segundo Franzoni et al. (2011), as estratégias educacionais ganham cada vez mais importância, principalmente na atualidade em que a tecnologia se mostra primordial para o progresso da humanidade. Estes mesmos autores mencionam que existe, um abismo entre o mundo acadêmico e a realidade social. Sendo por tanto, papel do docente de engenharia, o preenchimento deste vazio existente.

20

A engenharia, para cumprir seu objetivo, deverá evoluir e abranger essas exigências tecnológicas, o que, na prática, se traduz em ampliar a formação, e fazer desta um espaço aberto a inovações que aperfeiçoem as competências e saberes dos discentes.

Esta evolução, necessariamente, deverá partir de um desejo interior do professor, que compreenda a necessidade de aperfeiçoar-se não apenas tecnicamente, mas pedagogicamente inclusive para o correto desempenho de seu papel no processo de aprendizado do aluno.

Segundo Monteiro et al. (2001), é preciso que o grupo de educadores se conscientize da relevância e importância da educação e que este se empenhe de forma a desenvolver em sua sala de aula um trabalho que vise ampliar essa conscientização para seus educandos,

e mais que isso, que este não fique só no campo da conscientização, mas que atinja o campo da prática.

Dando sequência a esta linha de pensamento dos autores supramencionados, buscou-se condensar algumas considerações de diversos alunos que frequentemente relatavam suas experiências em sala de aula.

Uma das considerações mais mencionadas pelos discentes diz respeito ao cartesianismo dos docentes e/ou do próprio curso.

Este cartesianismo torna o ensino extremamente engessado, evitando mudanças de metodologias e até comportamentais no modelo empregado. Alunos reclamam inclusive da falta de humanidade do professor que muitas vezes lida com o aluno como se o mesmo fosse um funcionário da empresa e não um discípulo que deseja aprender com o mestre.

Professores ao atender seus alunos muitas vezes não percebem que estão agindo de uma forma que afasta os discentes, fazendo que o mesmo desgoste da área objeto de estudo ou do curso como um todo.

Diversos trabalhos sugerem metodologias e procedimentos como forma de auxiliar o profissional na sua tarefa de ensino, dentre eles apresenta-se um ponto de suma importância que é apresentada por Ariza e Toscano (2001) os quais afirmam que um dos erros docentes é considerar os alunos como receptores passivos que não possuem informações sobre as temáticas tratadas em sala de aula.

Assim sendo, estes mesmos autores, tecem comentários sobre as características desejadas no docente, sendo importante mencionar a capacidade de o mesmo incentivar valores básicos de autonomia e cooperação nos discentes de forma que estes possam analisar

e comparar pontos de vista que os capacitem no reconhecimento de problemas e suas soluções.

Silva ressalta as diversas necessidades dos professores, os quais, segundo este autor, além de considerarem seus domínios específicos, devem investir na dimensão pedagógica da docência, sendo que esta envolve atividades e valores traduzidos em⁴:

- ◆ Sensibilidade frente ao aluno;
- ◆ Valorização dos saberes da experiência;
- ◆ Ênfase nas relações interpessoais;
- ◆ Aprendizagem compartilhada;
- ◆ Integração teoria/prática;
- ◆ O ensinar focado a partir do processo de aprender do aluno, tudo isso voltado para o desenvolvimento do aluno como pessoa e profissional.

As proposições acima partem do princípio de que aprender implica antes de tudo uma relação entre indivíduos que têm histórias de vida e, ao mesmo tempo, são sensíveis às experiências em sala de aula (CRAVIEE, 2012).

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2qv000K>> Acesso em: 16 de março de 2014.

Nessa linha de raciocínio, o professor é um mediador que transita entre o aluno e o conhecimento, e primordialmente deve despertar nos educandos, a curiosidade e a criatividade, dentre outras situações interessantes de aprendizagem. Assim sendo, deve-se incentivar o emprego de relações afetivas rotineiramente nas atividades docentes de forma a contribuir com o desenvolvimento não apenas científico, mas do discente como ser humano, com emoções e sentimentos que o levem inclusive à prática da ética profissional.

Para isso os programas precisam ser dimensionados (e/ou abordados) de forma adequada, afirma Giorgetti (2006). Uma estratégia recomendada por este pesquisador é estimular os docentes a refletirem sobre cada disciplina que lecionam, identificando o que do programa é essencial e o que é cultural ou complementar. Normalmente, o resultado é de que 30 a 35% do conteúdo são considerados essenciais, logo, recomenda-se uma dedicação maior a este conteúdo para uma melhoria do aprendizado discente.

A questão que se apresenta agora é: como convencer o professor que sua disciplina pode abordar apenas o conteúdo essencial, e como fazer com que o aluno realize a complementação através de experiências próprias relativas ao assunto abordado. É necessário que o discente entenda que a aula não se limita ao conteúdo apresentado entre quatro paredes e que o discente pode aprender fora da estrutura convencional, assim sendo atividades de campo e trabalhos práticos podem auxiliar nesta situação.

Alunos normalmente gostam muito mais de uma aula de campo e/ou prática na qual podem ter contato com a realidade e ver as dificuldades encontradas no mundo real profissional. O professor nesta situação deverá aproveitar ao máximo as oportunidades para mostrar

como realizar determinadas tarefas ou até mesmo mostrar o que não deve ser feito nas atividades de campo.

Professores com alta carga acadêmica normalmente tendem a tornar a aula extremamente teórica, e podem influenciar no aprendizado. Ladeira et al. (2013), apresentam os resultados observados por uma turma de engenharia e relatados na avaliação institucional de sua universidade.

Estes autores concluíram que os discentes classificam o professor com experiência no magistério superior como sendo melhor que o docente que possui pouca experiência. E estes discentes classificam o professor com estudos na área de docência universitária como sendo melhor que o docente que não possui esta especialização.

24

Assim sendo conclui-se que os professores de engenharia além da vaga de técnico acadêmica, devem possuir uma vivência prática que os auxiliem no desenvolvimento de metodologias de ensino mais apropriadas para esta área do saber. Esta conjunção de competências aliadas a um curso de docência universitária deverá suprir o futuro docente de métodos mais apropriados para desempenhar suas funções da melhor maneira.

Considerações Finais

Do acima exposto pode-se concluir que um professor deve fazer com que seus alunos se interessem pela disciplina/curso, mas a princípio não existe fórmula pronta para que isto funcione adequadamente.

Recomendações do ponto de vista acadêmico já foram apresentadas no presente artigo, porém o mais importante pode ser a recomendação encontrada em White (1996) a qual afirma que os homens se transformam de acordo com aquilo que contemplam.

Neste sentido tem-se uma formação plena, inclusive ética, e que deve ser conseguida se o professor agir com rigidez e amor ao mesmo tempo. Lembrando que os alunos nem sempre estão no mesmo nível, de forma que deverá planejar suas aulas para que todos consigam desenvolver as atividades e o aprendizado.

Conforme esta mesma autora, o professor não deve ter medo de dizer “Não permanecerei por mais tempo tão superior a vocês. Subamos juntos, e veremos o que se pode obter pelo estudo, em conjunto” (WHITE, 1996, p. 436), isto fará com que o aluno se transforme, mas tudo dependerá da verdadeira transformação inicial do docente.

25

Referências

- ARIZA, R. P.; TOSCANO, J. M. El saber práctico de los profesores especialistas: aportaciones desde las didácticas específicas. In: MOROSINI, M. C. (Org.) **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília: Plano Editora, 2001.
- BARUFFI, A. Z. Formação continuada de professores: percursos e reflexões. In: LIMA, P. G.; FURTADO, A. C. **Educação brasileira: interfaces e solicitações recorrentes**. Dourados: UFGD, 2011.

FRANZONI, M.; AGUILA, Z. J.; CAPOVILLA, G. H.; FERNANDES, B. L. Articulando teoria e prática na formação inicial do engenheiro numa disciplina de sistemas de segurança em automação e controle. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA, XXXIX. **Anais de Congresso**. Blumenau: COBENGE 2011.

GIORGETTI, M. F. Educação em engenharia: algumas ideias e a semente para um projeto possível. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 25, n. 2, p. 37-42, 2006.

ISAIA, S. M. A.; Professor universitário no contexto de suas trajetórias como pessoa e profissional. In: MOROSINI, M. C. (Org.) **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília: Plano Editora, 2001.

26

LADEIRA, R. C.; MACHADO, S. M.; GOMES, G. R. Avaliação da percepção de discentes e da avaliação de docentes em relação ao trabalho de conclusão de curso utilizando ferramentas de data mining — estudo de caso. **Revista Eletrônica Produção & Engenharia**, v. 4, n. 2, p. 412-426, 2013.

PACHECO, L. D.; ALMEIDA, G. P.; BARRAZA LARIOS, M. R.; MARQUES, G. O. **CD-ROM: mídia de ensino moderna e de baixo custo**. ENCONTRO DE ENSINO EM ENGENHARIA, VII. **Anais de Congresso**. Juiz de Fora: UFJF, 2002.

SILVEIRA, M. A. **A formação do engenheiro inovador: uma visão Internacional**. Rio de Janeiro: PUC-Rio Sistema Maxwell, 2005.

WHITE, E. G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

Avaliação contínua e formativa: a responsabilidade com o profissional em formação

Inelzília Ederly Oliveira Lopes¹
Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²
Vandeni Clarice Kunz³

Resumo: Este artigo apresenta uma investigação no tema avaliação contínua e formativa dentro de uma responsabilidade para com o profissional em formação, trazendo como objetivo geral: o analisar

.....
¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: i-nel@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

as práticas, identificá-las e caracterizá-las em detrimento as avaliações tradicionais focando a atuação do profissional de educação. A partir do objetivo geral, pode-se definir os objetivos específicos: projetar um conceito sobre avaliação contínua; realizar um paralelo entre os conceitos avaliativos e os conceitos de aprendizagem na educação; definir as ferramentas práticas para o desenvolvimento de uma avaliação contínua e formativa demonstrando este conceito dentro da rotina do professor e identificar procedimentos avaliativos existentes dentro do processo pedagógico. O estudo foi realizado a partir dos livros propostos e do tema exposto nas aulas de pós-graduação do UNASP (Universidade Adventista de São Paulo). O material coletado trouxe informações importantes que somados as posições de algumas escolas e de alguns filósofos da educação nos deixaram contribuições importantes. A conclusão dar-se-á com a exposição de vantagens e possíveis desvantagens de uma avaliação contínua e formativa, e as atribuições de responsabilidades para com o profissional no vasto campo da educação.

Palavras-chave: Planejamento; Avaliação contínua; Avaliação formativa; Capacitação.

Abstract: This paper presents a research on the theme and continuous formative assessment within a responsibility to the trainee, bringing general objective is to analyze the practices, identify them and characterize them over traditional reviews focusing on the professional practice of education. From the

general objective can define the specific objectives: to design a concept of continuous assessment; make a parallel between the evaluative concepts and learning concepts in education; determine the practical tools for the development of a continuous and formative assessment inculcating this concept within the teacher's routine and identify existing evaluation procedures within the educational process. The study was conducted from the proposed books and theme exposed in graduate classes at UNASP (Adventist University of São Paulo). The collected material brought important information which added the positions of some schools and some educational philosophers left us important contributions. The conclusion will be given to the exposure of advantages and possible disadvantages of a continuous and formative assessment and assignments of responsibilities to the professional in the vast field of education.

29

Keywords: Planning; Ongoing evaluation; Training and training evaluation.

Introdução

Para falarmos em avaliação educacional é necessário olharmos dentro de um contexto histórico, e considerar as suas especificidades. Pois a escola está abalizada em princípios caros à tradição da modernidade. Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2001), a escola está inserida na dinâmica social, e para tanto enfrenta as mudanças sociais na

forma de compreender alguns processos avaliativos, que podem ser considerados mutáveis e dinâmicos.

A modernidade começa quando espaço e o tempo separado da prática da vida em si, e assim poder ser teorizado como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação; quando deixam de ser, como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida. (BAUMAN, 2001, p. 15).

Então para entendermos os processos avaliativos, temos que olhar para o desenvolvimento da escola e seus constantes apelos de mudanças motivados pela sociedade. Temos um legado do século 19 de uma avaliação com estrutura racionalista, pautada em disciplinas fragmentadas que pouco se articulam com a realidade e a complexidade que envolve a interdisciplinaridade. Em outras palavras, a educação mudou a passos mais lentos do que a população que a foram constituindo, e dentro destas transformações da sociedade contemporânea é que precisamos entender o amplo sistema de mudanças que estrutura hoje os métodos de avaliação contínua e formativa.

O processo de Avaliação Contínua e Formativa se faz necessário as constantes mudanças na educação decorrentes do crescimento e desenvolvimento social globalizado. Para tanto deve o docente produzir intervenções didáticas e diferenciadas no intuito de desenvolver uma melhor aprendizagem ao aluno de uma instituição de ensino. Devendo procurar práticas pedagógicas que venha contribuir e associar as diferenças socioculturais e cognitivas dos discentes, visando sempre o desenvolvimento harmônico das faculdades física, mental e social.

Desenvolvimento

Sabemos que estamos vivendo em tempos de profundas mudanças, contestações de toda ordem, crise da ciência e da sociedade moderna marcada pela transitoriedade, pela busca de novos sentidos e novas práticas que sejam mais próximas da contingência histórica da condição humana. Uma realidade cede lugar à pluralidade cultural, étnica, política, científica da transição paradigmática, da pós-modernidade.

E sendo assim o docente precisa reconhecer as diferentes trajetórias de vida dos educandos, a qual implica flexibilização nos objetivos, nos conteúdos, nas formas de ensinar e avaliar, ou seja, contextualizando e recriando a avaliação contínua e formativa para o ensino superior, a avaliação é o espaço de mediação/aproximação/diálogo entre formas de ensino docente aprendizagem de alunos.

Esta avaliação pode e deve ser um recurso constante, acompanhar o processo de ensino- aprendizagem desenvolvida na instituição educacional, e como meio informativa e mediador entre docente e discente, possibilitando informações que mediam o trabalho docente e as aprendizagens. A avaliação intermedia o trabalho pedagógico, desde o planejamento até a execução, fornecendo dados para melhor compreensão da relação ensino e aprendizagem, também possibilita orientar a intervenção didática para que seja qualitativa e pedagógica.

Porém, se fazer uso constante, a avaliação se materializa única e formativa, por isso a necessidade de ser contínua, o que significa garantir uma relação lógica entre os diversos instrumentos utilizados no processo avaliativo, buscando sempre uma coerência pedagógica e didática

entre eles, e destes com os procedimentos de ensino que o docente planeja e executa. Embora é preciso diversificação dos instrumentos avaliativos com função estratégica na aquisição de informações precisas e necessárias sobre ensino — aprendizagem e docente e discente.

No sentido genérico da palavra, avaliar é um ato cotidiano e por isto mesmo pressupõe muitos significados e conceitos. O dicionário apresenta várias definições de avaliação tais como: determinar a valia ou o valor de; apreciar ou estimar o merecimento de; determinar a valia ou o valor, o preço, o merecimento, calcular, estimar; fazer a apreciação; ajuizar. Contudo, avaliar também pode ser definido como mediação.

Perrenoud (1999, p. 156) coloca que o sistema tradicional de avaliação oferece uma direção, um parapeito, um fio condutor; estrutura o tempo escolar, mede o ano, dá pontos de referência, permite saber se há um avanço na tarefa, portanto, se há cumprimento do seu papel.

Segundo o autor menciona sobre as condições interligadas ao processo avaliativo sugerindo novos caminhos, observados e direcionados as práticas avaliativas no cotidiano e apontam tais caminhos que apenas identificam erros e denotam em fracassos do aluno e consequentemente do sistema, quando na verdade deveriam apontar os motivos, escolhas e consequências de cada passo dado, redirecionando para uma assertiva direção à aprendizagem.

Portanto a avaliação formativa e continua deve ser vista e utilizada pelo docente como uma aliada da aprendizagem, um recurso mediador e intermediário na prática diária interligando e valorizando conhecimentos no âmbito individual e coletivo dos alunos, visando uma expansão crítica, participativa e reflexiva. Possibilitando o

docente a uma concepção de avaliação ideal, acompanhando com proximidade e interatividade o progresso do aluno fornecendo *feedback* do que aprendeu e do que precisa aprender; fornece *feedback* ao professor, identificando as falhas dos alunos e quais os aspectos da instrução que devem ser modificados; e busca o atendimento às diferenças individuais dos alunos e a prescrição de medidas alternativas de recuperação das falhas de aprendizagem, assim classificadas pelo educador e psicólogo (BLOOM, 1976).

No entanto, Hoffmann (1999) aponta dois desafios a serem desmitificados na prática: o primeiro diz respeito às normas de avaliação previamente estipuladas pela Instituição; o segundo diz respeito ao número elevado de alunos em sala de aula, o que pode dificultar a análise qualitativa do desempenho. E que, para solucionar esses desafios, é preciso políticas públicas, institucionais e postura, assim como posição dos docentes.

O que se pretende buscar na contemporaneidade é uma ruptura entre os velhos modelos avaliativos e adotar novas posturas, dinamizando oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento do professor e este por sua vez, oportunizará ao aluno experiências que o permitam refletir acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas (HOFFMANN, 1999).

Nota-se que através da citação o docente pode buscar a transformação da prática avaliativa, questionando as estratégias sobre o sistema educacional, focalizando suas concepções, fundamentos, organizações, normas administrativas e burocráticas, promovendo

mudanças significativas e conceituais, sempre bem aceitas, na redefinição de conteúdo e das funções docentes e discentes.

O sentido de avaliação formativa configura-se nos processos de ensino-aprendizagem, abordando os aspectos cognitivos, afetivos e relacionais, envolvendo todo o processo de ensino-aprendizagem que vai desde o Planejamento até o resultado final.

A avaliação formativa é a componente indispensável e indissociável da prática docência, onde suas múltiplas funções se agrupam permeando na orientação e regulamentação do processo ensino-aprendizagem significativo.

A função dessa concepção de avaliação na vida do discente é fornecer subsídios para que ele compreenda o seu próprio processo de aprendizagem e o funcionamento de suas capacidades cognitivas na resolução de problemas. Estruturando o nível do desempenho para o nível da competência.

Hadji (2001) indica a avaliação formativa como “utopia promissora”, à medida que corresponde a um modelo ideal, torna-se um elemento determinante da ação educativa.

é uma possibilidade oferecida aos professores que compreendem que poderiam colocar as constatações pelas quais se traduz uma atividade de avaliação dos alunos, qualquer que seja sua forma, a serviço de uma relação de ajuda. É a vontade de ajudar que, em última análise, instala a atividade avaliativa em um registro formativo. Assim, esse modelo não é um modelo científico, visto que vai bem além da mera tentativa de descrever e de explicar rigorosamente as práticas, tampouco um modelo de ação, visto que dele

não decorre imediatamente nenhuma regra técnica diretamente aplicável. Trata-se de um modelo regulador, de uma utopia promissora, que indica o objetivo, não o caminho (HADJI, 2001, p.22).

O autor fala sobre a avaliação formativa que deverá ter uma função informativa e corretiva. O docente deverá ser informado sobre os efeitos reais de seu trabalho pedagógico e ao aluno onde ele se encontra em seu processo de aprendizagem e quais são suas dificuldades. O docente, ao obter as informações de seu aluno, deverá modificar suas estratégias pedagógicas, sempre priorizando o desenvolvimento e respeitando o conhecimento prévio do aluno. Através da mediação do docente, o aluno deverá reconhecer seus erros e corrigi-los.

Segundo esse autor, existe uma parcela de avaliação formativa em toda avaliação contínua. Não existe ruptura total entre avaliação tradicional e formativa, pois um pouco desta encontra-se em qualquer pedagogia, mesmo na tradicional.

Perrenoud sustenta que este entendimento leva o professor a observar mais metodicamente os alunos, a compreendê-los melhor, de modo a ajustar, de maneira sistemática e individualizada nas suas intervenções pedagógicas e situações didáticas propostas. Tudo isso numa expectativa de aperfeiçoar as aprendizagens dos alunos.

Na visão de Benigna Maria de Freitas Villas Boas (1993), a avaliação que promove a aprendizagem do aluno, do professor e o desenvolvimento da escola é denominada de formativa. Não se avalia para atribuir nota, conceito ou menção e, sim, para que se conheça o que o aluno já aprendeu e o que ele ainda não aprendeu e, dessa

forma, providenciar os meios para que ele aprenda. Avalia-se, também, para saber como foi desenvolvido o trabalho pedagógico de toda a escola e o da sala de aula, para que se identifiquem os aspectos que necessitam de melhoria.

A avaliação contínua abre maior espaço para um trabalho personalizado estimulando o aprendizado com foco no aprendiz e não necessariamente nos objetivos da lição oferecendo maior retorno tanto para o aluno quanto ao professor. A avaliação contínua, dentre outras vantagens, permite que o professor observe o desenvolvimento do aluno respeitando o tempo de aprendizagem deste. Ou seja, a avaliação contínua mostra o processo de outra forma, ela mostra os diferentes momentos na aprendizagem, momentos de altos e baixos.

36

Por depender mais da sensibilidade e do olhar técnico do professor, esse tipo de avaliação fornece mais informações que permitem a customização do trabalho do professor com base nas necessidades do aluno. Enquanto isso, a avaliação contínua irá mostrar de outra forma o processo, talvez nos mostrando os momentos diferentes através de diferentes tangentes.

A grande desvantagem da avaliação contínua é que, na nossa realidade, ela funciona melhor em salas com poucos alunos. Afinal, o professor deve conhecer cada um deles. Não só o nome, mas também o jeito de ser, aprender e pensar. É preciso conhecer seus gostos e expectativas. Sendo assim, monitorar uma sala com muitos alunos desfavorece um resultado justo nesse processo de avaliação.

Em lugares onde há uma tentativa de avaliar os alunos de forma contínua, o diagnóstico sai prejudicado por não haver critérios

delimitados, muitas vezes por falta de um maior conhecimento técnico por parte do professor e do quanto o resultado sofre interferências da subjetividade desse professor.

Considerações finais

As avaliações tradições devem ser reavaliadas e aprimoradas dentro de cada realidade da rotina de cada professor dentro de um processo pedagógico. Podemos ver grandes vantagens na avaliação contínua e formativa do profissional da educação, pois chegamos à conclusão de que o docente deva desenvolver esta postura avaliativa requerendo desconstruir e reconstruir uma nova concepção de prática da avaliação e romper com a cultura de memorização, classificação, seleção e exclusão, tão presente no sistema de ensino.

Assim, as mudanças sociais na forma de entender os processos avaliativos do sociólogo Zygmunt Bauman são mutáveis e dinâmicas e explica o processo de avaliação contínua e formativa, justificando um ensino globalizado dentro de um desenvolvimento social que o professor irá adequar com intervenções pedagógicas necessárias.

É importante salientar que o desenvolvimento harmônico das faculdades física, mental e social deve estar atrelado em toda a técnica de ensino, pois o ser humano é holístico, e este deve acompanhar todo o processo de aprendizagem. Para tanto, a avaliação formativa e contínua é uma aliada que fornece subsídios para a solução de problemas.

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BLOOM, B. S. **Human characteristics and school learning**. New York: McGrawHill, 1976.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed Ed, 2001.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens- entre duas lógicas**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

VILLASBOAS, B. F. **As práticas avaliativas e a organização do trabalho pedagógico**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1993

Novas formas de ensinar para novas formas de aprender

Ana Cláudia Silva Azevedo Diniz¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Vandeni Clarice Kunz³

Resumo: O mundo transformou-se, o conhecimento se expande a cada dia. Na procura por este conhecimento nos deparamos com métodos de ensino que dificultam a aprendizagem e o desenvolvimento de nosso intelecto, pois muito é ensinado, porém pouco se aprende. O objetivo deste

¹ Pós-graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: anaclaudiadri@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

artigo é levantar a problematização das práticas docentes, através de uma análise bibliográfica dos principais teóricos, buscando demonstrar que o professor que faz a diferença hoje é aquele que tem o prazer de ensinar para despertar no aluno o prazer de aprender. Os docentes são a ponte que conduz cada discente ao conhecimento, portanto, ele também deve ser um facilitador quanto ao ensino e a avaliação. Inovar é ter certeza de que o trabalho vai colher muitos frutos do saber e preparar grandes homens e mulheres para esse mundo que exige cada vez mais. Somos educadores; estamos aptos para transformar sonhos em realidade.

Palavras-chave: Professor; Alunos; Prazer; Conhecimento; Inovar.

40

Abstract: The world has become; knowledge expands every day. In the search for this knowledge we come across methods of teaching and learning that hinder the development of our intellect, because it is very taught, but little is learned. The purpose of this article is to raise the problematization of teaching practices, through a literature review of the main theoretical, seeking to demonstrate that the teacher who makes the difference today is that we have the pleasure of teaching to awaken in students the joy of learning. Teachers are the bridge that leads each student to knowledge, so it should also be a facilitator for teaching and evaluation. Innovate is to make sure that the work will reap benefits from the knowledge and prepare great men and women for this world that increasingly demands. We are educators; we are able to transform dreams into reality.

Keywords: Teacher; Students; Pleasure; Knowledge; Innovate.

Introdução

“Ah! Não vou fazer uma redação!”

Expressão comum entre os estudante e vestibulandos, que gera preocupações e a pesquisa em dicionário imediatamente. Ortografar correto dentro do regime da nossa língua portuguesa não é tão simples para muitos de nós. Desde a alfabetização, somos informados sobre a importância de escrever, e escrever corretamente; ao longo das series iniciais, vamos aprendendo regras e mais regras que nos ajudarão no bom desempenho na hora da escrita. E muitos se perguntam. Por que tantas regras? Como as aprender?

As normas da nossa língua são importantes para sua compreensão e habilidade no momento em que temos que ler e escrever, elas facilitam a aprendizagem, ainda que muitos possam discordar; é necessário aprendê-las. Antes de ensinar alguém a ler e grafar deve-se fazê-lo pensar e não apenas reproduzir o que se ouve. Em muitos casos uma escrita pobre é o reflexo de um pensamento pobre. Eis a tarefa para os educadores, de fazerem uma ponte entre o pensar crítico e a prática do que se aprende.

41

Desenvolvimento

Como vamos transformar os velhos métodos em métodos contemporâneos sem perder os valores e a essência da educação? O intelecto humano precisa expandir-se, e adquirir vigor, agudeza e

atividade [...] a mente deve idear, trabalhar e esforçar-se a fim de dar solidez e vigor ao intelecto (WHITE, 2007, p. 226).

Para ser um bom profissional da educação hoje, não basta apenas ter conhecimento e uma lousa, não é de hoje que se discursa acerca da inovação educacional, pois as práticas obsoletas não garantem mais uma aprendizagem de qualidade. Ensina-se muito, mas pouco se aprende. A aquisição da língua portuguesa é um exemplo de que inovar o ensino é preciso.

Dentro desta perspectiva não podemos deixar de mencionar os jovens modernos, aliás, a população de hoje que vive criando neologismos populares, cada região com sua diversidade de palavras que, de acordo com as regras gramaticais, estão “erradas” e nem existem segundo os dicionários. Por exemplo: “*nam mermam*.” No grupo social ao qual esta expressão é falada todos compreendem, mas nada de escrevê-la em redações e atividades escolares.

Aqueles que estão trabalhando diariamente na sala de aula se deparam frequentemente com esta situação. Quando a proposta é redação sempre aparecem palavras como: “*naum*”, “*vc*”, “*tdb*”. Parece brincadeira, mas na era da velocidade muitos desejam escrever rápido também. Não devemos ser rigorosos no ato de repreendê-los, afinal, comunicar-se assim faz parte do seu dia a dia, temos que concordar que isso é praticidade. O professor então tem que ser o poderoso. Ele tem que inibir este comportamento, essa forma de escrita nos trabalhos acadêmicos, ensina-los a fazerem diferença entre o momento formal e o informal.

Os professores encontram-se diante de vários paradoxos; por um lado são olhados com desconfiança, acusados de serem profissionais

mediócras e de terem uma formação deficiente, por outro lado, são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os consideram elementos essenciais para a melhoria de qualidade do ensino e para o progresso social e cultural. “Pede-se-lhes quase tudo. Dás-lhes quase nada” (NÓVOA, 1998, p. 34).

Educadores são treinados para instruir, corrigir e avaliar, entre outras funções, mas são sobrecarregados com diversas funções e inúmeras cobranças, esquecendo si de que existe toda uma comunidade educativa e que todos devem contribuir para o ensinar-aprender.

Muitos esquecem que cada aluno traz em si uma bagagem cultural, ele tem sua própria língua de acordo com o seu grupo social e não é tarefa fácil conduzi-los ao domínio da linguagem culta, muitos estão ali para estudar, mas não possuem motivação suficiente, muitos nem sabem porque estão estudando.

As escolas não são simplesmente locais de instrução quanta a comunicação formal, ali também é um ambiente social onde há uma troca de conhecimento, isso deve ser valorizado e analisado. Ainda há o conceito de “falar errado”. A pessoa pode estar falando de forma inadequada de acordo com o ambiente e não necessariamente falando errado. Que bom seria se todos nós falássemos “certinhos” conjugando os verbos com perfeição, coerência e pontuando tudo no tempo certo, mas isto não é tão simples assim. Afinal, quem disse que o mineiro quer deixar de falar “ô trembão” e o maranhense “perai”, mas nem se for obrigatório.

As pessoas mudaram, precisamos mudar a forma de ensinar

Faz-se necessário uma inovação por parte dos métodos adotados dentro da sala de aula, não dá mais para continuar com modelos educacionais desgastados, com os quais eu fui educada, alfabetizada, temos hoje alunos modernos precisamos de educadores com mente e métodos modernos e inovadores. Precisamos de novas maneiras de ensinar para novas maneiras de aprender. O que eu como educador tenho de novo para os estudantes? Não posso ignorar o ambiente social, econômico, político e todo o processo de ensino aprendizagem.

44

Os professores de ensino fundamental e médio, de modo geral, passam por um processo de formação pedagógica, desenvolvido no âmbito do curso Normal ou de licenciatura [...] o mesmo não ocorre com os professores de nível superior. Ainda que muitas vezes possuindo títulos de Mestre ou de Doutor, os professores que lecionam nos cursos universitários, na maioria dos casos, não passaram por qualquer processo sistemático de formação pedagógica (GIL, 2008, p. 15).

Estudos afirmam que as abordagens tradicionais não funcionam mais como antes. Exemplo: por que ensinar um aluno a ler vagarosamente se ler mais rápido é melhor? O aluno pode desenvolver a habilidade de fazer uma leitura mais acelerada e compreender perfeitamente o que se está lendo.

Felizmente, o ensino da gramática formal não tem nenhum poder sobre a perfeição da escrita gramaticalmente correta. Sem contar que

quando pensamos que finalmente dominamos a escrita, faz-se um novo acordo ortográfico, então, temos que nos atualizar, ou seja, aprender tudo novamente. Não é uma crítica, pois, o conhecimento é infinito e estar em constante processo de evolução e exige uma busca e inovações.

Há várias falhas na aprendizagem porque há varias imperfeições na forma de ensinar. Isso não ocorre somente na escola, pode acontecer em qualquer comunidade, e em especial no lar. Vivemos rodeados de informações e de maquinas que fazem de tudo, mas isto está causando um retardamento no pensamento humano como um ser racional capaz de absorver e desenvolver conhecimentos para o seu próprio benefício. Para a maioria é melhor assistir do que ler, é melhor comprar feito do que fazer, é melhor comprar do que plantar, enfim, não se faz uso da imaginação, criatividade, esforço pessoal; ler e escrever exige uma ação do pensamento, mas é obvio que cada cultura tem sua forma de analisar o conhecimento.

Há um excesso de informação, mas isso não significa que os alunos desenvolveram habilidades funcionais, que possuem consciência crítica, que possuem capacidade de pesquisa. A verdadeira alfabetização exige de nós leitura e diálogo com a partir do que se lê. O ensino só é eficaz quando atinge seus objetivos. Modificar um aluno para o progresso da escola, família, sociedade e nação é o principal deles.

O que os nossos alunos não sabem? O que vamos ensina-los? Aprender não é repetir o que nos é dito, mas é absorver, processar e transformar. Os brasileiros não são conhecidos como um povo que lê, e escrever então, muito menos, por tanto é necessário despertar uma paixão pela escrita. Os professores devem motivar os

alunos a amarem sua disciplina, em especial a leitura e a escrita. As escolas e faculdades estão cheias de discentes com baixo desempenho linguísticos e docentes que se veem impotentes, diante de tal situação. Já não é de hoje que os alunos estão insatisfeitos com o seu próprio desempenho escolar.

Os humanistas constituem os exemplos mais claros de adoção desta postura. Para estes educadores, é nos alunos que estão centradas as atividades educacionais; em suas aptidões, expectativas, interesses, oportunidades, possibilidades e condições de aprender. Os alunos são incentivados a expressar suas ideias, a investigar as coisas sozinhas e a procurar os meios para o seu desenvolvimento individual e social (GIL, 2008, p. 29).

46

Dentro das perspectivas educacionais a humanista tornou-se a mais adequada para os nossos dias porque o seu foco é o aluno, sua aprendizagem, com tudo aquilo que ele é, e tudo aquilo que ele necessita, a escola se adapta a ele e não ele a escola, o papel do professor é ajudá-lo a aprender.

Grande parte daquilo que apreciamos hoje é desenvolvido na infância, período no qual estamos mais sujeitos a aprendizagem, se não adquirimos o gosto pela leitura e escrita desde cedo seremos obrigados a aprender a fazer uso delas, aquilo que não se faz por prazer está longe da perfeição.

A leitura é indispensável para desenvolvimento e produção da escrita, isso facilitar a produção de pesquisas e artigos, desenvolvendo assim a intelectualidade. É interessante notar que muitos

não gostam de ler, nem escrever, mas nas redes sociais, nossa! Quantas pessoas lendo e escrevendo o tempo todo, trocando e-mails, mensagens, passam horas e horas nesse “vício”; diante de um livro e um caderno poucos sabem realmente o que fazer. A grande diferença que vale ressaltar é que online eles discursam o que querem e como consideram melhor e prático. Na sala de aula é diferente, geralmente quem propõe o assunto é o professor, o que muitas vezes não faz parte da vida real deles, e mais, tem que ser feito e falado de acordo com as regras.

Tecnologia em foco

O tempo passa e os ambientes sociais vão se transformando, inovando, aperfeiçoando, mas a sala de aula em grande parte do nosso país continua com o mesmo aspecto. É necessário algo mais atrativo e construtivo.

47

Se a tecnologia focalizada no aluno continuar sua trajetória de avanço, de que maneira se poderá imaginar a sala de aula no futuro? Os alunos chegam às respectivas classes. Equipes de química, como tubos de ensaio, reagentes medidores de pH e um calorímetro de bomba esperam por eles. Os alunos fazem experiências em que medem o efeito de mudanças na pressão, volume e temperatura dos gases. Registram seus experimentos no diário do laboratório e o professor faz a avaliação, dá a nota e devolve aos alunos (CHRISTENSEN, 2009, p. 111).

Esse é um ponto de equilíbrio para os educadores de hoje. Não podemos mais excluir a tecnologia do cotidiano, pelo contrário, deve se instigar o uso da tecnologia para favorecer a aprendizagem. Vamos usa-la para revolucionar nossa maneira de ensinar e continuar investindo em nossa formação profissional. Quando estudamos a Bíblia que foi escrita a mais de dois mil anos, lemos o texto, analisamos seu contexto, aplicamos em nossa vida hoje, fazendo uma avaliação pessoal, é dessa forma que precisamos fazer uso do conhecimento na sala de aula. Quem ainda não pensou- Porque tenho que estudar matemática se gosto de geografia? É porque não há uma aplicação focada na vida real do aluno.

48

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos, quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços entre o que estava caótico, disperso, integrando-o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido (MORAN, 2000, p. 23).

Nasce então mais uma tarefa para o educador, conduzir o aluno a sentir-se bem ao escrever, ao expor seu pensamento, a fazer uso prático do conhecimento e aberto às correções. Não deixemos que os esses seres tão espertos fiquem traumatizados diante de seus erros, pensando que nada sabem e que são incapazes. Volto novamente a mencionar a motivação, eles precisam sentir-se bem, com a imaginação aflorada, fazer uma viagem pelo tempo, espaço, viver o que vai escrever.

Se desde cedo todos os pais estivessem disponíveis para estarem sempre lendo algo para seus filhos teríamos melhores leitores e mais escritores.

A leitura seria um dos melhores exercícios e a escrita um dos maiores prazeres. Quantos conhecimentos escondidos dentro de cada aluno esperando para ser jorrado. Nada de agir com desprezo diante dos erros, eles são provas de que houve tentativas por parte deles, vamos aflorar o que há de melhor neles com a música, poesia, histórias, imagens; existe uma infinidade de opções. Muitos não aprendem porque as tarefas são realmente chatas, sem brilho e sem resultados esperados.

Se cada professor pudesse por um dia assistir sua própria aula ao vivo, qual seriam as reações? Precisamos ceder à era da novidade. Vale aqui lembrar que existem muitos professores sensacionais, excelentes, professores que são mestres no que fazem. Desfrutei do prazer de encontrar professores que deixavam uma expectativa no ar para sua próxima aula, eles tinham ótimos métodos, animavam a aula, olhavam para cada aluno com uma pedra a ser lapidada. Tive três maravilhosas professoras de língua portuguesa, elas me encantavam com suas aulas riquíssimas em conhecimentos.

49

Considerações Finais

A finalidade desta pesquisa é conduzir o trabalho docente por caminhos mais eficientes. Não foi oferecer ao professor soluções utópicas, métodos inovadores não nos faltam. É necessário ter um grande cuidado com o profissional que se coloca na sala de aula. Alunos são seres humanos que desejam aprender, serem aperfeiçoados, adquirir conhecimento e serem reconhecidos.

Independente da língua, da disciplina, hoje, desejamos novas maneiras de ensinar para novas maneiras de aprender, pois, o conhecimento continua em evolução. O professor continuará sendo o ser que traça um caminho para os seus alunos rumo ao conhecimento, em especial na sala de aula.

Então, vamos à busca do conhecimento, vocês que estão congelados! Você faminto agarrem-se ao livro, ele é um tesouro, vocês devem assumir a parte que lhes cabe, assumam a liderança. O que nos falta é uma postura mais ousada para fazermos a diferença.

Referências

50

CHRISTENSEN, C. M.; HORN, M. B.; JOHNSON, C. W. **Inovação na sala de aula:** como a inovação da ruptura muda a forma de aprender. Porto Alegre: Bookman, 2009.

MORAN, J. M.; MASSETO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas.** Campinas: Papirus, 2000.

GIL, R. R. A. C. **Metodologia do ensino superior.** São Paulo: Atlas, 2008.

WHITE, E. G. **Fundamentos da educação cristã.** Tatuí: Casa publicadora brasileira, 2007.

NÓVOA, A. M. S. S. **Éducation Comparée:** les sciences de l'éducation, pour l'ère nouvelle. Québec: Université de Montreal, 1998.

Interdisciplinaridade no curso de direito do Unasp-EC: uma análise do PPC do curso

Angélica Força Lamborghini¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Vandeni Clarice Kunz³

Resumo: Na tentativa de solucionar os problemas causados pela fragmentação do ensino, surge no cenário da educação mundial um método didático que propõe um modelo integrador das disciplinas

.....
¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: angélica_lamborghini@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

de um currículo, fazendo com o discente tenha um conhecimento amplo da matéria e esteja apto a resolver os problemas sociais. Trata-se da interdisciplinaridade. Ela surge no Brasil na década de 70, porém, apesar de se tratar de uma prática antiga, não é acatada em todas as universidades do país. Partindo dessa premissa, o presente trabalho tem como objetivo principal verificar se a interdisciplinaridade está presente no curso de Direito do Unasp-EC. Para que esse objetivo fosse alcançado, foram estabelecidos alguns objetivos específicos. São eles: conceituar a interdisciplinaridade; mencionar o papel dos professores na aplicação dessa técnica e analisar o projeto pedagógico do curso de Direito nessa instituição. O método utilizado no trabalho consiste em pesquisas feitas em livros e periódicos publicados em revistas eletrônicas, bem como em uma análise documental. Ao término da pesquisa chegou-se à conclusão de que a interdisciplinaridade consiste no principal método didático adotado pelo curso de Direito da instituição mencionada.

52

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Direito; Professor.

Abstract: In attempting to solve the problems caused by the fragmentation of education it arises in the scenario of global education a teaching method that proposes an integrative model of the disciplines of a curriculum, allowing the student to have a broad knowledge of the matter and being able to solve social problems. It deals with interdisciplinarity. It arises in Brazil in the 70s, but in spite of being an ancient practice, is not accepted in all universities

of the country. From this premise, the present study aims to verify if the interdisciplinarity is present in the law course at UNASP-EC. In order to achieve this goal, some specific objectives were established. These are: to conceptualize interdisciplinarity; mention the role of teachers in the application of this technique and analyze the pedagogical project of the Law Course in this institution. The method used consists on books and periodical researches published in electronic journals as well as in a documentary analysis. At the end of the research it was concluded that interdisciplinarity consists in the main teaching method used by the Law Course of the mentioned institution.

Keywords: Interdisciplinarity; Law; Teacher.

Introdução

Os métodos de aprendizagem são muito estudados pelos profissionais da área da educação e muito discutidos em livros, artigos e periódicos. É grande a busca por formas eficientes de transmissão de conhecimento em uma sala de aula. Com a fragmentação do ensino, ficou mais difícil transmitir o conhecimento relativo a uma única disciplina de forma proveitosa e significativa. Diante disso, surge no cenário da educação uma técnica inovadora que tem como objetivo a integração entre as disciplinas de um currículo, bem como o aumento da capacidade de aprendizado do

discente, fazendo com que os assuntos abordados sejam harmônicos entre si. Trata-se da interdisciplinaridade.

Esse método didático permite aos alunos superarem a visão fragmentada do ensino, fazendo com que eles tenham uma formação integral e global (LÜCK, 1994, p. 71).

E se tratando do curso de Direito, grande parte dos doutrinadores entendem que as matérias já são harmônicas e interligadas e que o curso foi fracionado em disciplinas apenas por questão didática (REALE, 2001, p. 3; TELLES, 2003, p. 2). Isso porque se trata de uma ciência única. Porém, como verificar a existência da interdisciplinaridade nesse curso? Em se tratando do Unasp-EC, será que o projeto pedagógico do curso de Direito contempla esse método de aprendizado? O presente trabalho visa identificar a existência ou não dessa integração.

54

Para conseguir responder a essa pergunta, alguns objetivos foram traçados. São eles: conceituar a interdisciplinaridade; mencionar o papel dos professores na aplicação dessa técnica e analisar o projeto pedagógico do curso de Direito nessa instituição. O método utilizado para que fosse possível cumprir os princípios propostos consiste na análise de materiais bibliográficos, incluindo a pesquisa em livros e artigos publicados em periódicos eletrônicos, bem como uma verificação documental do PPC do curso de Direito do Unasp-EC.

Não se pretende com esse trabalho esgotar o tema proposto, mas verificar se, mesmo que na teoria, o curso de Direito da instituição mencionada apresenta uma proposta de ensino interdisciplinar. Pretende-se também demonstrar que a interdisciplinaridade não deve

existir apenas no âmbito teórico, mas que deve ser praticada para proporcionar um conhecimento amplo e significativo.

Desenvolvimento

O assunto da interdisciplinaridade não é um tema atual. Desde a década de 70, no Brasil, ela já vem sendo estudada e considerada por profissionais ligados à área da educação como uma estratégia para o redirecionamento das técnicas de ensino e aprendizagem.

O marco dessa temática no território nacional é o livro intitulado *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, publicado em 1976 e escrito por Hilton Japiassu. Ele e Ivani Fazenda consistem nos maiores estudiosos e pesquisadores do tema no Brasil.

O problema surge ao tentar conceituar o referido termo. Japiassu (1976, p. 74) define a interdisciplinaridade da seguinte forma: “A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”.

Desta feita, a interdisciplinaridade pode ser entendida como uma forma de integrar as disciplinas de um curso fazendo com que elas tenham sintonia umas com as outras. Trata-se também de uma nova forma de pensar visando à produção de novos conhecimentos e a possibilidade de os alunos inter-relacionarem as disciplinas que compõem o currículo escolar, entendendo a sua relevância e conseguindo aplicá-las.

Ainda nesse sentido, Fazenda (1992, p. 41) conceitua esse termo como sendo “a colaboração existente entre as disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência. Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando um enriquecimento mútuo”.

Importa destacar que a interdisciplinaridade surge como uma forma de resolver o problema da fragmentação do conhecimento, fazendo com que o ensino seja dotado de mais significado. Porém, para que ela seja efetivada, é necessário que os professores e demais profissionais da área educacional estejam dispostos a ofertar um ensino de qualidade, abandonando, se necessário, práticas pedagógicas que não contribuam para isso.

56

O professor deve ser preparado e aberto para romper as fronteiras do conhecimento especializado e ser capaz de associar a sua disciplina à realidade. O docente que não consegue ligar a teoria à prática social desestimula a aprendizagem do aluno, levando-o a constantes indagações sobre a relevância do conteúdo estudado⁴

O docente precisa ter uma formação adequada para ofertar um ensino interdisciplinar. Ele é o principal responsável por efetivar esse método de aprendizagem. É importante que ele entenda que “interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende, apenas *vive-se, exerce-se*. [...] ela exige um engajamento pessoal de cada um” (FAZENDA, 1992, p. 56). Esse engajamento deve ter como ponto de partida uma atitude do professor.

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2pCqrXo>>. Acesso em: 3 de março de 2014.

O professor deve ter consciência de que trabalhando de forma interdisciplinar ele faz com que a teoria e a prática tenham relação, possibilitando assim a produção de conhecimento útil (LÜCK, 1994, p. 34). Conhecimento útil é aquele dotado de significado.

Insta frisar ainda que a interdisciplinaridade não se restringe à relação entre as disciplinas de uma grade curricular. “Trata-se do ato da interação entre todas as partes, ou seja, as disciplinas, professores e todos os envolvidos no espaço de ensino” (SANTOS; VIEIRA, 2011, p. 12).

Feitas essas considerações iniciais e entendido o que significa a interdisciplinaridade, vale tecer alguns aspectos importantes no que tange a esse método e sua aplicação no curso de Direito, especialmente no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC).

Em se tratando desse curso superior, grande parte dos doutrinadores entendem que as matérias são interdisciplinares entre si, visto serem interligadas e harmônicas. Nesse sentido, Miguel Reale (2001, p. 3) e Telles Júnior (2003, p. 02). Esse curso foi fracionado em disciplinas apenas por questão didática.

Durante cinco anos do Curso, matérias muitas e diversas são explicitadas e estudadas. Mas, reparem, todas elas se prendem umas com as outras. Relacionam-se pelos seus primeiros princípios, pelos seus fundamentos, pelos fins que almejam (TELLES JÚNIOR, 2003, p. 02).

Porém, mesmo as disciplinas sendo interligadas, muitas vezes a interdisciplinaridade não é praticada, pois essa prática exige a vontade e iniciativa dos professores em assim fazê-lo. Ou seja, deve ser planejada.

Desta forma, em se tratando do curso de Direito vale destacar que as Instituições de Ensino Superior são as responsáveis por efetivar uma formação ampla dos alunos, formação esta necessária aos profissionais dessa área. Para que isso aconteça, é necessário que a interdisciplinaridade esteja prevista no projeto pedagógico do curso (TAVARES; BEZERRA, 2006, p. 274).

A previsão desse método didático no PPC dos cursos demonstra o interesse da própria instituição de ensino em ofertar aos seus alunos um ensino de qualidade e diferenciado, fazendo com que eles se tornem profissionais pensantes e dotados de opinião própria, conseguindo ainda resolver os problemas sociais. Para que fosse possível verificar se a interdisciplinaridade está inserida na prática pedagógica do curso de Direito do Unasp-EC, pelo menos de forma teórica, foi feita uma análise do Projeto Pedagógico desse Curso (PPC). Este documento está disponível na coordenação do curso e foi disponibilizado pelos coordenadores.

Apenas a título de esclarecimento, impende mencionar que o PPC contém as diretrizes gerais de um determinado curso. Essas diretrizes referem-se às informações gerais sobre o curso, à organização didático-pedagógica, a administração acadêmica do mesmo e a bibliografia que deve ser utilizada.

Após a análise desse documento, percebe-se que a interdisciplinaridade é um dos objetivos visados e que norteiam o curso de Direito da referida instituição. Ela está inserida dentro de um dos princípios que dirigem a prática pedagógica do curso, qual seja, o princípio da integração dos componentes curriculares. Esse princípio visa a superação

da fragmentação do conhecimento e tarefas individualizadas entre as disciplinas, exteriorizando assim o conceito da interdisciplinaridade.

A formação interdisciplinar visada pelo curso de Direito do Unasp-EC é baseada ainda em três pilares que devem ser indissociáveis. São eles: ensino, pesquisa e extensão.

Esses três pilares permitem uma formação interdisciplinar pautada na superação, possibilitando a troca, cooperação, possibilidade de aprofundamento, a relação entre a teoria e a prática e ações que se desenvolvam a partir da, e sobre a realidade.

Essa troca de conceitos e métodos entre as várias disciplinas é proposta, portanto, por esse curso superior.

Ainda nesse sentido, vale destacar que o curso de Direito do Unasp-EC adota como eixo temático a “Cidadania e Direitos Humanos”. Esse eixo temático representa a abordagem interdisciplinar do conhecimento. Seu objetivo geral é desenvolver e estimular o exercício da cidadania em todas as suas acepções, bem como a defesa dos princípios básicos do Estado de Direito e do regime democrático, especialmente, no que tange aos Direitos Humanos e Cidadania.

Por fim, importa mencionar ainda que grande parte dos professores desse curso adota uma metodologia de ensino interdisciplinar nos seus planos de ensino. Ou seja, a interdisciplinaridade pode ser vista claramente, pelo menos nos planejamentos.

O que ocorre muitas vezes é que, mesmo prevista de forma ampla, ela não é praticada de fato. A real efetivação do ensino interdisciplinar só vai ocorrer, de acordo com Fazenda (1992, p. 52), quando as

barreiras existentes entre as disciplinas forem derrubadas, bem como as barreiras existentes entre as pessoas.

É necessário deixar a zona de conforto, a comodidade e se aventurar em busca de uma educação mais significativa, útil e baseada em novos métodos de aprendizagem. Para isso acontecer é necessário ousadia e amor pela profissão que o docente escolheu.

Considerações Finais

A pesquisa se propôs a verificar se a interdisciplinaridade está presente no curso de Direito do Unasp-EC. Para que fosse possível chegar a essa conclusão, foi feita uma análise do PPC desse curso. Antes, porém, o trabalho abordou o conceito da interdisciplinaridade, bem como o papel dos professores na aplicação desse método didático.

60

Depois de feita essa análise, chegou-se à conclusão de que a interdisciplinaridade consiste no principal método didático adotado pelo curso de Direito do Unasp-EC. Assim, percebe-se a preocupação dos gestores desse curso em transmitir aos alunos um aprendizado de qualidade, onde as disciplinas curriculares façam sentido e sejam interligadas.

Uma breve análise dos planos de ensino das disciplinas curriculares demonstrou que grande parte dos professores também procura incluir a interdisciplinaridade como método didático nos seus planos, estando em conformidade, assim, com o PPC do curso.

Portanto, conclui-se que o curso de Direito do Unasp-EC, pelo menos na teoria, adota a interdisciplinaridade como método didático

em seu PPC. Trata-se de uma instituição que entende a relevância dessa técnica para se alcançar um aprendizado significativo.

Referências

FAZENDA, I. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia.** São Paulo: Loyola, 1992.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 1994.

REALE, M. **Lições preliminares de direito.** São Paulo: Saraiva, 2001.

SANTOS, D. R.; VIEIRA, L. C. A importância da interdisciplinaridade no ensino superior. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 4, n. 2, p. 12, 2011.

TAVARES, E. F.; BEZERRA, G. C. Interdisciplinaridade: uma concepção emergente no ensino superior do direito. **Revista Direito e Liberdade**, v. 3, n. 2, p. 269-280, 2006.

TELLES, G. J. **Palavras do amigo aos estudantes de direito: bosquejos extracurriculares, proferidos no escritório do professor em 2002.** São Paulo: Juarez de Oliveira, 2003.

Interdisciplinaridade: um breve relato sobre o método do projeto integrador

Larissa de Almeida Dalcamini¹
Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²
Vandeni Clarice Kunz³

Resumo: Com o surgimento de novas especializações no mercado de trabalho, o ensino precisou se adaptar e estabelecer novos currículos que atendessem a demanda e com isso surgiu fragmentação do ensino. Novos estudos apontam para a interdisciplinaridade como um novo parâmetro para a formação completa do aluno, por isso, estratégias e novos métodos de

.....
¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: larissa_almeida7@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

64 ensino são implementados pelas instituições, afim de promover essa educação diferenciada que englobe teoria/prática. Um dos métodos é o projeto integrador, um trabalho anual que tem por objetivo promover a integração e interação da aprendizagem. O presente artigo busca responder a seguinte problemática: De que forma o método do projeto Integrador auxilia na interdisciplinaridade do ensino no curso de administração? Desta forma este trabalho tem como principal objetivo verificar como o método do projeto Integrador auxilia na interdisciplinaridade do ensino no curso de administração. Para tal, foi realizado uma pesquisa bibliográfica do tema, assim como uma análise descritiva do PPC do curso. Como resultado, observa-se que o projeto integrador é um grande aliado na busca de uma atitude interdisciplinar fazendo parte do processo, e suas contribuições favorecem sua viabilidade, porém, observou-se baseado em seu roteiro de avaliação que ainda existem alguns desafios ao projeto integrador devido a barreiras metodológicas impostas alguma vezes pelo próprio corpo docente.

Palavras-chave: Disciplina; Ensino superior; Interdisciplinaridade; Projeto Integrador.

Abstract: With the development of new specializations in the workplace, the current educational system has needed to adapt to new curricula which would meet this need, which resulted in the decentralization of learning. The latest studies point to the concept of interdisciplinary as the new paradigm for the full education of the student. Therefore, educational institutions have implemented new methods and strategies in order to provide for this unique type of education which incorporates

both theory and practice. One of these methods is the integrative project which is an annual work whose primary goal is to promote integration and interaction in learning. The present article seeks to answer the following question: In what way does the method of the Integrated Project help in developing the interdisciplinary skills for the Business and Administration degree? In this way, this article aims primarily to verify how the Integrated Project help develop the interdisciplinary skills necessary for the Business and Administration degree. In order to fulfill this objective, we have conducted a bibliographical research on the topic, as a descriptive analysis of the PPC of the course. Consequently, we have noted that the Integrated Project is a great ally in the quest for interdisciplinary attitude by being a part of the process, and its contributions favor its viability. However, it has also been observed based on the conducted evaluations that there are still some challenges to the Integrative Project due to methodological barriers that are impinging sometimes by the educational system itself.

65

Keywords: Disciplines; Higher Education; Interdisciplinarity; Integrated Project.

Introdução

Há algum tempo o ensino em seus diversos níveis vem passando por drásticas transformações no que diz respeito ao método e prática educacional passado em sala de aula para o discente. Juntamente com

a globalização e interesses particulares, surgiram a multiplicação de novas disciplinas para melhor especializar ao acadêmico e estas são incorporadas a estrutura curricular.

Sob a intenção de melhorar a didática, a fragmentação das disciplinas foi reproduzida no interior dos sistemas educacionais. Porém, o ensino separado causava uma metodologia enfraquecida que estudadas a parte não elevavam o intelecto e limitava as formações de ideias.

Estudar as disciplinas interligando entre si mostra como as matérias dependem uma das outras, Para Sversuti (2000), a Interdisciplinaridade é uma oportunidade para que várias ciências deem a sua opinião sobre o mesmo tema cada qual na sua contribuição tornando assim uma estratégia de ensino dando maior abertura a integração do estudo, pois o ser humano só se desenvolve a partir do momento que interage com ideias diferentes.

66

Identificando essa necessidade de interdisciplinaridade, o curso de administração do UNASP campus Engenheiro Coelho possui em seu projeto pedagógico do curso (PPC) a necessidade de um trabalho pedagógico integrado que não haja compartimentação de conhecimentos. Para ajudar na aplicabilidade do conceito teórico e prático é utilizado a cada ano o método do projeto integrador (PI).

O presente trabalho descreverá de forma breve o método do projeto integrador como um auxílio na construção de competências e buscará identificar possíveis vantagens e desafios da prática do PI.

O artigo apresenta uma análise descritiva do método aplicado baseada no PPC do curso de administração do UNASP- EC e a intenção de se relacionar com a interdisciplinaridade sob uma base teórica e buscará

responder a problemática: De que forma o método do projeto Integrado auxilia na interdisciplinaridade do ensino no curso de administração do centro universitário adventista de São Paulo campus Engenheiro Coelho?

Integração e interdisciplinaridade — Conceitos relevantes

No que tange a integração e interdisciplinaridade é importante o esclarecimento de algumas interpretações referentes a esse tema, uma vez que, o presente trabalho irá discutir um método intitulado de Projeto Integrador dentro da temática de interdisciplinaridade.

Analisando sobre a interdisciplinaridade, Japiassu (1976, p. 74) afirma que:

Interdisciplinaridade é o processo que envolve integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade de modo a superar a fragmentação de ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam exercer criticamente a cidadania mediante uma visão global do mundo e serem capazes de enfrentar problemas complexos, amplos e globais da realidade atual.

Para Fazenda (2011, p. 34) “a interdisciplinaridade perpassa todos os elementos do conhecimento, pressupondo a integração entre ele. Porém, é errado concluir que ela é somente isso”.

A integração não deve ser o seu fim e sim um momento da interdisciplinaridade. Diante disto, Fazenda (2011, p. 83) aponta para as diferenças:

A interdisciplinaridade é fator de transformação, de mudança social, enquanto a integração como fim em si mesma é fator de “estagnação”, de manutenção do status quo. Na Integração a preocupação seria ainda com o conhecer e relacionar conteúdos, métodos, teorias ou outros aspectos do conhecimento. Neste sentido é que permanecer apenas nela seria manter as coisas como elas se apresentam, embora de uma forma mais organizada.

Observa-se assim, o projeto integrador deve ser um processo no momento da interdisciplinaridade do curso e não apenas um apanhado de métodos e sobre junção de disciplinas.

A preparação do homem para o mundo deve através do ensino formativo, para tal, o artigo segue apresentando a interdisciplinaridade como um incentivo a formação de pesquisadores no contexto do curso de Administração.

68

O método do Projeto Integrador no curso de Administração do Unasp campus Engenheiro Coelho

Com os planos de ação interdisciplinares nas diretrizes curriculares, as instituições têm buscado cada vez mais destacarem na formação de seus alunos ferramentas estratégicas para o incentivo da pesquisa, interação curricular e incentivo a interdependência das áreas de conhecimento, possibilitando a compreensão da realidade (PAVANI, 2006).

O curso de Administração do UNASP-EC procura intensificar a visão interdisciplinar do aluno em uma área na qual impera a

tecnologia o dinamismo e estratégias econômicas. Isso ocorre também através do projeto integrador:

Seguindo o PPC do curso de Administração, lançado em 2012, a proposta do projeto integrador surgiu para atender as diretrizes curriculares nacionais quanto para responder à “falta de atividades desafiadoras” indicada pelos alunos em edições anteriores da avaliação institucional. O PI foi implantado no curso em 2008 e seu objetivo é promover a integração de conteúdo, alunos com alunos, alunos com professores e da escola com as organizações.

O projeto é realizado em grupos mistos, compostos por alunos de todas as turmas e leva os alunos a aplicar simultaneamente conhecimentos das diversas disciplinas da matriz curricular, desde métodos quantitativos, passando pelos conteúdos de formação básica e complementar, chegando até os conteúdos de formação profissional.

O de tema do projeto integrador muda a cada ano. É proposto pelo NDE e aprovado em colegiado. Em todas as temáticas, o projeto integrador deve envolver pesquisa de campo e levantamento de dados para a elaboração de proposta de negócios e/ou resolução de problemas organizacionais. Os alunos recebem um roteiro de trabalho e precisam cumprir algumas etapas e prazos durante o ano. O projeto é executado mediante estudo teórico, observação e levantamento de dados.

Ao final, os estudantes devem destacar, através de um trabalho escrito a apresentação em classe, auditório ou evento de exposição pública, o domínio da inter-relação teoria/prática e a interdisciplinaridade necessárias para a realização o projeto.

O projeto integrador parte de uma situação fictícia na qual analisa situações que acontecem no ambiente de trabalho, O PI possui algumas etapas que precisam ser cumpridas para apresentação do projeto, na estipulação de um prazo para a entrega das tarefas, na qual devem ser entregues juntamente com uma ata de reunião toda a discussão e as decisões tomadas até então. São estas:

Levantamento do Problema: Nessa etapa, os alunos irão formar a composição dos grupos. Deve ser identificado, descrito e documentado qual o Produto ou serviço o grupo irá trabalhar. Deve ser analisado qual a localização da futura empresa ficticiamente ira se instalar justificando a escolha e apontando os diferenciais do produto ou serviço.

Elaboração e planejamento das atividades: Nesta etapa, é realizada a análise do ambiente, identificando e descrevendo os impactos no mercado e seu perfil socioeconômico. É estruturado em forma de trabalho acadêmico seguindo as normas da ABNT é definido o orçamento do plano de negócios. É a vista dos aspectos gerais da empresa e possíveis imprevistos.

Implementação do projeto: sob orientação de um professor, são realizadas cada etapa do projeto, através de simulações empresarias ou experimentos em laboratoriais de acordo com o tema proposto, são identificados possíveis falhas, aperfeiçoadas possíveis pontos fortes e comparando resultados e apresentando assim cada individuo do grupo o seu parecer individual, o relatório final é impresso e entregue para a banca examinadora que fará a avaliação final.

Avaliação do Projeto: Essa etapa finalizadora consiste na entrega do relatório final na coordenação, juntamente com a defesa e

exposição do projeto definem o conhecimento do trabalho, a articulação em grupo e sua organização. O projeto possui um diferencial em sua avaliação. O projeto alcança sua media final através de 3 etapas: 1) Avaliação do individual de cada membro do grupo enviados para o professor coordenador 2) cada etapa será avaliada pelo professor responsável que verificará coerência exigida. 3) exposição dos trabalhos e defesa dos trabalhos melhores avaliados nas etapas até então. É realizado a classificação do 1º, 2º e 3º lugar como recompensa.

Essa estrutura de trabalho é identificada por docente e discente como uma pratica pedagógica de extrema importância, que incentiva habilidades profissionais antes não descobertas. Porém, o projeto possui algumas limitações que serão abordadas a seguir.

71

Possíveis Desafios

É inevitável que um trabalho deste perfil ofereça contribuições significativas tanto para a comunidade que vive, tanto para o próprio aluno com experiência vivenciada. Porém, ainda se encontra diversas barreiras para que a interdisciplinaridade ocorra no meio universitário.

Como apresentado anteriormente por Fazenda (2011), a interdisciplinaridade ao acontecer sugere que ocorra transformações de atitude, respeitando as contribuições de cada disciplina e sua relação com a realidade, eliminado a o status de superioridade que essas disciplinas possuem uma das outras, mesmo estando na mesma área de conhecimento, porem isso pode encontrar resistência por parte do corpo docente na qual prefere somente

a integração que significaria métodos vazios que sugerisse acomodação e justaposição de disciplinas apenas e não a “interação” entre elas.

Importante ressaltar a importância de cada disciplina para a contribuição na ciência, de acordo com Fazenda (2011, p. 89):

O que se pretende, portanto, não é propor a superação de um ensino organizado por disciplinas, mas a criação de condições de ensinar em função das relações dinâmicas entre as diferentes disciplinas, aliando — se aos problemas da sociedade. A interdisciplinaridade torna-se possível, então, na medida em que se respeite a verdade e a relatividade de cada disciplina, tendo-se em vista um conhecer melhor.

72 Em relação ao projeto integrador, observa-se que a mesma dificuldade é encontrada na forma de avaliação. A correção acontece de modo fracionado, ou seja, cada disciplina será corrigida pelo professor da área, o que não seria o ideal. Os professores deveriam se reunir para que aconteça a interação das disciplinas na hora da avaliação, cada um contribuindo para aquela etapa.

Evidentemente que nessas condições o aluno se sentira mais inclinado em realizar o processo todo de forma fracionada e observar a inter-relação ao final do projeto o que seria fora do esperado para esse processo, embora esteja realizando uma integração, deve-se pensar de forma interdisciplinar. A lição para este seria um trabalho mais sensibilizado e conscientizado sobre a temática junto ao aluno.

Algumas das principais limitações foram citadas acima, porém esse trabalho não pretende esgotar-se em si devendo servir de contribuição para diversos outros estudos.

Considerações finais

Observa-se que as contribuições do PI para a formação do discente são diversas. Atribuindo às competências dos alunos, o PI proporciona o contato direto com a realidade do ambiente de trabalho e a compreensão de forma interligada das disciplinas estudadas preparando-o assim para as diversidades do cotidiano. A apresentação do trabalho em forma de exposição também auxilia o aluno em seu desenvolvimento quanto a defesa do trabalho e seu conhecimento.

No presente trabalho foi possível entender que a interdisciplinaridade é a interação das disciplinas de modo que não apenas fiquem sobrepostas uma a outra de forma organizada, mas sim de maneira que o aluno possa obter uma nova postura frente a sociedade. Verificou-se que o curso de Administração incentiva a pesquisa e a interdisciplinaridade visando não apenas cumprimento do requisito das diretrizes nacionais, mas sim priorizando a formação de profissionais que estejam aptos a área de ciências sociais onde exige um ambiente dinâmico e desafiador. Para tal, o curso de Administração incentiva o método do PI, que integra as disciplinas e facilita no processo de interdisciplinaridade.

Porém, embora sejam variadas as contribuições do projeto integrador, observa-se que algumas barreiras podem ser vistas tanto por parte do discente quanto do docente universitário. Barreiras metodológicas e a não compreensão do que de fato seria a interdisciplinaridade colocam em risco a eficácia do projeto, que poderá ser entendido apenas como justaposição de disciplinas, não considerando a interação das mesmas.

Por fim, o presente artigo apresentou o projeto integrador como uma estratégia de auxílio para professores e alunos que buscam desenvolver todas as suas habilidades e competências, desviando-se da rotina e monotonia e explorando ao máximo o ensino-aprendizado. A autora considera relevante o método do projeto integrador para que ocorra a interdisciplinaridade, observando que as barreiras devem ser superadas para que o ensino evolua em todos os seus aspectos.

Referências

FAZENDA, I. **Integração e interdisciplinaridade do ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 2011.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

PAVANI, J. Interdisciplinaridade ou uma nova disciplina. **Filosofia e Educação**, v. 11, n. 2, p. 29-41, 2006.

SVERSUTI, N. B. A questão da interdisciplinaridade e a reestruturação curricular. **Mathesis: Revista de educação**, v. 1, n. 2, p. 39-47, 2000.

A interdisciplinaridade rumo á aprendizagem significativa no ensino superior

Thiago Silva Santos¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Vandeni Clarice Kunz³

Resumo: Sabe-se que a aprendizagem é objeto de estudo, pesquisa e discussão de grandes estudiosos dentro de duas grandes perspectivas: descobrir como aprender para descobrir como ensinar. E este artigo vem propor um diálogo entre a interdisciplinaridade e a aprendizagem significativa no ensino superior a partir da visão de Ivani Fazenda de

.....
¹ Pós-graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: thiagomusico.santos@yahoo.com.br.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

interdisciplinaridade e David Ausubel da teoria de aprendizagem significativa, questionando se pode haver um elo entre essas duas abordagens. Na discussão deste tema destacaremos os elos que o mesmo pode oferecer numa contribuição significativa de uma atitude interdisciplinar no ensino superior visando uma qualidade no fazer pedagógico. Também levando em consideração as particularidades que o ensino superior tem em sua construção e seu objetivo na educação, dentro da perspectiva de Ary Godoy. Sendo assim, em primeiro momento conceituaremos os dois temas e a partir daí concentraremos a discussão nos pontos relacionais do mesmo até chegar as conclusões. Porém com o objetivo de não esgotar o tema, mas sim, trazer novos olhares e contribuições.

Palavras-chaves: Interdisciplinaridade; Aprendizagem Significativa; Ensino Superior.

76

Abstract: This paper proposes a dialogue between interdisciplinarity and meaningful learning in higher education from the perspective of Ivani Farm interdisciplinarity and David Ausel theory of meaningful learning. In the discussion of this issue we highlight the links that it can offer a significant contruição an interdisciplinary approach in higher education that aims to do a quality in teaching. Also taking into account the particularities that higher education has on their construction and purpose in education, within perspective Ary Godoy. First time conceptualize the two topics, and then focus the discussion on the relational points of the same.

Keywords: Interdisciplinarity; Meaningful Learning; Higher Education.

Introdução

Sabe-se que a educação caminha para uma formação global do indivíduo, onde o processo ensino-aprendizagem seja cada vez mais significativo. E dentro desta perspectiva, cria-se uma necessidade no corpo docente de buscar reflexões e estratégias que levem seu educando ao desenvolvimento. Tal complexidade leva-nos a pensar no ato de ensinar, que desde a antiguidade até os grandes educadores da contemporaneidade vem sendo objeto de estudo e discussão.

Portanto, ao tratarmos deste tema devemos considerar que o mesmo tem extensão que levaria a vários outros estudos, análises e pesquisas. Mas, o dialogo pertinente no desenvolvimento deste texto, será análise da relação interdisciplinaridade aprendizagem significativa no ensino superior. Para isso vamos entender o que é interdisciplinaridade na proposta de Fazenda (1994) e também aprendizagem significativa de Ausubel (1982), para que no decorrer do texto encontremos algumas relações entre estes temas.

E dentro deste contexto, abordaremos o ensino superior que vem se desenvolvendo com suas peculiaridades, desafios e problemáticas que envolvem tanto o corpo docente como o discente. Que segundo Godoy (1988) tem o seu objetivo na formação de indivíduos sujeitos de sua aprendizagem, capaz de formular hipótese, planejar, encontrar soluções, estabelecer relações e inter-relações entre o conhecimento e sua realidade.

No entanto, como a interdisciplinaridade pode nos levar a uma aprendizagem mais significativa e profunda dentro destes

aspectos que segundo Godoy é importante no ensino superior? De que forma o professor pode ajudar seus alunos a ter aprendizagens significativas? Como a interdisciplinaridade pode ajudar neste contexto?

Sendo assim, ao propor este texto quero levá-lo a reflexão sobre esta prática no ensino superior que pode ser uma alternativa para melhorar a qualidade de nossas aulas e também da postura que temos sobre uma situação de aprendizagem significativa onde requer de nós uma atitude de interdisciplinaridade. Lembrando que não é fácil agir desta maneira, uma série de incertezas viram em nossa direção, porém elas podem servir de motivação para não desistirmos.

Desenvolvimento

Sabe-se que não existe um receituário de metodologias e estratégias perfeitas, que por si só resolva os desafios que os professores vivem dia após dia em suas práticas pedagógicas. Portanto, a busca por meios que nos levem o mais próximo do aprendizado significativo tem sido o desafio de cada educador ao longo de todo tempo.

E neste cenário que desde seu aparecimento nos anos 70, a interdisciplinaridade surgiu como apoio à educação, pois esta abordagem mais integradora da realidade, mesmo com outros enfoques, contribui para relação conhecimento à prática (DENCKER, 2002, p. 19).

Esta relação é um dos pilares que a educação em todos seus níveis preservar pois o indivíduo tem a necessidade de ter situações em

que o conhecimento seja algo prático e útil para sua vida. Mas o que é interdisciplinaridade? E como ela pode contribuir neste contexto?

Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. [...] A interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento. Pode-se perceber esse movimento em sua natureza ambígua, tendo como pressuposto a metamorfose, a incerteza (FAZENDA, 1994, p. 11).

Com essa definição a interdisciplinaridade ganha um sentido muito mais amplo e significativo no ensino, ela passa ser uma atitude diante do que fazer com o conhecimento e como transmiti-lo. Traçando assim um novo olhar para professores e também alunos que estão diante do desafio de aprender a aprender todos os dias.

79

Seus aspectos ocultos são os desafios e as supressas que enfrentamos no ato de ensinar e aprender que pode ocorrer de diversas formas, mas se não temos uma atitude de investigação, de sairmos do comodismo, de ultrapassar somente aquele que aparentemente está expresso, tendo como pressuposto a incerteza, certamente teremos uma mera compreensão de que seu significado que seria apenas uma junção de disciplinas e não teríamos quem sabe algo significativo na aprendizagem.

Mas então o que é aprendizagem significativa? Aprendizagem significativa é o conceito central da teoria da aprendizagem de David Ausubel. Segundo Marco Antônio Moreira (1999) “a aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação

relaciona-se, de maneira substantiva (não-literal) e não-arbitrária, a um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo”.

Segundo Ausubel (1982) para haver aprendizagem significativa são necessárias duas condições: o aluno precisa estar disposto a aprender, pois se só memorizar um conteúdo literalmente a aprendizagem será de uma forma mecânica. Em segundo lugar ele precisa ser lógico e psicologicamente significativo. O lógico depende da natureza do conteúdo e psicológico é a experiência que cada indivíduo tem. Essas condições são pressupostos básicos para esta forma de aprendizado, mas como a interdisciplinaridade pode nos levar a esta forma de aprendizado?

80 A todo o momento nós estamos tomando atitudes interacionais em situações que estamos inseridos no dia a dia, como por exemplo: resolução de problemas no trabalho, aprender chegar algum lugar, aprender desenvolver um assunto, uma compra no mercado, viagem ao exterior e etc. Existem pontos que nos agarramos e de uma forma “interdisciplinar”, independente da ciência que os “objetos” inseridos na situação pertençam, nós juntamos e chegamos a uma solução que pode tanto resolver, quanto causar mais dúvida, mas, é certo que chegamos a alguma conclusão significativa naquele momento.

Agora imagine estas ligações nas disciplinas que enfrentamos ao decorrer de um curso de graduação, o quanto não seria mais significativo se cada professor se encontra pontos que nos fizesse estabelecer relações lógicas quanto psicológicas significativas com a aquele conteúdo desenvolvido? Para que isso acontece na sua plenitude todo corpo envolvido num programa de curso deveria ter uma visão de

interdisciplinaridade não somente como algo que aproxima pontos em disciplinas distintas, mas algo que trouxesse significado profundo a aprendizagem que realmente trouxesse contribuições agregando novas descobertas. É por isso que interdisciplinaridade não é algo tão fácil de se trabalhar pois requer além de uma atitude, mas um profissional que vive a educação interdisciplinar em toda sua forma de pensar e agir em sala de aula e fora dela.

Todavia muitos problemas são encontrados quando se escolhe agir desta maneira. Quem sabe a própria instituição onde o docente trabalha, os colegas, os alunos que por estarem tão influenciados com a questão da departamentalização do conhecimento em áreas específicas acham que o professor está fugindo do assunto, a falta de tempo para troca de experiências e diálogos, o orgulho acadêmico, pois a a titulação muitas vezes separa parcerias e diante desses desafios o docente muitas vezes se encontra só e sem motivação pessoal para continuar seu trabalho interdisciplinar.

81

A possibilidade de eliminar tais barreiras resulta em uma motivação que liberta as instituições da inércia. No entanto, mais difícil que transformar as estruturas institucionais é transformar as estruturas mentais. Os empecilhos à não-fragmentação do currículo em disciplinas são variados, abrangem o desconhecimento do significado de projetos, a falta de formação específica para trabalhar com os mesmos, a acomodação pessoal e coletiva, até o medo de perder o prestígio pessoal, pois a interdisciplinaridade leva ao anonimato — o trabalho individual anula-se em favor de um objetivo maior — o coletivo (FAZENDA, 1994, p. 42).

A autora mostra que vários fatores estão envolvidos, mas o coletivo é o objetivo maior de uma abordagem interdisciplinar. E muitas vezes a interdisciplinaridade leva ao anonimato, você se sente só, mas isso não é motivo suficiente para não se envolver e realmente encontrar soluções e significado ao seu exercício pedagógico.

É por meio deste viés que interdisciplinaridade pode ser algo que realmente venha formar indivíduos que futuramente irão para sociedade com o conhecimento adquirido na academia e ao decorrer de sua vida profissional demonstrar o propósito de servir e contribuir. Por isso, estabelecer relações de disciplinas apenas para cumprimento de práxis ou somente por burocracia, não traz resultados significativos, é necessárias reflexões acompanhadas de ações que levem significado a tudo que é ensinado no ensino superior.

82

A sociedade atual exige que a universidade não somente capacite os acadêmicos para futuras habilitações nas especializações tradicionais, mas principalmente, que tenha em vista a formação dos mesmos, para desenvolver suas competências e habilidades em função de novos saberes que se produzem e que exigem um novo tipo de profissional (FAVARÃO, 2004, p. 2).

De acordo com a autora o ensino superior é marcado algumas vezes pela falta de estabelecer relações com a realidade, que se torna muitas vezes algo que é ainda acentuado. Os professores com a preocupação de levar seus alunos a aprenderem, os fazem dar importância ao conteúdo em si, e não a situação o qual o mesmo surgiu, gerando a aquela velha dissociação de teoria e prática.

E estes alunos levam todas estas tendências para suas práticas, deixando assim de se envolverem numa situação onde a interdisciplinaridade poderia fazer diferença e trazer para sociedade esses indivíduos com esta exigência de serem capazes de desenvolver competências e habilidades em função de novos saberes.

É importante salientar que a interdisciplinaridade não tira o valor das especialidades, e muito menos das disciplinas, pelo contrário ela contribui para o enriquecimento da mesma, mostrando ao indivíduo que aquele conteúdo pode ser muito, mas, rico e complexo, tornado assim amplo e não restrito. Mas, também útil em diversas áreas de conhecimento.

A interdisciplinaridade pode trazer à tona novos conhecimentos e comunicações entre áreas distintas e assim trazer respostas a problemas que uma única disciplina não era capaz de responder, muito tem sido sua prática no ensino fundamental, para criar uma relação entre conhecimento e realidade do aluno, mas já no em nível superior sua preocupação é trazer profissionais bem preparados para o mercado e a sociedade em si, com todos os seus problemas e desafios de desenvolvimento no mercado de trabalho. Porém, é de se notar que este é um desafio que requer muito estudo e aplicação e reflexão em tudo que é feito, pois sua dimensão torna muito vasta e complexa numa situação real de resoluções de problemas.

83

Considerações finais

E neste desenvolvimento social, econômico, acadêmico, científico, educacional que as universidades se encontram, e que se tem

a necessidade de desenvolver cada vez mais indivíduos capazes de interferir na produção de conhecimento mundial. Aprender interdisciplinarmente faz com que o formando o formador tenham uma experiência de aprendizagem única e ampla, mas para que isso seja bem-sucedido tudo que está envolvido precisa ser significativo, onde não encontramos significados nossa reação natural e descartarmos.

É por isso que temos a necessidade cada vez maior de uma aprendizagem que em todos os níveis de ensino seja significativa, para que realmente haja mudanças não só cognitivas, mas atitudinais e procedimentais no nosso sistema de educação. O ensino superior é maior responsável na formação de profissionais em todas as áreas de conhecimento e sobre ele está responsabilidade de uma formação adequada. Tudo muda e se transformar, e o ensino superior inserido neste contexto, não pode fugir desta realidade, os olhares, diálogos, reflexões, ações, discussões precisam ser encarados como algo que incansavelmente necessitam ser uma prática diária na vida do docente.

Em sua teoria, Ausubel (1982) apresenta um cenário de uma comunicação eficaz, que respeite e direcione o aluno como parte integrante desse novo caminho através de elos, termos e familiaridades a ele. Mas se essa não for uma realidade vivida pelo professor, se ele apenas ficar preocupado em cumprir seu conteúdo, ou fazer explicações de leituras que ele tem, ele provavelmente não terá muito sucesso na sua comunicação e teremos muitas lacunas no aprendizado. Ou senão apenas se preocupar numa atitude interdisciplinar, mas não significativa, a impressão será de uma distância sem fim entre uma

coisa e outra e ao invés de aprofundar um conhecimento será apenas uma maneira de confundir mais e mais o aprendizado do aluno.

Diante dessas particularidade e elos que a interdisciplinaridade e a aprendizagem significativa se relacionam, com o objetivo de realmente trazer novos conhecimentos sem descartar tudo aquilo que já se tinha, e transformar algo que era superficial em algo profundo e cheio de significado real. Essa deveria ser a preocupação de toda instituição de ensino superior e todo o seu corpo docente e gestor.

Sendo assim, é de se perceber que necessitamos de caminhar para uma reforma educacional e este estudo não tem o propósito de esgotar o tema, mas sim propor novos olhares para o mesmo.

Referências

85

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Moraes, 1982.

DENCKER, A. M. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo.** São Paulo: Aleph, 2002.

FAVARÃO, N. L.; ARAÚJO, C. A. Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior. **EDUCERE**, v. 4, n. 2, p.103-115, 2004.

FAZENDA, I. A. **Interdisciplinaridades: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 1994.

GODOY, A. S. **Didática para o ensino superior**. São Paulo: Iglu, 1988.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

A importância da didática no ensino superior

Lucas da Silva Barboza¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: Com o crescimento do nível superior tem exigido cada vez mais docentes qualificados, tanto para atender às exigências conteudistas curriculares quanto para a condução pedagógica, no espaço da sala de aula. O objetivo deste artigo é abordar no meio acadêmico

¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: lucasilvabarbos@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

a questão da ação didática em instituições de ensino superior, concebida como o desenvolvimento da docência e suas implicações no cotidiano da aula e da vida universitária. Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva que utiliza como fonte de dados uma pesquisa bibliográfica sobre a temática do estudo realizado fica a concepção de que alunos e docentes do ensino superior estão convivendo em lógicas de sentidos opostos, atravessadas por condições institucionais que propõe princípios didáticos que podem proporcionar um aumento da divergência dessas lógicas. Por fim, o professor tem que estar preparado a levar os conhecimentos de forma atrativa e incentivando o aluno a pensar, criar e participar de forma ativa nas aulas, estimulando a prática do ensino. A qualidade da educação superior depende de todos que ela compõe, principalmente dos professores e alunos.

88

Palavras-chave: Docência; Didática; Professores.

Abstract: With the growth of higher education has required increasingly more qualified teachers both trims meet the curricular requirements as to the content- pedagogical management in the classroom space. The purpose of this article is to address the issue in academia teaching of action in higher education institutions, conceived as the development of teaching and its implications in everyday classroom and campus life. This is a descriptive exploratory study that uses as source data a literature search on the topic. The study is the idea that students and teachers in higher education are living in logics opposite directions crossed by institutional

conditions that proposes teaching principles that can provide an increased divergence of these logics .Finally , the teacher has who is prepared to take the knowledge attractively and encouraging students to think, create and participate actively in class , encouraging the practice of teaching . The quality of higher education depends on everyone she composed mainly of teachers and students.

Keywords: Teaching; Didacticism; Teachers.

Introdução

Os grandes desafios que se impõem à prática docente no ensino superior referem-se às possibilidades de articular as duas ações didáticas — ensinar e aprender, sobretudo, no contexto de sala de aula. Nem sempre quem domina conhecimentos para sua atuação profissional sabe transpô-los para uma situação de aprendizagem. Sob essas condições, entende-se que dificilmente um professor consegue planejar, gerir e avaliar situações didáticas eficazes para o desenvolvimento da autonomia dos acadêmicos se não compreender os conteúdos próprios de sua área de atuação, que serão objeto de sua ação didática.

Num considerável período de tempo, mais especificamente, no ensino superior, dominava que para se capacitar um bom professor neste nível, seria necessário apenas uma comunicação fluente e conhecimentos relacionados à disciplina que pretendesse lecionar e desprezando qualquer formação complementar

na área da docente. Tomando como justificativa o fato do corpo discente das escolas superiores serem constituídas por adultos, diferentemente do corpo discente do ensino básico, constituído por crianças e adolescentes.

Dessa forma, a educação do adulto é posta em segundo plano. Todavia, há que se ressaltar que esse adulto possui uma profissão, anseios e necessidade de ser partícipe de suas conquistas. Adquire experiências que, em sua percepção, retratam maturidade e, como tal, desejam ser acolhidos. Não aprendem do mesmo modo que as crianças. Eles pressupõem ter sua personalidade formada, gerando assim, valores e crenças diversas, que afetam seu comportamento e forma sua percepção de mundo, norteando-os e movendo-os em direção às suas escolhas e seus processos de aprendizagem.

90

Docência Universitária

Adotando o consenso de que não necessitam do auxílio de pedagogos, estudantes universitários, por já possuírem uma “personalidade e rumo formado”, exigiriam de seus professores mais do que competência para transmitir os conhecimentos e sanar suas dúvidas. Por essa razão é que até recentemente não se verificava preocupação explícita das autoridades educacionais com a preparação de professores para o ensino superior. A preocupação existia, mas com a preparação de pesquisadores, ficando subentendido que quanto melhor pesquisador fosse mais competente professor seria.

Na maioria das instituições de ensino superior, incluindo as universidades, embora seus professores possuam experiência significativa e mesmo anos de estudos em suas áreas específicas, predomina o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e de aprendizagem, pelo qual passaram a ser responsáveis a partir do instante em que ingressaram na sala de aula (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 37).

Como se percebe, a questão da docência no Ensino superior ultrapassa os processos de sala de aula, colocando em pauta de discussões as finalidades dos cursos de graduações.

No Brasil, a formação de professores para o Ensino superior não está regulamentada sob a forma de um curso específico como na Educação Básica. De maneira geral, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (1996), admite que esse profissional seja preparado nos cursos de pós-graduação tanto *stricto sensu* como *lato sensu*.

Frente aos desafios postos para o ensinar, o domínio específico de uma área científica do conhecimento não é suficiente. O professor universitário deve desenvolver também outros saberes: pedagógico e político. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional não concebe à docência universitária como um processo de formação, mas sim de preparação para o exercício do magistério superior (PIMENTA, 2002).

Dada a concretização da democratização do acesso à universidade, a população que a frequenta, por sua vez, é muito diversificada em termos de cultura, e também a isso é preciso dar atendimento.

Os professores precisam, então, cada vez mais, ampliar e diversificar seus conhecimentos para o ensino, transformando suas práticas em função dessa realidade e dos contextos de atuação, ajudando os estudantes a aproveitarem plenamente os benefícios que o ensino superior pode proporcionar.

Cabe aqui salientar que um professor universitário, como o de qualquer outro nível, não necessita apenas de conhecimentos sólidos específicos na área em que pretende lecionar, mas também de habilidades pedagógicas suficientes para tornar o aprendizado mais eficaz. Além disso, precisa ter uma visão de mundo, de ser humano, de ciência e de educação compatível com as características de sua função.

As carências pedagógicas na formação do professor no âmbito universitário ficam claras nos levantamentos que são realizados com estudantes ao longo dos cursos. Boa parte das críticas são direcionadas aos professores com a “falta de didática”.

92

A construção da identidade do professor é problematizada em relação às diversas configurações das instituições universitárias, que têm seu corpo docente composto de um conjunto de profissionais com áreas de atuações diferentes que, em sua maioria, não tiveram formação inicial ou continuada para o exercício da profissão. Outro aspecto que pode ser citado é que cada pessoa detém conhecimentos diversos sobre a docência, que advêm da sua experiência escolar como aluno e também das reflexões que fez ao escolher a docência como profissão.

De acordo com Benedito e Ferrer (1995, p.57), os estudos têm mostrados que:

o professor universitário aprende a sê-lo mediante um processo de socialização em parte intuitiva, autodidata ou [...] seguindo a rotina dos “outros”. Isso se explica, sem dúvida, devido à inexistência de uma formação específica como professor universitário. Nesse processo, joga um papel mais ou menos importante sua própria experiência como aluno, o modelo de ensino que predomina no sistema universitário e as reações de seus alunos, embora não há que se destacar a capacidade autodidata do professorado. Mas ela é insuficiente.

Por essa razão muitos professores e postulantes à docência vem realizando cursos de Didática de Ensino superior, especializações, palestras, semana acadêmicas, seminários, disciplinas de pós-graduação.

Adotando que a profissão docente é atividade de educação, discutem-se os seus significados na sociedade da informação e do conhecimento e o papel dos professores universitários.

Com base na situação internacional, relata-se, que nas instituições educacionais nos países mais desenvolvidos tem crescido a preocupação com a formação e o desenvolvimento profissional dos professores universitários e com as inovações no campo da didática. Tal situação explica-se pela expansão quantitativa da educação superior e o conseqüente aumento do número de docentes. No entanto, boa parte, são professores improvisados, não preparados para desenvolver a função de pesquisadores e sem formação pedagógica, de acordo com dados da UNESCO (UNESCO/CRESALC,1996).

É perceptível que a sociedade contemporânea está mudando o papel das instituições de ensino e dos professores, os quais devem ser constantemente atualizados e em dia com a tecnologia. Portanto, um

professor que quer ser visto sempre como referência precisa ter consciência de que sua ação profissional competente não será substituída por máquinas nem convertida em suporte de aprendizagem. Os professores exercem papel imprescindível, insubstituível e essencial nos processos de mudança da sociedade.

O professor deve estar vigilante para ser como um integrante de grupo e jamais como uma autoridade pronta para exigir, demonstrando que está acessível para a participação junto com os discentes, prevalecendo dessas oportunidades para perceber os melhores recursos para facilitar a aprendizagem do grupo.

Faz-se necessário um professor que tenha flexibilidade mental para transgredir as fronteiras de sua própria disciplina, interpretando a cultura e reconhecendo o contexto no qual se processa o ensino (PIMENTA; ALMEIDA, 2011, p. 90).

94

De acordo com Masetto (2004), o professor nos dias de hoje, exerce a função de mediador pedagógico junto aos alunos. Ocorre uma troca de ideias e experiência de ambos os lados onde o professor, em muitos casos, se coloca na posição do aluno, aprendendo com a experiência deste.

A sociedade está em mudança, e para acompanhar esse dinamismo, os conhecimentos e as práticas dos professores também devem se configurar assim. Portanto, os professores necessitam serem pesquisadores acadêmicos, o que ocorre quando produzem conhecimentos novos, muitas vezes em função de um caso específico, por exemplo, sobre ensino e aprendizagem, sobre o desenvolvimento profissional

docente, sobre questões presentes no cotidiano das universidades que ainda não têm propostas bem delineadas.

Na realidade brasileira, porém, devido às condições de exercício profissional, nem sempre é fácil para os professores se tornarem professores-pesquisadores no sentido acadêmico. Entretanto, é necessário que se tornem professores reflexivos, pesquisadores da própria prática, e para isso o apoio as políticas públicas educacionais é imprescindível.

Não se discute a importância do conhecimento para o ensino, mas “saber o conteúdo” tem outro significado nos dias atuais, quando o conhecimento avança vertiginosamente e o acesso é facilitado a todos por diferentes mídias, como televisão, jornais, revistas, internet, entre outras. Pensando no âmbito universitário, minimamente o conhecimento está disponível nos livros escolares a que hoje muitos alunos têm acesso via distribuição gratuita por parte do governo. O acesso ao conhecimento está, assim, ampliado, mas questiona-se, muito propriamente, se esse acesso é ao conhecimento ou à informação.

A facilidade de obter informações/conhecimento de forma alguma diminui a responsabilidade dos professores frente ao saber o conteúdo a ensinar. Ao contrário, o conhecimento profissional precisa ser mais profundo, pois demanda saber como este se constrói para acompanhar o que ocorre com o avanço da ciência.

Quando se fala de “domínio” de conhecimento necessário para ensinar, é preciso compreender, então, o alargamento dessa ideia. Nesse “domínio” estão incluídos os conceitos e modos de construir o conhecimento em áreas/disciplinas específicas sim, mas também

conceitos e formas de construí-los no campo pedagógico. Além disso, ampliá-los com saberes de outros campos, como a cultura geral.

A prática, como não poderia deixar de ser, ensina muito e é sim uma poderosa fonte de aprendizagem para manter ou mudar o fazer. O professor aprende muito com a reflexão que faz sobre si, os alunos, os conhecimentos, as práticas, os valores, os objetivos educacionais etc. Tem-se a impressão de que a prática docente é um intenso renovar-se, e em certo sentido o é, entretanto, sem o estabelecimento de rotinas, um professor não consegue processar a quantidade imensa de informações que coleta durante as aulas, vivendo o cotidiano da profissão em constante sobressalto. Então as rotinas e as mudanças, as repetições e as improvisações ensinam coisas diferentes, e cada situação tem sua importância para quem quer continuar a aprender.

96

Considerações finais

A vivência na universidade ensina. Para cada universidade, para cada sala de aula, cada aluno, o professor precisa adequar seu saber e prática. Na confluência de visões, objetivos e interesses, a aprendizagem que leva à acomodação e a certo tipo de abandono da docência, uma vez que é preciso sobreviver às constantes propostas de mudança que chegam à universidade e à instabilidade dos contextos sociais que cotidianamente influenciam o ambiente escolar.

De acordo com Tancredi (2009), os professores aprendem com as teorias, as práticas, as pessoas e os contextos. A natureza individual e

coletiva das aprendizagens profissional são aspectos que não podem ser minimizados pelas instituições formadoras.

O professor constrói seu próprio conhecimento profissional, e faz isso de forma pessoal, processual, incorporando e transcendendo os conhecimentos que adquire nas fontes citadas e em outras que não o foram. Faz isso a partir dos conhecimentos e experiências que acumula ao longo da vida pessoal e da carreira. Naturalmente ele não aprende sozinho, pois a docência, embora tenha em certo sentido caráter individual, exige aprendizagem coletiva.

Entretanto, para usufruir dessas variadas fontes de aprendizagens, que estão à disposição dos professores, é preciso que eles estejam dispostos a aprender e a mudar. Se os professores não tiverem disponibilidade para a mudança, esta não acontecerá, por mais cursos e atividades formativas que frequentemente. Alterar a disposição para aprender é, pois, essencial para que as universidades realizem o trabalho político de formar as pessoas para um mundo em transformação.

97

Referências

BENEDITO, A. V.; FERRER, V. **La formacion universitária a debate**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1995.

MASETTO, M. T. Inovação na educação superior. **Revista Interface- Comunicação**, v. 8, n. 14, 2004.

PIMENTA, S. **De professores, pesquisa e didática**. Campinas: Papyrus, 2002.

PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. **Pedagogia universitária: caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **A docência no Ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

TANCREDI, R. P. **Aprendizagem da docência e profissionalização: elementos de uma reflexão**. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

UNESCO/CRESALC. **Situación de la educación em América Latina y Caribe**. Kingston: VII Conferência Regional de Ministro de Educación, 1996.

Desafio do ensino da disciplina de economia para a geração y em cursos do ensino superior

Loraine Winckler Staut¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: Este estudo tem por objetivo pontuar a dificuldade que os docentes da disciplina de economia, nos mais diversos cursos do ensino superior, têm para atingir o aluno da geração Y, cada vez mais

.....
¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: lolastaut@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

desinteressado e, normalmente incapaz de enxergar a importância dessa disciplina para a sua vida profissional. Diante disso, cabe ao docente, ao ministrar a disciplina de economia nos mais diversos cursos, fazer com que os alunos além de ficarem mais interessados, consigam sentir-se envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, de forma a atuarem não apenas como meros expectadores, mas, sim, atores que participam ativamente desse processo. O estudo baseou-se unicamente em pesquisa bibliográfica, focando em bibliografias recentes referentes às metodologias atualmente utilizadas no ensino de diversas disciplinas nos mais variados cursos do ensino superior e que podem ser aplicadas no ensino da economia. Observou-se que, atualmente, as metodologias ativas, entre elas podemos citar principalmente a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a Metodologia da Problematização (MP) e a Aprendizagem Baseada em Projetos, têm muito a contribuir com o docente da disciplina de economia, de modo que o professor pode aproximar os alunos da realidade, muitas vezes se utilizando de problemas reais que provoquem nos alunos a necessidade de se obter conhecimento para tentar resolvê-los, tornando assim o ensino da disciplina mais atraente e proveitoso para os alunos da geração Y.

Palavras-chave: Ensino Superior; Economia; Geração Y; Metodologias Ativas.

Abstract: This study aims, scoring the difficulty that teachers in the economy of discipline in various higher education courses, have to reach the student of generation y, increasingly disinterested and usually

unable to see the importance of this discipline to their professional life. Therefore, it is up to the teacher, to teach economics discipline in various courses, making students in addition to being more interested, able to feel involved in the teaching-learning process in order to act not only as mere spectators and yes, actors, who actively participate in this process. The study was based solely on literature, focusing on recent bibliographies related to methodologies currently used in teaching various subjects in various higher education courses that can be applied in the teaching of economics. It was noted that, currently, the active methodologies, among them we can mention mainly Problem Based Learning (PBL), the Methodology of Curriculum (MP) and Based Learning Project, have much to contribute to the teaching of economics discipline so that the teacher can bring students of reality, often using real problems which result in students the need to obtain knowledge to try to solve them, thus making teaching more attractive and useful discipline for students of Generation Y.

101

Keyword: Higher Education; Economics; Generation Y; Active methodologies.

Introdução

Ensinar a disciplina de Economia tem se tornado cada vez mais um desafio para os docentes do ensino superior, uma vez que por um lado os alunos da geração Y são tidos por desinteressados, mas, por

outro lado, os mesmos não conseguem compreender a importância desta disciplina na vida profissional.

Isso nos faz pensar em como trazer mais próximo da realidade dos alunos os conceitos que devem ser abordados na disciplina e com isso tornar interessante o estudo da mesma. Para ajudar neste intuito, surgem recentemente na bibliografia voltada para a docência do ensino superior, alguns métodos, entre eles as chamadas Metodologias Ativas, que nada mais são do que situações que possibilitam uma aproximação do aluno com a realidade, fazendo-o pensar na resolução de situações reais.

Vamos então, a seguir, por meio da bibliografia recente, abordar como trabalhar no ensino superior em diversos cursos, a disciplina de economia, de forma a ficar mais atrativa ao aluno desta geração Y.

102

Desenvolvimento

Para que entendamos o contexto em que estamos propondo as mudanças metodológicas de ensino, precisamos pontuar alguns conceitos. Vamos começar pontuando como os diversos autores caracterizam a geração Y e como esta se comporta frente ao processo de ensino-aprendizagem.

Hoje as tecnologias fazem parte da vida de praticamente todas as pessoas, porém a dita “Geração Y”, “Geração Eu”, “Geração Web 2.0”, ou ainda chamada de “Geração Net”, que é composta por pessoas da faixa etária de 18 a 26 anos, já nasceram expostas a toda sorte

de tecnologias. O que Simões e Gouveia (2009, p. 23) denominam “Nativo Digital”. Segundo Teixeira⁴ pontua, foi a primeira geração a ter seu crescimento totalmente em uma sociedade informatizada e com acesso online durante toda a vida. Esses estudantes têm sido expostos constantemente às diversas tecnologias e com isso, sofreram influências substanciais sobre as suas relações interpessoais e como veem o mundo.

Para Tapscott (apud SIMÕES; GOUVEIA, 2009), há uma predominância nesta geração de atitudes como a capacidade de fazer várias tarefas simultaneamente, a preferência pelo conhecimento ativo, pouca tolerância a atrasos na comunicação, além de mostrarem preferência por ambientes mais interativos, onde os mesmos assumem mais o papel de atores do que de meros expectadores.

Em contraponto, Twenge (apud SIMÕES; GOUVEIA, 2009) verificou que nesta geração recente de estudantes, o nível de respeito pela autoridade dos professores é bastante baixo e que os comportamentos eticamente reprováveis, estão cada vez maiores. Além disso, alguns autores como Oblinger, Barnes, Marateo e Ferris (apud SIMÕES; GOUVEIA, 2009) observam uma certa discrepância entre a naturalidade com que esta geração usa as tecnologias e a dificuldade de julgar a qualidade das informações que recebe e ainda aproveitá-las como literatura e aprendizagem. Com isso, se perde muitas vezes, segundo esses autores, o aspecto crítico das informações que se tem acesso. Esses alunos, muitas vezes, não conseguem transformar as informações fartamente recebidas em conhecimento.

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2q5qq8j>>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

Diante disso, muitos docentes na ânsia de atingir esta geração, tem focado o seu ensino no uso das diversas tecnologias hoje disponíveis tais como, aulas projetadas por *data show*, uso de telões, microfones, caixa de som e *rede wi-fi*, com acesso aos mais diversos materiais disponíveis na rede, além do uso de ferramentas como o *black board* ou *moodle*, como afirma Marinho (2014)⁵ ao tratar do trabalho do professor universitário ao ensinar a geração Y.

Mas a questão é, essas ferramentas e modos de ensino estão realmente atingindo esta geração? Será que na realidade, somente mudamos de lousa e giz para uma lousa eletrônica? Os alunos universitários da geração Y estão absorvendo o conhecimento necessário para a sua vida profissional?

104

Neste contexto, diante da geração Y, já descrita anteriormente e com as suas características peculiares, cabe ao professor tentar se aproximar ao máximo deles pedagogicamente, buscando meios didáticos de atingi-los e que com isso o conhecimento seja passado à diante.

No ensino superior, o ato de ensinar ainda é muito centrado no professor e na passagem formal de conhecimento deste para os alunos. As avaliações muitas vezes ainda são também estáticas, onde o aluno é avaliado em uma ou duas provas escritas e com elas o professor tenta avaliar se o aluno assimilou o conteúdo passado por ele, muitas vezes de forma oral em sala de aula.

Contudo, este método tem se mostrado falho muitas vezes frente ao modo como esta geração de estudantes age e espera ser percebido.

.....
⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2q6uWmJ>>. Acesso em: 10 de junho de 2014.

Não como meros ouvintes, mas como envolvidos no processo de forma a desenvolver o seu potencial criativo e participativo.

Segundo Teixeira,

Pesquisas indicam que o jovem Y prefere trabalhar com pessoas competentes que o ensinam em detrimento de trabalhar com alguém famoso e distante. O trato desse jovem é direto e franco e é isso que ele busca em seus antagonistas, chefes, professores, amigos, familiares e todos os outros com quem convive. Eis aí uma chave de conexão e de sucesso. Atingir o coração dessas pessoas, entendendo com empatia o que querem, colocando-se no seu lugar; fazendo-os acreditar e principalmente entender o que se está fazendo, não os subestimando, mas os orientando com firmeza e credibilidade — eis outra palavra mágica. [...]⁶

Neste sentido, as técnicas pedagógicas ativas-aplicadas têm se mostrado mais apropriadas e começam a ser utilizadas no ensino superior. São técnicas que estimulam os alunos a serem segundo Luce (2001, p. 107), “pensadores críticos e criativos, com capacidade para assumirem sua própria e permanente formação”. O professor, neste caso, atua mais como facilitador, tutor e parceiro do processo de aprendizagem do que como um transferidor de conhecimento puro e simples.

Levando em consideração estas características da geração Y, cada dia se torna mais imprescindível adotar técnicas e metodologias mais próximas dos alunos e que apresentem componentes que fomentem nos alunos a procura do conhecimento. Métodos mais

⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2q5qq8j>>. Acesso em: 20 de abril de 2014.

dinâmicos, interativos em que os alunos possam verificar no dia a dia a necessidade de se ter esse conhecimento.

Neste cenário surgem recentemente as chamadas Metodologias Ativas, que tem como ideias embrionárias, pressupostos já abordados nas teorias de Jean Piaget (2002) e Paulo Freire⁷, mas que hoje se traduzem em uma educação que busca apontar os caminhos para a autonomia dos alunos e criar nos mesmos uma consciência crítica e reflexiva no processo de ensino-aprendizagem. Basicamente, esses métodos buscam colocar um problema real, onde é escolhido um tema para exploração, que gera no aluno a necessidade de buscar o conhecimento. Por sua vez, o educador ativamente faz a aproximação crítica do aluno com a realidade.

106

As principais metodologias ativas e mais utilizadas no momento são: a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL); a Metodologia da Problematização (MP)⁸; e a Aprendizagem Baseada em Projetos. Berbel (2011, p. 25-40) ainda aponta outras metodologias ativas como o estudo de caso, o processo de incidente, a pesquisa científica, entre outras. Elas já estão sendo muito usadas e bem aceitas nas áreas de ensino em saúde, mas agora começam a ser difundidas nos ensinamentos de disciplinas de física, administração e economia. Veremos a seguir uma descrição de cada uma delas.

Começamos por definir a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), que segundo Ribeiro e Mizukami (2005) “a PBL é uma abordagem de ensino- aprendizagem colaborativa, construtivista e contextualizada

.....
⁷ Disponível em: <<http://bit.ly/2qXswrI>>. Acesso em: 10 de maio de 2014.

⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/2qv7TmO>>. Acesso em: 4 de abril de 2014.

que usa problemas da vida real para iniciar, motivar e focar a construção de conhecimentos”. Esta metodologia costuma ser aplicada para grupos de alunos, que com isso, aprendem a resolver questões reais com a colaboração de seus colegas e ainda permite que o aluno procure o conhecimento a fim de resolver a situação problema. De acordo com Sakai e Lima (1996), esta metodologia pode ser considerada formativa, uma vez que faz com que os alunos tenham atitudes ativas na busca do conhecimento.

Por sua vez, a Metodologia da Problematização (MP), que se assemelha em partes a PBL e também é bastante próxima do método científico, se caracteriza por utilizar o arco de Maguerez em suas cinco etapas, conforme apresentado por Bordenave e Pereira (2004). Para Berbel (1998) o método consiste em, a partir de uma realidade ou recorte desta, desenvolver uma solução passando pelos seguintes passos: observação da realidade; pontos-chave; teorização; hipóteses de solução e aplicação à realidade (prática).

Por fim, a Aprendizagem Baseada em Projetos “pode associar atividades de ensino, pesquisa e extensão” de acordo com Berbel (2011, p. 31), pois ela faz com que os alunos se envolvam em tarefas e um projeto para resolver questões ligadas à sua vida real, da vida fora da sala de aula. Nesta metodologia os alunos lidam muitas vezes com questões interdisciplinares, tomam decisões sozinhos e em grupo. Segundo Bordenave e Pereira (2004, p. 233) “o método de projetos deve passar por quatro fases distintas, sendo elas: a intenção; a preparação; a execução; e a apreciação.”

Podemos, portanto, perceber, que estas metodologias podem facilitar a aproximação do professor a esta geração Y e envolver este aluno

no processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que o aluno se perceba parte do processo, estimulando nele a busca pelo conhecimento. Além disso, estas metodologias vêm mostrando que são grandes potenciais para levarem os alunos a uma aprendizagem para a autonomia, onde o aluno saberá como buscar a solução dos problemas rotineiros em sua vida profissional, cumprindo com isso o objetivo maior do ensino superior que é preparar profissionais para a sociedade.

Considerações Finais

108 Ao observarmos a dificuldade de ser docente no ensino superior para a geração Y, e ainda ministrar a disciplina de economia nos mais diversos cursos onde não se tem muito interesse do aluno pela disciplina, faz-se necessário, da parte do professor, envolver o aluno no processo de ensino-aprendizagem de forma a convencer o aluno dessa geração, da importância desta disciplina na sua vida profissional, bem como fazer a relação da disciplina teórica com a realidade do aluno.

O docente pensando sob este aspecto, tem em suas mãos como ferramenta para auxiliá-lo neste processo as chamadas Metodologias Ativas de Ensino-aprendizagem, que permitem trazer ao aluno, problemas reais, onde os próprios alunos irão à procura de soluções e terão que buscar aprender os conceitos chaves da disciplina para isso.

O professor neste caso atuará como um curador das informações, um orientador do estudo, mostrando ao aluno qual informação realmente é relevante dentro do universo de informações hoje

disponíveis ao acesso de qualquer aluno. Sem dúvida, essas metodologias vieram colaborar com o professor no sentido de atrair o aluno para disciplina, como é o caso da disciplina de economia, bem como envolvê-lo no processo de ensino-aprendizagem.

Referências

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Ciências Sociais e Humanas**, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BERBEL, N. A. N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? **Comunicação, Saúde e Educação**, v. 2, n. 2, p. 139-154, 1998.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

LUCE, M. B. Prática acadêmica: metodologias e tecnologias em questão. **Revista Educação Brasileira**, v. 23, n. 47, p. 103-108, 2001.

PIAGET, J. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RIBEIRO, L. C.; MIZUKAMI, M. N. Quais os ganhos e prejuízos da adoção da aprendizagem baseada em problemas (PBL) para o docente? uma experiência no ensino superior. CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE

EDUCADORES, VII. **Anais de Congresso**. Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, Araraquara, 2005.

SAKAI, M. H.; LIMA, G. Z. PBL: uma visão geral do método. **Olho Mágico**, v. 2, n. 5-6, 1996.

SIMÕES, L.; GOUVEIA, L. B. Geração Net, Web 2.0 e ensino superior. **Novos Média, Novas gerações, Novas Formas de Comunicar**, n. 6, p. 21-32, 2009.

Metodologia para o ensino de línguas no ensino superior

Cleberon Luiz de Paula Neves¹

Ana Maria de Moura Schäffer²

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva³

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo apresentar de maneira bem prática algumas metodologias para o ensino de línguas no ensino superior, e em paralelo, discutiremos outros tópicos como: experiências, desafios na sala de aula e a importância da experiência no exterior para lecionar

.....
¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: cleberon.neves@unasp.edu.br

² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Graduada em Letras – Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: ana.schaffer@unasp.edu.br.

³ Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

uma língua estrangeira. Esses tópicos serão abordados para oportunizar aos estudantes de Letras — habilitação em inglês — um conhecimento maior da realidade educacional da área, preparando-os para uma inserção segura e bem fundamentada no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Metodologia de ensino/aprendizagem de língua estrangeira; Abordagem comunicativa; Pós-método.

Abstract: This research aims to present in a very practical way the methodologies for language teaching in higher education, and in parallel we will discuss other topics such as: experiences, challenges in the classroom and the importance of experience abroad to teach a foreign language. These topics will be addressed to create opportunities for students of the undergraduate language course - English qualification — to have a better understanding of the educational reality of the field, preparing them for safe and a well-based insertion in the labor market.

112

Keywords: Foreign language teaching / learning methodology; Communicative approach; Post-method.

Introdução

O domínio de uma língua estrangeira (LE) no contexto globalizado é um pré-requisito para alcançar o sucesso almejado de todos os

que buscam expandir seus horizontes. Muitas pessoas se dedicam ao estudo de uma LE para se adaptar às exigências do mercado, e outras ainda pelo prazer de adquirir um novo conhecimento e poder utilizá-lo para compreender melhor outra cultura e se sentir inserido em uma sociedade do outro.

Seja qual for o objetivo das pessoas com relação à aprendizagem ou o uso da LE, haverá um caminho de aprendizagem a ser percorrido cujo processo pode se dar ou não por meio de um professor. Quando pensamos nesse profissional, seja nativo ou não, supomos ser ele um agente da língua e da cultura que desejamos assimilar e que, consciente de nossa necessidade, nos ajude a desenvolver a habilidade de comunicação no idioma escolhido.

Diante disso, temos como propósito ao organizarmos este texto, discutirmos os pressupostos que têm norteado grande parte das discussões sobre o processo de ensino/aprendizagem de línguas no Brasil e, sejam quais forem, como alcançar os alunos com a língua estrangeira (LE) que, como o próprio binômio sugere, é estranha, e precisa se tornar familiar. Que tipo de metodologia seria melhor para alcançar grupos tão diversos, com realidades e interesses tão variados? Existiria um método capaz de alcançar tamanha diversidade? Como preparar os estudantes de graduação prestes a se tornarem professores de LE, a se tornarem mais autônomos em contextos de ensino de línguas tão precários como o brasileiro, visto que as próprias diretrizes curriculares dos cursos de Letras, aprovadas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação pelo Parecer 492/2001, homologadas pelo ministro da Educação em 4 de

julho de 2001 (DOU de 09/07/01 - Seção 1E, p.50), enfatizam a autonomia como prioridade na formação de professores de línguas? A crença de que para ser um professor de línguas de sucesso é preciso ter vivenciado a língua em algum contexto real tem lugar nessa discussão e, quem sabe, poderia “solucionar” as lacunas identificadas no processo de ensino-aprendizagem de LE.

Em paralelo às indagações levantadas, com o propósito de apresentar possíveis respostas a elas, trazemos relatos de uma pesquisa feita com 7 professores do ensino superior em várias universidades, sendo 4 com doutorado em Linguística Aplicada e 3 com mestrado em ensino de línguas, com o objetivo de verificar quais metodologias de ensino apresentaram um resultado melhor no contexto de ensino superior e, também, citar algumas atividades e experiências que podem auxiliar os futuros professores de LE. Como isso em mente, almejamos também oportunizar aos estudantes da Licenciatura em Letras — habilitação Inglês — o conhecimento da realidade educacional da área, preparando-os para uma inserção segura e bem fundamentada no mercado de trabalho.

114

Desenvolvimento - Considerações teóricas

Conforme apontam os resultados do II Encontro Nacional sobre Políticas de Línguas Estrangeiras, ocorrido em 2002, onde professores de inglês, autoridades educacionais e representantes de associações brasileiras de professores de inglês debateram

extensivamente o assunto, as escolas brasileiras não têm sido capazes de garantir a aprendizagem de línguas, a qual tem sido privilégio daqueles que têm condições de pagar um curso particular de idioma, contrariando o que determina a constituição brasileira em vigor (CONSTITUIÇÃO, 2002).

Ao se perceber as competências básicas exigidas para que alguém seja professor de língua estrangeira, o primeiro pressuposto que nos vem à mente é que, no mínimo, tenha as competências linguísticas e culturais mínimas para atender as exigências de um contexto de aprendizagem da LE. Segundo Larsen- Freeman (2010), isso faz com que o professor se sinta mais seguro ao transmitir o conhecimento e, da mesma forma, que os alunos aceitem e retenham melhor a informação. O segundo pressuposto é que conheça a importância dos métodos envolvidos para a obtenção do sucesso na arte de ensinar a LE. Segundo Lortie (1975), os métodos servem como um painel que auxilia o professor a trazer à consciência o pensamento que está por trás de suas ações. Nessa mesma linha de pensamento, a autora Larsen-Freeman (2010, p. 9) menciona que

quando os professores são expostos aos métodos e questionados a refletir sobre os seus princípios e se envolver ativamente com suas técnicas, podem enxergar de maneira mais clara o que fazem e o porquê fazem desse modo, se tornando conscientes das suas próprias premissas fundamentais, valores e crenças (nossa tradução)⁴.

.....
⁴ When teachers are exposed to methods and asked to reflect on their principles and actively engage with their techniques, they can become clearer about why they do what they do. They become aware

Outro ponto positivo relacionado ao conhecimento dos métodos é que ajuda a expandir o repertório de técnicas do professor e isso gera um crescimento profissional, à medida que o professor encontra novos caminhos dentro de outras linhas filosóficas, não apenas para cogitar novos princípios, mas testar novas técnicas. E, além disso, professores que possuem mais experiência têm um repertório metodológico mais variado e, portanto, presume-se que isso os ajude a lidar de maneira mais eficaz com a qualidade única e idiossincrática de seu aluno (ARENDS, 1998).

Conforme mencionado acima, a importância dos métodos na vida profissional do professor de LE é essencial e, por essa razão, se faz necessária a conscientização dos futuros educadores acerca desse assunto. Entretanto, devemos considerar que os métodos existentes não são como uma receita de bolo na qual você segue fielmente as etapas e obtém o resultado esperado. Depende, principalmente, do objetivo pretendido; ou seja, o método está subordinado ao objetivo, e só definimos o método quando temos um objetivo claro e plausível. De acordo com Prabhu (1990, p.162):

Não há um método melhor, portanto, significa dizer que um único método é o melhor para todos, já que existem variações importantes no contexto de ensino que influenciam o melhor. Variações relacionadas à situação social (política da língua, o ambiente da língua, atitudes linguísticas e culturais, fatores econômicos e ideológicos etc.), organização educacional (objetivos da instrução, limitações de tempo e recursos, eficiência

of their own fundamental assumptions, values, and beliefs.

administrativa, tamanho da turma, etnia da sala de aula etc.), fatores relacionados ao professor (status, treinamento, crença, autonomia, habilidades etc.) e fatores relacionados ao aprendiz (idade, aspirações, experiência de aprendizagem anterior, sua atitude perante a aprendizagem etc.)⁵

É importante destacar que existem diversos métodos de ensino, dentre eles, por exemplo, o método áudio lingual que foi dominante durante 1950 e 1960 nos Estados Unidos, influenciado por um forte apoio teórico behaviorista sobre a natureza da aprendizagem. A revolução Chomskiana e a ascensão da psicologia cognitiva em geral, desafiou a concepção de linguagem como um conjunto de padrões discretos que podem ser aprendidos por formação de hábito. Por conseguinte, uma grande variedade de métodos de ensino de línguas surgiu na década de 1970 e início de 1980 e uma maior preocupação com a competência comunicativa levou a uma maior unificação de metodologias conhecida como abordagem comunicativa. Porém, como Whitley (1993) mencionou, essa unidade essencial tem sido muitas vezes disfarçada por lutas acadêmicas internas e uma ênfase exagerada nas diferenças, em vez de focar nas semelhanças.

117

⁵ That there is no best method therefore means that no single method is best for everyone, as there are important variations in the teaching context that influence what is best. The variations are of several kinds, relating to social situation (language policy, language environment, linguistic and cultural attitudes, economic and ideological factors etc.), educational organization (instructional objectives, constraints of time and resources, administrative efficiency, class-size, classroom ethos etc.), teacher-related factors (status, training, belief, autonomy, skill etc.), and learner-related factors (age, aspirations, previous learning experience, attitudes to learning etc.)

Refletindo sobre a pesquisa

A seguir, para ilustrarmos na prática o que se pretende neste texto, apresentamos nos subtópicos abaixo alguns resultados obtidos nas pesquisas feitas com os professores de língua estrangeira de várias universidades, apresentando os relatos da experiência por eles adquirida em sala de aula. Seguiremos a ordem das questões feitas no questionário e teceremos considerações sobre tais respostas.

Metodologia aplicada em sala de aula

No que concerne às respostas obtidas por meio das entrevistas com os professores, foi possível identificar a preferência pelos métodos da abordagem comunicativa e pós-método. Isso pode ser exemplificado nos relatos abaixo, identificados como P1 = Professor 1; P2 = Professor 2 e assim sucessivamente:

P1: “Acredito que eu seria mais adepta da filosofia do *Post Method*, de acordo com Brown, H.D.”

P2: “Não posso dizer que sigo algum método específico, até porque vivemos numa era ‘pós-método’, como dizem alguns linguistas. No contexto do curso de tradutor e intérprete, creio que faço uma mescla entre ‘gramática e tradução’ (revista e atualizada, evidentemente; trata-se mais de uma abordagem cognitiva em que comparo inglês e português), e abordagem comunicativa com ênfase em *tasks* (tarefas comunicativas). Também abro espaço para atividades ‘audio linguais’”

P3: “Sigo a abordagem comunicativa”.

P4: “Como os alunos já falam e compreendem o idioma, as disciplinas são voltadas para reflexões das várias áreas da linguística e linguística aplicada. Não se adota um método específico, pois não há tampouco um único livro didático, mesmo para os iniciantes”.

P5: “Método comunicativo (CLT) sob abordagem humanística”

P6: “Procuo utilizar uma mescla de métodos, sobretudo apelando para recursos visuais, mas primo pela abordagem comunicativa. Ao mesmo tempo, gosto de dar aulas focadas em gramática, porém, através de gêneros textuais”.

P7: “Não creio ser possível trabalhar um método específico. Entretanto, procuro trabalhar com a metodologia voltada para a abordagem comunicativa. [...]”

Observa-se, por meio dos relatos, que muita ênfase foi dada à abordagem comunicativa e pós-método. De acordo com Brown (2001), o professor é identificado como mediador da aprendizagem promovendo situações de uso da língua. Se utiliza de jogos e dramatizações para que haja cooperação e comunicação entre seus alunos. Desse modo, o contexto social e cultural tem um valor maior. Um dos objetivos do professor é trabalhar os erros de modo construtivo, repassando-os com seu grupo em um segundo momento de revisão ou prática da língua.

Já o pós-método, mencionado nos relatos acima, é constituído de três parâmetros pedagógicos que segundo seu autor, Kumaravadevelu (2006), operam com princípios sobre muitos aspectos do processo ensino-aprendizagem. Esses princípios se tornam indicadores pedagógicos que nada mais são do que os participantes no processo de

ensino-aprendizagem, são eles: o aprendiz, o professor e o formador de professores. Cada um com sua função. O aprendiz pós-método é o aluno ativo e autônomo que possui a responsabilidade de aprender; ele aprende a aprender tornando-se um pensador crítico. O professor pós-método lida com todos os desafios curriculares, acadêmicos, administrativos impostos pela instituição de maneira dinâmica e autônoma e reflete sobre o seu ensino. O formador de professores pós-método desenvolve a capacidade dos professores de refletirem sobre suas experiências e métodos pedagógicos.

Desafios e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira em nível superior

120

A vida acadêmica proporciona muitas experiências, dificuldades e também desafios. O docente recebe um indivíduo com uma cosmovisão, sonhos, crenças e vontade de se aprimorar profissionalmente. Cabe ao docente lapidar essa “pedra bruta”, mostrar o caminho a percorrer em busca do conhecimento, do aperfeiçoamento profissional, e motivá-los a superarem obstáculos e fazerem a conexão teoria-prática. A seguir, algumas dessas dificuldades e experiências vivenciadas pelos docentes entrevistados são apresentadas:

P1: “[...] eu destacaria a falta de base linguística por parte dos alunos. As dificuldades de aperfeiçoamento, por parte dos alunos e a falta de equipamentos tecnológicos, por parte da universidade”.

P2: “Os desafios são muitos: diferenças de níveis numa mesma classe; déficits no conhecimento de inglês da parte dos alunos; falta de tempo para estudar da parte dos alunos (a maioria trabalha); deficiências estruturais do próprio curso (matrizes curriculares, ementários vagos etc); falta de definição de um ‘*syllabus*’ que possa trazer uma continuidade maior quando outro professor pega a turma em que você estava dando aula; falta de entrosamento entre os professores da mesma área para trocas de ideias; a ausência de pré-requisitos etc”.

P3: “Os desafios estão relacionados com a falta de interesse dos alunos”.

P4: “O fato de o aluno compreender a língua, antes de iniciar o curso de bacharelado, pode afetar seu grau de comprometimento com os conteúdos, predominantemente acadêmicos. Alguns alunos gostam dos estudos linguísticos, enquanto outros preferem os estudos literários, ou, ainda, estudos da tradução. O curso [...] não está preocupado com o ensino de língua propriamente dito, mas com a formação crítica e a reflexão do aluno sobre fatos de linguagem. Se o aluno não ler os textos sugeridos para as discussões teóricas, por exemplo, seu aproveitamento nas discussões não passa do nível superficial”.

P5: “Sim, assim como há desafios e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem em qualquer nível [...]. Especificamente no nível superior/graduação, o que se nota em maior proporção (em contraste com outros níveis) é a falta de empenho do aluno, a falta de vontade de se esforçar durante a aula, a falta de interesse em participar — principalmente daqueles alunos que dizem que estão no curso “só pelo português”, mas também pelos que querem se tornar professores de inglês. São sempre parte de uma minoria aqueles que dedicam à disciplina e se esforçam em praticar sua forma oral nas aulas. Felizmente, na especialização, as proporções se invertem bastante. A sensação que dá é que o aluno espera chegar à pós-graduação para começar a levar a língua a sério”.

P6: “O desafio existe sobretudo em cursos de licenciatura dupla (Português e Inglês), já que muitos alunos os cursam visando apenas ao ensino de língua materna, apresentando dificuldades imensas com o inglês, sobretudo por darem preferência ao português, alegando que seu foco não é o inglês. Porém, acabam por lecionar língua inglesa mais tarde”.

P7: “Os desafios são muitos que vão desde a resistência dos alunos, a carga horária insuficiente para a assimilação dos conteúdos, falta de material apropriado, laboratório de línguas, e turmas numerosas considerando o ensino de uma LE”.

Os dados coletados acima nos apresentam a realidade do ensino brasileiro e refletem a “motivação” e “esforço” de professores e estudantes brasileiros em relação a língua estrangeira. Essas concepções apresentadas pelos professores de que o aluno tem “dificuldades imensas com o inglês” ou da “falta de empenho do aluno, a falta de vontade de se esforçar durante a aula, a falta de interesse em participar” está de acordo com o que diz (CORACINI, 2003) sobre a frustração e falta de vontade gerada, ao se tentar controlar a língua estrangeira, pois a aprendizagem de LE, na maioria das vezes, segue um molde, um ilustre monitor, o que remete a Krashen (1987), cujo pressuposto é o de que os alunos deveriam ter um monitor ideal que pudessem usar sempre que apropriado e que este não interferisse na comunicação. Tal concepção pressupõe um processo de ensino-aprendizagem mecânico e previsível, o que só pode redundar em fracasso, como temos presenciado no ensino de LE brasileiro.

Observamos que outros fatores também foram destacados como desafios e dificuldades no processo ensino-aprendizagem,

tais como, deficiências curriculares, de infraestrutura e falta de entrosamento entre professores.

Experiências no exterior para quem ensina língua estrangeira: fundamental ou complementar?

Notamos que a maioria dos docentes considera a experiência em um país de fala inglesa enriquecedora e importante por questões linguísticas e culturais, porém não uma condição *sine qua non* para ser um “bom” professor de LE; antes o contrário, visto que não basta saber a língua para ensiná-la. Isso fica evidente nos relatos abaixo:

123

P1: “Acredito ser uma condição complementar porque, principalmente com o avanço tecnológico, vemos cada vez mais comum a realidade de pessoas que aprendem uma outra língua, se aperfeiçoa e é aptos para ensiná-la, sem nunca ter morado fora de seu país”.

P2: “Acho importante ter algum contato com um país de fala inglesa por razões linguísticas e culturais, mas não acho que seja fundamental no sentido de que quem nunca viveu em país de língua inglesa não possa ser um bom professor. Mesmo na era pré-internet, o autodidatismo produziu bons professores de inglês. Com a internet agora, tudo ficou bem mais fácil. No entanto, aconselho todos a ter alguma experiência no exterior, mesmo que seja breve. Excelente complemento, especialmente no mundo competitivo de hoje em que oportuni-

dades desse tipo estão ficando cada vez mais facilitadas”.

P3: “É uma condição complementar”

P4: “Acho muito importante a experiência de conhecer/morar em países onde a língua de trabalho é falada como primeira língua ou língua nacional. Dependendo dos níveis de ensino (turma, interesse dos alunos, currículo etc.), não creio que seja fundamental. De todo modo, acredito que só se adentra a discursividade de outra língua, quando se tem contato efetivo com ela e com a cultura e que se insere. De certo modo, isso pode ser feito por meio do contato com produtos culturais dos diversos países, mesmo que esse contato não seja in loco. ”

P5: “É muito importante ter em mente que a vivência no exterior é sempre uma experiência enriquecedora, mas ela não faz de pessoa alguma um professor — muito menos um professor bom. Alguns dizem que tal vivência amplia o nível de fluência, o que é verdade até certo ponto. Conheço vários indivíduos que nunca saíram do país e que são extremamente fluentes e precisos ao falar inglês. Também conheço algumas pessoas que moraram fora e que seriam hoje classificadas como falantes intermediário. Há também o argumento que tal vivência amplia sua visão cultural e pragmática. Mais uma vez, qualquer indivíduo que estudar essas questões formalmente aqui mesmo no Brasil terá o mesmo conhecimento ou até um pouco maior já que o que morou fora ficou preso e limitado às questões culturais do bairro onde morou. Logo, essa experiência pode ser classificada como suplementar para o processo de ensino (não é complementar, muito menos essencial) ”.

P6: “Não é fundamental. Longe disso. Morei fora e é fato que muitas pessoas, apesar de viverem anos no exterior, não dominam o idioma estrangeiro, en-

quanto há falantes fluentes que jamais deixaram o Brasil. Creio que a vivência no exterior seja benéfica no sentido de munir o professor com informações e curiosidades sobre a cultura da qual advém a língua ensinada, o que pode enriquecer suas aulas”.

P7: Penso ser uma condição fundamental por VIVER a experiência in loco, aprender vocabulário e expressões idiomáticas que não vemos em escolas de idiomas e sobretudo, falar da cultura de um país falante da LE que estamos trabalhando”.

Os relatos dos professores são corroborados por Rajagopalan (1997; 2002; 2004), para quem o sucesso de um professor não é garantido pela genética ou direito de nascimento, mas sim por meio de muita prática e qualificação. Outro fator importante a ser observado, é que o professor quando conhece profundamente e compartilha a língua materna do grupo ao qual leciona, de fato pode tornar o processo-ensino aprendizagem da língua estrangeira um sucesso, mas isso não é a única garantia para alcançar êxito. Em contrapartida, o professor não-nativo de inglês é também um estudante bem-sucedido e poderá auxiliar seus aprendizes no desenvolvimento e aperfeiçoamento de estratégias de aprendizagem que o mobilizaram a aceder à língua. Será mais fácil para esse professor identificar os pontos que apresentam maior dificuldade para a compreensão e emprego da língua.

Outro autor, Phillipson (2003, p. 195) defende que o ensino adequado de uma língua não necessariamente deve ser ministrado por um professor nativo, enfatizando que não há nenhuma comprovação científica de que um professor nativo seja mais eficiente no

ensino da língua que outro não-nativo. Ao contrário, para o autor, professores não-nativos podem ser tão bons ou melhores que os nativos se tiverem uma acedência bem-sucedida à língua estrangeira estudada, garantindo a habilidade de reconhecimento das necessidades linguísticas e culturais de seus alunos.

Experiências docentes no processo de ensino-aprendizagem

Nesse tópico apresentaremos relatos das experiências em sala de aula vivenciadas pelos docentes entrevistados. Tais experiências servirão de motivação e ideias para alcançar um resultado positivo num contexto ensino-aprendizagem. Veremos a seguir, a dedicação e compromisso dos docentes para com os seus alunos. Muitas vezes, conforme relatado, a busca pelo sucesso em sala de aula pode parecer “frustrante e ilusória”, porém o docente sabe que para obter o sucesso precisará ser resiliente e perseverante. É o que veremos nos relatos a seguir.

126

P1: “Não sei se tenho algo muito inusitado a relatar. Procuro sempre melhorar minhas aulas a cada semestre, e acho que ainda tenho muito que melhorar. No último semestre, dando aulas para uma turma de letras, senti a grande deficiência que tinham. Propus-me, então, a não ficar somente dando aula — e os alunos que se virem para aprender. Ao fazer os exercícios, pegava um aluno, colocava-o ‘no banco dos réus’, por assim dizer, sabatinava o aluno quanto ao exercício, detectava seus problemas e ia resolvendo. Depois pegava outro e

repetia o processo. Em suma, tentei fazer o aluno se responsabilizar mais por sua própria aprendizagem, sentir suas deficiências e correr atrás do prejuízo. Como iam ser professores, dei muito sermão (talvez tenha sido chato em alguns momentos etc). No final de semestre fiz o projeto de eles mesmos darem uma aula com base numa lista de exercícios previamente estudados em classe. Fiquei surpreendido com os resultados positivos. ”

P2: “Sendo a educação um processo de longo prazo, procurar resultados de sucesso pode ser algo frustrante, principalmente para o professor de idiomas e pode ser ilusório também. O que ele acredita ser resultado de sucesso pode ser apenas efeito de uma motivação momentânea e passageira. Sendo assim, procuro fazer o meu melhor com professora, sendo fiel às minhas crenças de ensino-aprendizagem e acreditando que cada tijolinho tem seu papel no processo todo, mesmo que fique invisível no final. ”

P3: “A elaboração de textos reais para a produção de um evento no dia da Hispanidad”.

P4: “Dentre vários exemplos, posso citar aulas de Prática de Pronúncia do Inglês. Um curso que, no início, era mais voltado para aspectos teóricos, foi totalmente modificado para um enfoque predominantemente oral e prático. A inversão de foco permitiu que, a partir do estímulo da prática os alunos fossem conduzidos, mais naturalmente, para as questões teóricas associadas ao que tinha sido praticado em sala. A prática estimulou a curiosidade para as explicações teóricas, principalmente para os alunos que já eram (ou pretendiam ser) professores do idioma”.

P5: “[...] três ações em minhas aulas que promoveram significativa mudança na forma como os alunos veem a língua e como a utilizam são tarefas centradas no aluno: atividades de descoberta de padrão estrutural, atividades de edição

textual (aplicado a frases contextualizadas), atividades de produção oral”.

P6: “Decidi submeter uma turma, certa vez, à composição semanal de textos em língua inglesa, envolvendo gêneros variados. De fato, o processo demandou esforço, tempo e trabalho, mas deu resultados. Muitos alunos que, no início do ano, tinham dificuldades graves, melhoraram consideravelmente suas habilidades de escrita. Como o processo ocorreu ao longo de um semestre, eles puderam praticar muito a escrita de vários tipos de texto. Além disso, eles tinham um feedback sobre cada texto, devendo montar um relatório dos erros detectados, apontando a correção para eles, claro, com meu auxílio. Houve grande progresso por parte de alunos que antes tinham dificuldades básicas”.

P7: “Uma experiência marcante, aliás 2, foi um trabalho com teatro. Os alunos foram divididos em equipes, cada qual com uma temática a desenvolver em uma situação criada por eles. Contribuiu tanto para a comunicação oral, como escrita.

128

Outra experiência foi trabalho com atividades lúdicas após a explanação dos conteúdos. Foi perceptível a motivação dos alunos e a participação efetiva”.

Nos trechos: “[...] ao fazer os exercícios, pegava um aluno, colocava-o ‘no banco dos réus’, por assim dizer, sabatinava o aluno quanto ao exercício, detectava seus problemas e ia resolvendo [...]”; “[...] eles tinham um feedback sobre cada texto [...]”; “A prática estimulou a curiosidade para as explicações teóricas [...]”, “[...] foi um trabalho com teatro. [...] contribuiu tanto para a comunicação oral, como escrita. [...] trabalho com atividades lúdicas. [...] Foi perceptível a motivação dos alunos e a participação

efetiva”, percebemos que os docentes dão eco ao modelo de educação progressista que, segundo Freire (2002), é elementar para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Freire, é importante que o professor tenha: conhecimento da realidade dos alunos; respeite os seus limites; estimule a capacidade de raciocínio e habilidade; tenha paciência, criatividade, criticidade, disponibilidade, afetividade; e não aceite discriminação.

Podemos observar que os relatos acima demonstram a dedicação, resiliência, e paciência dos docentes para com a formação dos futuros profissionais da língua.

Considerações finais

O objetivo para esta pesquisa foi de apresentar de uma forma prática as metodologias para língua estrangeira no ensino superior que tiveram um resultado positivo no aprendizado da LE. Em paralelo a esse propósito, outros tópicos foram também abordados, por exemplo, as dificuldades e desafios da sala de aula, a experiência no exterior do professor de LE e experiências de docentes ao lecionar a LE, tudo isso para oportunizar aos estudantes de licenciatura em Letras — Habilitação Língua Inglesa — um conhecimento maior da realidade educacional.

Observou-se uma preferência maior pelos métodos de abordagem comunicativa e pós-método. Acreditamos serem eles os que atendem melhor ao contexto ensino-aprendizagem de uma LE, na

atualidade. Conforme apontou a pesquisa, os professores sentem que a abordagem comunicativa e o pós-método suprem a necessidade de ensinar de uma forma efetiva a LE.

Com relação à pesquisa sobre a condição de ser fundamental ou não a experiência no exterior para ser um “bom” professor de inglês, resultados mostram que a competência não está apenas em morar no exterior, mas em ser capaz de gerenciar uma sala de aula em seus conflitos e ainda assim conseguir ensinar a LE de maneira prazerosa e eficiente. A responsabilidade de assumir o seu aprendizado é que faz a diferença.

Outro tópico da pesquisa que teve o propósito de dar uma visão maior sobre a vida do professor de LE no ensino superior foi o de desafios e dificuldades. Como já mencionado no trabalho, muitas são as dificuldades e desafios da profissão do professor no Brasil. Constatamos que além dos problemas com falta de motivação ou interesse por parte dos alunos, temos de ser dinâmicos para gerenciar crises internas entre professores, currículo, administração e, muitas vezes, infraestrutura. Porém, o amor à profissão nos faz superar tudo isso para termos ainda um sentimento de dever cumprido e satisfação.

E com o objetivo de compartilhar para crescermos juntos, o último tópico da pesquisa foi justamente o que os docentes fazem para transformar, muitas vezes, a “frustração” em contentamento. Conforme já mencionado, a busca pelo sucesso em sala de aula pode parecer “frustrante e ilusória”, porém o docente sabe que para obter o sucesso precisará ser resiliente e perseverante. Aqui foram apresentadas dicas práticas que poderão ser utilizadas, transformadas e recriadas de acordo com a necessidade do leitor.

Referências

ARENDS, R. **Learning to teach**. New York: McGraw-Hill, 1998.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. New York: Longman, 2001.

CORACINI, M. F. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, M. F. (Org.) **Identidade & discurso: (des) construindo subjetividades**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil- 1988. Artigos 205 e 206. Rio de Janeiro: Saraiva, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KRASHEN, S. D. **Principles and practice in second language acquisition**. New York: Prentice-Hall International, 1987.

KUMARAVADIVELU, B. **Understanding language teaching: from method to posmethod**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2006.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching**. Oxford: Oxford University press, 2010.

LORTIE, D. **Schoolteacher**: a sociological study. Chicago: University of Chicago Press, 1975.

PHILLIPSON, R. **Linguistic imperialism**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

PRABHU, N. S. There is no best Method. Why? **TESOL Quarterly**, v. 24, n. 2, p.161-176, 1990.

RAJAGOPALAN, K. Linguistics and the myth of nativity: comments on the controversy over “new/non-native Englishes. **Journal of Pragmatics**, v. 27, p. 225-231, 1997.

132

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua (gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

RAJAGOPALAN, K. The concept of “World English” and its implications for ELT. **ELT Journal**, v. 58, n. 2, p. 111-117, 2004.

WHITLEY, M. S. Communicative Language teaching: An incomplete revolution, **Foreign Language Annals**, n. 26, p. 1137-154, 1993.

Metodologias de ensino de química apropriadas para o ensino superior

José Cadis dos Santos¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: A escola é o espaço em que o conhecimento é partilhado e produzido a partir da relação entre professores e aprendizes de forma sistematizada. Por isso a escola provê experimentos voltados para a

.....
¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: agualimpakdz@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

aprendizagem da prática de química num contexto social onde reconheçam suas abrangências em atender necessidades, o que passa por pedagogias diferenciadas onde as desigualdades reais de capital cultural definem capacidades desiguais de compreensão e ação, e, portanto, revelam o poder desigual de julgamento e avaliação que precisam ser compreendidos por docentes e discentes a partir de uma análise técnica e de ações profundamente humanizadas. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo principal discorrer sobre o ensino da química por meio da pesquisa experimental, apresentar a relação que existe entre as pedagogias diferenciadas e as desigualdades reais que fazem frente ao aprendizado da química, visando eficiência e eficácia no ensino de aprendizes universitários, estes resultados são visíveis por meio da realização de experimentos laboratoriais.

134

Palavras-chave: Metodologias; Conduta; Roteiro; Experimentação; Pedagogias.

Abstract: School is a place where knowledge is shared and produced from the relationship between teachers and learners in a systematic way. There sore school provides focused experiments for learning chemistry practice in a social context where recognize their scopes to meet needs, which goes through different pedagogies where the real inequalities of cultural capital define unequal capacities of understanding and action, and therefore, reveal the unequal power of judgment and evaluation that need to be understood by teachers and students from a technical analysis and deeply humane actions. In this sense, this article aims to

discuss teaching Chemistry through an experimental research, present the relationship between the different pedagogies and real inequalities that make front to the learning of chemistry, aiming at efficiency and effectiveness in teaching college apprentices, these results are visible through the cost of laboratory experiments.

Keywords: Methodologies; Conduct; Script; Experimentation; Pedagogies.

Introdução

A despeito de quão fascinante deve ser o ambiente acadêmico e repleto de novas possibilidades para a construção do conhecimento, a lucidez e participação ativa do sujeito, passa por sua consciência ora orientada pela vergonha ou pela culpa gerando o medo que, como um dique, represa o saber que bem poderia correr livremente rumo ao oceano da sabedoria proativa. Esse medo é definido da seguinte forma:

Até que ponto o medo atua de forma autônoma, de dentro para fora, devido à aculturação, e até que ponto ele é adicionalmente reforçado de fora para dentro, pelo contexto cultural, religioso ou social? O medo é a sensação do ser humano de ter sido abandonado, entregue à própria sorte, sem a rede das estruturas de segurança, caindo no abismo (MÜLLER, 2013, p.188).

Além de um trabalho de competência e eficácia, a docência universitária exige a paz necessária àquele que precisa avançar

através da pesquisa para aprimorar essa prática, projetando no aprender a humilde segurança na construção de novos saberes, percebendo-se numa nuvem de mentes atuantes com esse “aprender” e mesmo objetivo.

Desenvolvimento

As pedagogias diferenciadas tiveram origem na revolta contra o fracasso escolar e as desigualdades, nos anos setenta, em plena ditadura militar, pressupondo um movimento reacionário urgente, para mim desprovido de maior reflexão e profundidade. Falando das pedagogias diferenciadas que propõem solução para esta discussão, Perrenoud (2000) disse, “Essa situação é, muitas vezes, fundada em análise rápida do próprio fracasso escolar e desigualdades”.

136

O fracasso é geralmente definido como consequência de dificuldades de aprendizagem e falta de conhecimento e competências. As hierarquias de excelência escolar têm lugar insubstituível para o êxito e o fracasso escolar, refletindo, em parte, a realidade das variações. De acordo com Boudieu (2007), o domínio do real proporciona classificações: “estratégias de distinção e hierarquia de excelência, que é uma prática mais próxima do ideal. Encontrar um ponto de equilíbrio exige uma acareação com as novas metodologias necessárias para um avanço significativo no ensino de química” (BORDIEU, 2007).

Sthiff (1982) mostrou que crianças, filhos de operários, se desenvolveram intelectualmente quando adotadas por famílias

de funcionários graduados. Isso mostra o peso determinante do conhecimento adquirido, o que é uma verdade complexa já que não se sabe o peso real do meio ambiente quanto às interações entre o inato e o adquirido. Não é possível calcular exatamente a influência conforme afirma Albert Jacquard (1978). Hoje universitárias aquelas crianças continuam apresentando limitações de aprendizagem denodadamente por manterem um paradigma, o que não contraria necessariamente a teoria de Sthiff embora este exemplo não a valide.

Cada família constrói seu próprio funcionamento em função de seu *status* social e afiliação a outras comunidades, já que cada família tem sua própria cultura e paradigmas segundo Troutot e Montandon (1988). A teoria do patrimônio genético e a do meio cultural se cruzam onde concluem que falta algo a certos estudantes para obterem êxito na escola. É perceptível na maioria dos casos, que a formação religiosa interfere neste processo positivamente por aproximar os indivíduos envolvidos a princípios imutáveis.

Tradicionalmente, as aulas laboratoriais para o estudo de ciências e química, seguiram firmes e insubstituíveis para a formação adequada do docente universitário. A experimentação laboratorial é, sem sombra de dúvida, eficaz quando a proposta é nivelar o conhecimento dos indivíduos a despeito de sua origem cultural com suas limitações peculiares observáveis entre universitários.

A necessidade de se usar estratégias metacognitivas quando se considerar que o processamento deva incidir sobre tarefas mais amplas e complexas foi demonstrada por Mayer (1996). Além disso,

precisamos extrair duas consequências práticas para a sala de aula enquanto espaço de apoio à construção de conhecimentos. Primeiro falemos de quem ensina: o professor.

O professor não pode falar depressa demais em suas exposições porque com isso estará colocando na memória de trabalho de seus alunos uma quantidade muito grande de elementos ao mesmo tempo. Ora, esse sistema é limitado. Como consequência, muitas informações irão perder-se por que com a sobrecarga da memória de trabalho os conteúdos também se vão substituindo rapidamente, antes que ocorra compreensão, elaboração, ou eventual tomada de notas por parte do ouvinte (ANDRÉ; PHYE, 1986).

138

Quanto ao aluno, é importante que tome notas dos conteúdos desenvolvidos pelo professor. É improvável que ele processe e armazene na memória de longa duração a enorme quantidade de itens informativos, que são apresentados linearmente. Caso não se chegue a realizar tais conexões de significado, não haverá aprendizagem significativa (GAGNÉ et al., 1993). Concluímos então que, a experimentação laboratorial passa obrigatoriamente pela teoria enquanto consideramos os envolvidos (docentes/discentes), ambos inseridos num contexto de cognição com seus detalhes inerentes a cada um desses segmentos, respeitando que não há dicotomia entre o físico e o psicológico quando se pensa trabalhar de forma efetiva.

A partir desse ponto, podemos entender a necessidade de teorizar o experimental através de procedimentos específicos

como a elaboração de roteiros, porém, o primeiro item é a segurança no laboratório que pressupõe o envolvimento de mentes organizadas e disciplinadas.

É necessário abolir definitivamente a ideia de que o laboratório é um local para lazer.

O conhecimento prévio das características de cada reagente envolvido no processo a ser executado (e de suas características no meio reacional) evita dissabores e acidentes. Em “laboratório, não pode haver o receio de procurar um químico mais experiente a fim de obter informações seguras” (CHRISPINO, 1991).

A conduta tem como ponto máximo a calma na realização da prática. O operador deve trajar os EPIs (equipamentos de proteção individual). Quanto à limpeza e método em laboratório, são vitais os seguintes itens: limpeza absoluta do piso e das bancadas; desobstrução de espaços úteis entre bancadas e corredores de acesso quanto a móveis e equipamentos; na realização da prática, sobre as bancadas devem estar somente os materiais específicos para aquele trabalho. “Conhece-se o bom químico pelo método, organização e limpeza com que desenvolve seu trabalho” (CHRISPINO, 1991).

A estocagem de reagentes químicos deve ocorrer em local específico: uma saleta de estoque, com prateleiras afixadas a altura razoável, em armários específicos. Reagentes perigosos devem ser estocados particularmente conforme suas características. “O bromo deve ser estocado em ampola imersa em água; ácidos fortes em frascos

especialmente fabricados para esse fim; hidretos redutores, em caixas com material inerte” (CHRISPINO, 1991).

Um modelo de aula: o roteiro de atividades experimentais

O roteiro de atividades experimentais apresenta quatro fases fundamentais e até corroborativas para o resgate de valores como a organização pessoal: 1. Objetivos; 2. Materiais; 3. Procedimentos e 4. Relatório do Processo. Como exemplo:

Atividade Experimental 1 — Solubilidade

Objetivos:

a) determinar a solubilidade de um sal em água, a diferentes temperaturas. b) reconhecer a influência da temperatura na solubilidade de um sal. c) construir um gráfico que relacione a solubilidade de um sal com a temperatura do sistema.

Material:

Água destilada; Nitrato de potássio; 1 balança de 0,1 g p/ 0,01g; 1 bastão de vidro; 1 béquer de 250ml; 1 bico de Bunsen; 1 botijão de gás combustível, com registro; 1 tubo de borracha, com paredes reforçadas, para conectar o bico de Bunsen ao botijão de gás; 1 folha de papel para gráfico; 1 pinça para cadinho; 1 espátula; 1 funil; 1 tripé para bico de Bunsen; 1 capsula de porcelana; 1 caixa de fósforos; 1 proveta de 50 ml; 1 tela de amianto; 1 termômetro de -10°C a 110°C; 1 vidro de relógio

Procedimento

- ◆ Determine a massa da cápsula de porcelana (m_1) e anote-a na tabela II
- ◆ Aqueça no bécquer, 50 ml de água destilada, até 10°C acima da temperatura determinada pelo professor.
- ◆ Adicione, aos poucos, nitrato de potássio à água do bécquer e agite com o bastão de vidro, procurando manter constante a temperatura. Para isso, diminua ou aumente a chama do bico de Bunsen. Continue adicionando o sal até que os cristais não mais se dissolvam. Que tipo de solução se obtém neste caso? Porque novas porções do sal não mais dissolvem?
- ◆ Apague a chama e deixe a solução esfriar até atingir a temperatura determinada PELO professor. Decante, então, cerca de 30ml da solução para a cápsula de porcelana, tendo o cuidado de não deixar passar nenhum cristal. Cubra a cápsula com o vidro de relógio para evitar a evaporação e, se for o caso, deixe-a esfriar até poder manuseá-la.
- ◆ Determine a massa da cápsula com a solução (m_2) e lance-a na tabela II.
- ◆ Aqueça cuidadosamente a cápsula contendo a solução, sobre a tela de amianto utilizando chama baixa e cobrindo a cápsula com um vidro de relógio, a fim de evitar projeções para fora do vaso.

- ◆ Deixe o sal secar completamente sem atingir o estado de fusão, pois, poderia provocar a decomposição do nitrato em nitrito e oxigênio. Evite que substâncias estranhas caiam no interior da cápsula, o que poderia causar uma explosão.
- ◆ Deixe esfriar, e transfira para a cápsula eventuais resíduos de sal que tenham se formado sob o vidro de relógio. Determine a massa da cápsula com o sal e anote-a.
- ◆ Aqueça novamente, agora sem o vidro de relógio, a cápsula com o sal, deixe-a esfriar, torne a determinar sua massa e anote-a.
- ◆ Repita o procedimento (9) até que a massa da cápsula com o sal permaneça constante; lance essa massa (m_3) na tabela II.

142

Tabela I: Ensino de Química

Massa da cápsula vazia (m_1)	
Massa da cápsula + solução saturada (m_2)	
Massa da cápsula + KNO_3 seco (m_3)	
Massa de KNO_3 presente na solução saturada ($m_3 - m_1$)	
Massa de água presente na solução saturada ($m_2 - m_3$)	

Preencha a 4ª e 5ª linhas da tabela II, efetuando os cálculos indicados. Qual a relação entre os resultados obtidos para essas linhas da tabela?

Utilizando os dados obtidos, calcule o coeficiente de solubilidade do KNO_3 em água, à temperatura em que trabalhou.

Anote o coeficiente de solubilidade que calculou na tabela I, desenhada no quadro negro. Pode chegar a alguma generalização sobre o efeito da temperatura na solubilidade do KNO_3 em água? Se puder, expresse-a, justifique-a e discuta-a com seus colegas e seu professor.

Construa, a partir da tabela I, um gráfico do coeficiente de solubilidade do nitrato de potássio em água, em função da temperatura.

Tabela II: Ensino de Química

143

Temperatura	Solubilidade do KNO_3 em água (g/100g)
20°C	
40°C	
60°C	
80°C	

Relatório do processo — procure descrever o processo praticado pesquisando outras aplicações deste mesmo princípio da Solubilidade.

Considerações finais

O ensino da química passa por metodologias pensadas por teóricos que refletiam de uma forma geral sobre a pedagogia. Há que se considerar que a exigência da igualdade evolui constantemente com a transferência das sociedades. Não basta hoje garantir o direito e obrigatoriedade da escolarização. Afirma-se o direito e o dever de aprender mais que ler e escrever e contar. Concordamos com Perrenoud (2000) em que a democratização do ensino surge quando medidas de progresso logístico proporcionam condições materiais de funcionamento para a escola pública; há reforma na estrutura das grades escolares; há luta contra a desigualdade e esta é levada ao nível do próprio ensino. Não estamos mais falando de uma democratização moderada promovida pelos partidos no poder para aumentar taxas de escolarização sem combater variações entre alunos vindos de classes sociais diferentes. Com base na experiência profissional podemos inferir que não há método pedagógico ineficaz. Ele sempre alcança a atenção e produz o crescimento de um indivíduo ou de um grupo.

Entretanto, é menos importante substituir uma metodologia do que inová-la, atualizá-la. Significa que, o que parece uma metodologia ultrapassada, pode ser eficazmente aplicado a determinado grupo.

A segurança, a abstração do experimental, da observação e do relatório não são apenas métodos antigos, são princípios de formação educacional.

Referências

ANDRÉ, T.; PHYE, G. D. Cognition, learning, and education. In: PHYE, G. D.; ANDRE, T. (Eds). **Cognitive classroom learning**. New York: Academic Press, 1986.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.

CHRISPINO, A. **Manual de química experimental**. São Paulo: Ática, 1991.

GAGNÉ, E. D.; YEKOVICH, C. W.; YEKOVICH, F. R. **Cognitive Psychology of school learning**. New York: Harper Collins/College Publ., 1993.

JACQUARD, A. **Eloge de la différence: la génétique at les hommes**. Paris: Seuil Publishers, 1978.

MÜLLER, K. W. **A Consciência na cultura e na religião: vergonha e culpa como fenômeno empírico do superego/eu ideal**. Curitiba: Editora Esperança, 2013.

PERRENOUD, P. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

As novas tecnologias e as mudanças na forma de ensinar e de aprender

Adriana Quint¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario me Paiva²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: O propósito deste estudo foi refletir sobre as mudanças na forma de ensinar e aprender decorrentes das novas tecnologias de informação e comunicação. O que requer inovação das práticas educacionais com a incorporação dessas tecnologias

¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: aquint@ig.com.br.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

digitais potencializadoras de novos textos e novas formas de pensar, dando lugar à multimídia na educação baseada em produção e desenvolvimento, autoria e potencialidade, gerando projetos e investigações com a exploração de aplicativos disponíveis na rede virtual. Estas questões exigem uma reflexão. É preciso repensar o papel do educador e também do aluno. Questionar a tradição, o modelo falido e criar um novo modelo onde aprender pode ser sinônimo de prazer. É preciso investir na formação dos professores e capacitá-los para enfrentar os novos desafios sem temor e levá-los a tomar os seus lugares como mediadores participativos. A aplicação e mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças. As novas tecnologias podem ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender mas se não mudarmos os paradigmas convencionais do ensino que distanciam os professores dos alunos só conseguiremos dar uma nova roupagem, uma aparência de modernidade no ensino, sem contudo mudar sua essência.

Palavras-chave: Tecnologias digitais; Prática pedagógica; Transformação.

Abstract: The purpose of this study was to reflect on the changes in teaching and learning due to the new technologies of information and communication that requires innovation of pedagogical practices with the incorporation of this digital technologies, generating new texts, new ways of thinking, giving way to multimedia in education based in production and development, ownership and potential, generating projects and investigations in exploring the apps available on the internet. These issues require reflection. It is necessary to rethink the role of the educator as well as the learner. To question the tradition, the obsolete model and create a new model where learning may be fun. It is necessary to invest in preparing the teachers and enabling them to face the new challenges without fear and lead them to take their place as participating mediators. The teacher's interface and application of the computer and other multimedia tools in class, depends, in part, on how he understands the transformation process and how he feels in relation to it all, if he sees the whole process as something beneficial, that may benefit his own work, or if he feels threatened and cornered by these changes. The new technologies can help us to review, to amplify and to modify many ways of teaching and learning but if we don't change the conventional paradigms of teaching that keep teachers and students apart we will only give teaching a new makeup, an appearance of modernity, not really changing its essence.

149

Keywords: Digital technology; Pedagogical practice; Transformation.

Introdução

O modelo de ensino que temos hoje com aulas expositivas maçantes e cronogramas rígidos teve sua origem a uns 200 anos atrás. Esse velho modelo já não atende as necessidades da sociedade moderna atual onde a tecnologia faz parte de nossas vidas de tal forma que não se pode mais conceber a vida sem essas novas tecnologias. No século XIX, a lógica e a criatividade podiam não ser tão importantes mas hoje são imprescindíveis devido às novas exigências de formação de indivíduos, profissionais e cidadãos. As tendências da modernização e globalização abriram um novo caminho para a educação que sem dúvida sofreu e ainda sofre grandes transformações e desafios, mas tem a seu dispor um mundo de possibilidades a explorar. Novas tecnologias oferecem esperança de meios mais eficazes de ensino e aprendizagem mas ao mesmo tempo geram confusão e até mesmo temor.

150

A sociedade que se configura exige que a educação prepare o aluno para enfrentar novas situações a cada dia num mundo em transformação. Assim, ensinar deixa de ser sinônimo de transferência de informações e adquire caráter de constante renovação e de construção do saber. Portanto, se a escola quiser se manter como instituição educacional ela precisa “se reinventar”.

Está claro que as instituições estão inseridas em ambientes que mudam rapidamente. O ritmo de mudança é tão acelerado que a criatividade e o pensamento analítico já não são opcionais e sim essenciais. Vivemos a era da informação. O mundo requer um processamento de informação cada vez mais ativo e o nosso modelo de ensino é essencialmente passivo.

Como disse Khan (2013) cada dia — em cada aula - a defasagem entre o que é ensinado às crianças e o que elas de fato precisam aprender se torna maior. A educação tem um papel de extrema importância nesse nosso mundo competitivo e conectado. A excelência é possível, a tecnologia e os recursos para isso estão disponíveis, mas o sucesso tem sido difícil de reproduzir e disseminar. A palavra mágica é inovação contínua.

A capacidade de criar e inovar passou a ser o grande ativo das organizações. A flexibilidade, a aptidão para resolver problemas, se comunicar, liderar, trabalhar em equipe e estar sempre aprendendo tornaram-se as competências mais valorizadas.

A educação no mundo e no Brasil vêm sofrendo novas intervenções nestes últimos 10 (dez) anos, no tocante à presença e implementação de tecnologias recentes na educação. As tecnologias podem tornar a educação muito mais acessível, de modo que conhecimento e oportunidade sejam distribuídos de maneira mais ampla e igualitária. Elas podem contribuir para que a educação seja mais portátil, flexível e individualizada. A tecnologia tem poder de nos libertar das limitações e incentivar a iniciativa e a responsabilidade individual, e mais, restaurar a empolgação no processo de descoberta e aprendizagem.

151

Desenvolvimento

Percebe-se que o tema inovação ganha espaço cada vez maior e se destaca na mídia, nos meios acadêmicos e empresariais. Isso torna a inovação uma ferramenta estratégica que estimula a competitividade.

As novas tecnologias potencializam novas formas de pensar, e novas práticas pedagógicas, dando lugar à educação baseada em produção de conhecimento geradora de projetos, investigações e enriquecimento mútuo. Proporcionando um lugar onde todos são bem-vindos e incentivados a fazer o melhor possível seguindo o ritmo das suas necessidades individuais.

Acrescenta-se que as teorias e práticas associadas às novas tecnologias na educação vêm repercutindo em nível mundial, justamente porque oferecem as ferramentas, objetos, e espaços à didática capazes de renovar as situações de interação, comunicação, e informação fomentando a colaboração, a criação e a livre expressão. O que a torna muito diferente daquela tradicionalmente fundamentada na escrita e nos meios impressos.

152

De acordo com as Diretrizes de políticas da UNESCO⁴ para a aprendizagem móvel um volume crescente de aparelhos móveis como telefones celulares e tablets leitores de livros digitais (e-readers), aparelhos portáteis de áudio e consoles manuais de videogames são utilizados por alunos e educadores em todo o mundo para acessar informações, racionalizar e simplificar a administração, além de facilitar a aprendizagem de maneiras novas e inovadoras. Dados da UNESCO mostra que as tecnologias móveis são comuns, mesmo em áreas onde escolas, livros e computadores são escassos. À medida que o preço dos telefones celulares vai diminuindo, cada vez mais pessoas, adquirem aparelhos móveis e aprendem a usá-los, inclusive aquelas que vivem em áreas mais vulneráveis e remotas. Um número crescente de projetos

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/1JBMqJD>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

têm mostrado que tecnologias móveis são um excelente meio para estender oportunidades educacionais a alunos que podem não ter acesso a escolas de alta qualidade. Esses projetos estão introduzindo novas vias para a aprendizagem, e melhorando as ofertas educacionais existentes.

As pesquisas da UNESCO revelaram ainda que os aparelhos móveis podem auxiliar os instrutores a usar o tempo de aula de forma mais efetiva. Os estudantes podem utilizar as tecnologias móveis para completar tarefas passivas ou de memória, como ouvir uma aula expositiva ou decorar informações em casa, assim têm mais tempo para discutir ideias, compartilhar interpretações alternativas, trabalhar em grupo e participar de atividades de laboratório. A aprendizagem móvel oferece portanto, mais oportunidades de encontros mais produtivos entre professores e alunos para se aprofundarem mais no assunto, tirar dúvidas, refletir e chegar a conclusões abertas e criativas. Forjando uma aprendizagem mais ativa e automotivada.

A aprendizagem móvel além de assegurar o uso produtivo do tempo em sala de aula e permitir a aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar oferece outros onze benefícios particulares citados pelo documento de diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel. Considera-se de grande relevância mencionar o auxílio a estudantes com deficiências.

UNESCO, lê-se:

Graças à integração de tecnologias de edição de texto, transcrição de voz, localização e de texto por meio da fala, os aparelhos móveis podem melhorar dramaticamente a aprendizagem de estudantes com deficiências físicas, sem fazer

distinção entre comunidades com muito ou pouco recurso. A Rede Cambridge para África, por exemplo, lançou recentemente um programa que estimula a participação de crianças com deficiência auditiva matriculadas em escolas em Uganda. Os estudantes utilizam aparelhos móveis e um sistema inovador de Serviço de Mensagens Curtas (SMS) para ter acesso ao currículo e interagir com os colegas. Para estudantes com deficiência visual, os programas disponíveis gratuitamente podem, por exemplo, transformar um telefone celular equipado com uma câmera em um instrumento que lê textos em voz alta. As tecnologias móveis podem auxiliar também os estudantes com deficiências de aprendizagem. Pesquisadores do Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian descobriram recentemente que textos podem ser reformatados em aparelhos digitais com pequenas telas, para melhorar a velocidade e a compreensão da leitura de indivíduos com dislexia. Descobertas como essas levaram à criação de aplicativos de celulares adaptados para pessoas que enfrentam dificuldades para ler, devido a alguma deficiência.⁵

UNESCO, pesquisas indicam ainda que:

Mitigar as interrupções educacionais em áreas de pós-conflito e pós-desastre acelera a recuperação e ajuda a reconstruir sociedades frágeis. Os aparelhos móveis podem, assim, ajudar a assegurar a continuidade da educação durante tempos de crise. Assim que, a aprendizagem móvel é especialmente indicada para estudantes em áreas em situação de pós-criese. Por exemplo, depois de uma enchente ou de uma guerra, em muitos casos, os estudantes podem utilizar recursos educativos e conectar-se com professores e outros estudantes

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/1JBMqJD>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

por meio de aparelhos móveis, mesmo quando as escolas e universidades estão fechadas ou não oferecem segurança.⁶

A tecnologia não deve ser temida, mas acolhida e usada com sabedoria e sensibilidade pelos professores que desejam se dedicar a funções mais nobres como inspirar, orientar e expandir as perspectivas dos alunos. Tornando a sala de aula numa oficina de cooperação mútua em vez de mera exposição e escuta passiva. O uso de novas tecnologias educacionais configura-se como uma estratégia que, se incorporada com propósito, planejamento e eficiência, pode trazer diversos benefícios para os alunos, os professores, as escolas, as famílias, o país e, o mundo.

Os professores dos mais variados níveis de ensino devem, portanto, rever suas práticas cotidianas, e serem devidamente treinados nos conhecimentos necessários para trabalharem com as novas tecnologias, com vistas a propiciar motivação e aprendizagem a seus alunos. Assim sendo, com a mediação das ações pelo professor, que deve estar sempre aberto ao diálogo, os estudantes poderão produzir conhecimento numa linguagem próxima de sua realidade, utilizando-se da criatividade e valorização do que cada um sabe nessa ação coletiva.

A educação está em busca de novos caminhos. Processos de ensino e aprendizagem tradicionais não respondem mais às demandas do mundo contemporâneo, muito menos ao perfil do aluno do século XXI. O mundo mudou. As tecnologias digitais transformaram

.....
⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/1JBMqJD>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

as relações, os sistemas de produção e as formas de geração e circulação do conhecimento.

Silva (2001, p. 37), afirma que:

O impacto das transformações de nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem a sua temporalidade. E continua. Vale dizer que precisamos estar atentos para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial. É necessário pensarmos a educação como um caleidoscópio, e perceber as múltiplas possibilidades que ela pode nos apresentar, os diversos olhares que ela impõe, sem contudo, submetê-la à tirania do efêmero.

156

A contribuição deste estudo mostra os desafios à formação docente no tocante aos impactos que os avanços tecnológicos projetam na prática pedagógica e na educação, mas aponta também um lugar para as novas tecnologias como ação motivadora favorável ao processo de aprendizagem dos alunos em todas as disciplinas.

As inovações tecnológicas podem promover a qualidade da educação, expandindo o acesso à informação e aprofundando sua pesquisa, aproximando a experiência escolar da linguagem do aluno, fazendo com que o mesmo relacione o que aprendeu com sua experiência de vida. Despertando assim o interesse e o prazer de aprender. Alimentar a empolgação e o encantamento deveria ser a principal meta da educação pois um aluno motivado assumirá a responsabilidade por aprender ampliando as suas possibilidades de expressão, experimentação e autoria. E como diz Khan (2013) o verdadeiro aprendizado só se torna

possível quando o aluno assume a responsabilidade de aprender pois isso o faz se sentir dono de sua própria educação desenvolvendo atitudes positivas em relação à aprendizagem e à sua capacidade de aprender.

O princípio que deve nortear o uso eficaz das novas tecnologias na educação é o de que as decisões sobre quais recursos serão adotados e como serão utilizados, partam de uma reflexão objetiva sobre como contribuirão para o crescimento e aprendizagem dos alunos permitindo que realizem atividades mais estimulantes que desenvolvam competências e habilidades importantes (MAYER, 2005; SILVA, 2000). O foco precisa ser a aprendizagem, a integração, a autonomia e a colaboração.

Considerações Finais

157

As novas tecnologias têm proporcionado grandes mudanças na forma de comunicação, de divulgação e obtenção de informação e de conhecimento. Portanto, para que haja coerência as formas de ensinar precisam se ajustar às necessidades de uma sociedade altamente conectada e competitiva.

Numa época de mudanças sem precedentes onde todos somos bombardeados por informação, desconhecemos o que o jovem de hoje vai precisar saber amanhã. Um futuro assim tão incerto exige flexibilidade, criatividade, automotivação, iniciativa e, competência. Portanto, o que ensinamos aos nossos alunos é de pouca relevância, o que os jovens precisam aprender é como ensinar a si mesmos.

Acredito no poder transformador das novas tecnologias. Acredito em um futuro mais inclusivo e mais acessível. Mas é preciso que nós educadores estejamos preparados e engajados nessa jornada. Precisamos botar a mão na massa e nos arriscarmos a inovar e a usar as soluções baseadas em tecnologia já disponível.

Esse é o desafio: Estamos dispostos a juntar nossas forças e tornar a educação melhor e mais justa?

Podemos pensar: “Sou apenas um grãozinho de areia num mar de desigualdade social, modelos de ensino falidos e obsoletos, e aprendizagem passiva.” Mas cada um de nós tem uma participação na educação de todos. Podemos começar mudando a nossa história e a história dos nossos alunos, da nossa sala de aula. Pois quem pode imaginar de onde surgirá um genio? Pode ser que a filha de um pescador no norte do Brasil tenha uma percepção incrível pela saúde dos mares e um menino de uma aldeia lá na África venha a encontrar a cura para o câncer.

Por isso a sala de aula precisa ser um lugar que ofereça luz, espaço e tempo para a criatividade que existe em cada pessoa e permitir que essa criatividade cresça naqueles que contribuirão para mudar o mundo com sua genialidade.

Concordo com Khan (2013) quando diz que a escola deve ser um lugar onde todos são bem-vindos, todos estão convidados a ensinar e a aprender. Um lugar onde todos devem ser incentivados a fazer o melhor possível mas onde os erros são permitidos, os caminhos tangenciais e o pensar grande encorajados pois o resultado não é tão importante assim, o único fracasso é desistir. “O sucesso é autodefinido”.

Referências

KHAN, S. **Um Mundo, uma escola a educação reinventada**. Rio de Janeiro: Intrinseca, 2013.

MAYER, R. E. **The Cambridge handbook of multimedia learning**. Santa Bárbara: Universty of Califórnia, 2005.

SILVA, M. L. A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea. In: SILVA, M. L. (Org.) **Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

Tecnologia como instrumento facilitador do ensino universitário

Saul Alecrim Bascope¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Vandeni Clarice Kunz³

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir no processo dinâmico das mudanças tecnológicas e seus efeitos no ensino. A educação tem sido um dos vetores sociais em que mais tem-se ressentido mediante o impacto sócio-econômico causado pelo advento das novas tecnologias e seus efeitos na sociedade como

¹ Pós-graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: saul.bascope@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

um todo. Nesse contexto, o ensino e seus agentes têm sido impelidos a adaptar suas práticas pedagógicas no desenvolvimento de novas metodologias que viabilizem a manutenção do papel da educação na sociedade. Portanto, é apresentado nesse trabalho aspectos para se refletir sobre o que foi e o que está sendo proposto pelos profissionais do ensino possibilitando uma avaliação de alternativas do que possa ser aplicado dentro do conceito do ensino superior no Brasil.

Palavras-chave: Tecnologias; Ensino Superior; Práticas Pedagógicas.

162

Abstract: This article aims to reflect on the dynamic process of technological changes and its effects on the learning environment. The education has been one of the social elements which has been more affected by the social-economic impact caused by the advent of the new technologies and its effect on the society as a whole. Within this context, the education and its agents have been compelled to adopt their pedagogical practices in developing new methodologies which make feasible the maintenance of the role of the education in the society. Therefore, this work intends to reflect on what was and what has been proposed by teaching professionals making it possible to evaluate different alternatives of what can be applied into the concept of High Education in Brazil.

Keywords: Technologies; Higher Education; Pedagogical Practices.

Introdução

Por muito tempo o ensino tem sido pautado na escrita e na apresentação oral do assunto abordado. Mais recentemente a tecnologia tem oferecido instrumentos que dinamizam o fluxo da informação e que devidamente aplicado pelo docente pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. A didática aplicada no ensino pode potencializar o maior aproveitamento do conteúdo ensinado ao discente. O tema aqui exposto tem o propósito de avaliar e identificar, até que extensão de fato, a tecnologia auxilia o docente na exposição de sua matéria, e no aprendizado do aluno de graduação. Qual a extensão tecnológica que tem sido utilizada no processo de ensino e o hiato eventualmente observado entre o que o docente domina da tecnologia atual e a dimensão de uso de tecnologias do discente. Seria a rede social virtual e outras tecnologias da informação emergentes relevantes como instrumento aplicável ao ensino? A que extensão o crescente acesso a informação cada vez mais ágil e abundante contribui ao ensino e na absorção do conteúdo por parte do aluno? Seria hoje o docente o principal vetor de ensino ou seria ele um gerenciador de informações? Fica então levantado neste trabalho o uso da plataforma tecnológica como um instrumento de interdisciplinaridade levando-se em consideração que o embasamento tecnicista inerente não fazem necessariamente parte da formação de profissionais de áreas de estudo não técnicas.

É importante salientar que embora os recursos tecnológicos são elementos facilitadores no ensino, eles em si não garantem

mudanças revolucionárias na educação. É preciso cautela no entendimento de que a tecnologia não subestime o papel do docente no processo de aprendizagem. Após a comprovada limitação do tecnicismo deve-se agora referir-se à tecnologia como uma possibilidade de assistência ao aprendizado evitando-se uma abordagem mais acertiva quanto a mudanças que possam ser promovidas por ela. O eventual uso de computadores e outros recursos tecnológicos prescrevem a necessidade da educação estar sintonizada com as exigências da sociedade informatizada mas não traz em si uma transformação na educação (UNESCO, 2013; FREIRE, 2001). Portanto, à medida que a tecnologia avança em sua funcionalidade e aplicações cada vez mais intuitivas, passa a ser utilizada como instrumento facilitador do acesso a informação e meio de reprodução.

164

Uma interessante analogia do impacto das tecnologias introduzidas nos meados do século XX em comparação com as emergentes do final do mesmo século, é que o telégrafo e o telefone trouxeram a possibilidade de unir dois pontos e semelhantemente a informação circulava assim ponto-a-ponto, tal qual a interação educacional, em que o docente ministrava a educação ao grupo de discentes numa relação presencial. Já as tecnologias de rede possibilitam de forma distribuída o acesso a informação que não mais está vinculada com uma só fonte e um só destino. A dinâmica e complexidade da informação disponível em rede assemelha-se ao aprendizado cognitivo onde as informações não se apresentam de forma linear. Igualmente análogo é o conteúdo que circula na rede com suas múltiplas camadas

interativas que transmitem e recebem informações que podem ou não ser educativas. No entanto, a abordagem desse trabalho foca-se no potencial aspecto educativo e educador destas ferramentas de uso cotidiano aos estudantes de nível superior.

Desenvolvimento

O advento dos recursos tecnológicos da segunda metade do século XX influenciaram na forma como a informação é distribuída e sua influência no relacionamento social. Antes, o sistema educacional tradicional tinha como característica a formação de uma mão de obra voltada para a indústria, hoje o modelo de escola do século XXI prepara para novas competências, como: capacidade de criar e inovar, flexibilidade, aptidão para resolver problemas, comunicar, liderar, trabalhar em equipe e o aprendizado continuado. Dentro deste contexto, observa-se que o cidadão hoje convive com tecnologias que facilitam a organização de mobilizações sociais e viabilizam manifestações democráticas que antes não ocorriam com a mesma facilidade. São estes cidadãos que hoje frequentam as universidades, e daí um aspecto importante de se refletir em como a tecnologia influencia no comportamento humano e como isso deve ser tratado em sala de aula.

Tal como a educação, a tecnologia aplicada ao aprendizado passa por um processo de mudança e adaptação gradual podendo tornar-se mais relevante com o passar do tempo. Há uma citação da psicóloga

Junguiana Jean Houston feita pelo educador Ruy César do Espírito (2010, p. 21-22), a seguinte descrição:

O que está ocorrendo, acredito, está muito longe daquilo que se tem chamado de 'mudança de paradigma'. Trata-se de transição de sistema total, uma mudança na própria realidade. Enquanto uma mudança de paradigma poderia ser comparada ao girar de um caleidoscópio e observar as peças distribuindo-se de acordo com um novo padrão e com novas relações entre elas. A transição sistema-total demandaria a inclusão, no todo, de peças inteiramente novas. Até mesmo o mundo está mudando num nível profundamente ontológico; estruturas fundamentais não são mais o que costumavam ser.

166

Houston levanta, portanto a possibilidade de uma mera mudança paradigmática em curto prazo, ser o início de uma nova época! Em nosso contexto exemplos como o uso dos sítios de busca, que tornou-se uma ferramenta muito utilizada para pesquisa e levantamento de informações pode corresponder hoje a uma mudança de paradigma. No entanto, as mudanças tecnológicas têm prosseguido em seu processo de inovação, de maneira que em longo prazo é possível que se vislumbre uma nova era em termos de recursos tecnológicos. Outro exemplo de mudança no uso de outras ferramentas tecnológicas de aprendizagem, pode se citar os *games* que têm sido também usados como outra forma de despertar o interesse do aluno pelo aprendizado. Um game que vem sendo indicado para os alunos de engenharia da Bristol University: *Bridge Builder*, propõe a construção de viadutos com grau de sofisticação e dificuldade crescente. Há portanto

professores que se valem do aspecto do raciocínio construtivo desse jogo como introdução a matérias técnicas onde a noção de estrutura, equilíbrio e força são requeridos. Há professores que cobram como parte de tarefa de aprendizado do aluno alcançar o nível 8 desse jogo. Para alunos da atual geração informatizada essa abordagem pode sem dúvida tornar a matéria a ser estudada mais cativante e interessante.

O uso de criação de blog ou elaboração de vídeos, são também outra abordagem que estimula o discente a criar sua própria versão do conteúdo passado como o benefício de produzir um produto final que seja de sua autoria, exercitando portanto as competências cognitivas e sócio emocionais⁴.

No entanto, nem todos recursos tecnológicos promovem propriamente a equidade na educação, como exemplo temos o MOOCS (Cursos Online Massivos) que segundo estudos conduzidos pelo Professor Peter Struck realizados pela Universidade da Pennsylvania indica que 80% dos estudantes brasileiros usuários desse recurso são provenientes dos 6% da classe brasileira mais abastada cuja qualificações excedem em muito o nível médio de formação da população.⁵

Por outro lado a equidade é observada quando os alunos auxiliam professores no uso da tecnologia e professores reveem suas metodologias ampliando-a numa didática cooperativa. Nesse contexto pode-se adotar modelos de gestão do ensino tais como o Ensino Invertido ou em Rotação. O Ensino Invertido seria os alunos pesquisarem e levantarem o conteúdo a ser dado em classe e durante a aula

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2q6qyEr>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

⁵ Disponível em: <<http://on.wsj.com/2pCOY11>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

se produziria projetos com o uso do conteúdo já adquirido. O Professor fica com a responsabilidade de coordenar e facilitar a execução do projeto proposto. E o Rotacional proporia o uso alternado de recursos técnicos em aula, portanto parte da turma trabalharia com o uso da tecnologia e a outra metade estaria sendo acompanhada da supervisão do professor elaborando estudos mais convencionais. Ao final da aula se faz um levantamento dos conteúdos e resultados obtidos pelos alunos nos ambientes digitalizado e convencional.⁶ Para o bem suceder destas propostas as mesmas deveriam estar vinculadas com o estudo continuado dos professores no propósito de mantê-los habilitados minimamente para a função de facilitador no uso dos recursos mais recentes.

168

Não se pode ignorar o fato de que as tecnologias móveis têm apresentado uma crescente influência na maneira de viver do cidadão em diferentes países. Esta contribuição e influência acaba se refletindo em sala de aula, por vezes tornando o conteúdo tradicional de ensino menos atraente que o universo de informação disponibilizado por essas tecnologias, como descrito por Sousa et al. (2011, p.25):

Um dos problemas mais debatidos quando se fala em escola e os jovens de hoje é justamente o distanciamento que há entre a cultura escolar e a cultura da juventude. Os conteúdos e conceitos aprendidos em sala de aula muitas vezes não fazem sentido para estes jovens que almejam um futuro que na maioria das vezes não está ligado ou relacionado com o que veem nas salas de aula.

⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2q6qyEr>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

Esta reflexão pode ser aplicada ao estudante universitário na medida que este é usuário de tecnologias multimídia que influenciam na formação de sua cultura. Esta cultura digital, cada vez mais presente no meio universitário, acaba por estender o desafio ao docente que por sua vez é impelido a fazer uso de recursos que sejam mais atrativos aos discentes.

Num recente encontro, docentes foram interpelados a relatarem as dificuldades que eles encontravam em suas práticas pedagógicas. Como esperado houve uma diversidade de abordagens de ordem organizacional, sistema de ensino e comunitário. Esta diversidade refletiu-se também quando questiona-se sobre a tecnologia aplicada ao ensino, uns dirão que seria a velocidade de acesso a Internet, a quantidade apropriada de computadores, segurança de dados entre outros. No entanto, fato é que a tecnologia abre portas a possibilidades de um diálogo instigante entre docente e estudantes. O desafio passa entretanto necessariamente pela formação do docente, que segundo pesquisa TIC Educação de 2012 indica que os professores são bastante abertos e permeáveis à tecnologia da informação de tal sorte que 96% dos docentes possuem algum tipo de computador em casa o que corresponde a quase o dobro da média nacional de 51% de domicílios em área urbana.

Do ponto de vista de aceitação da aplicação de tecnologias do ensino a mesma pesquisa aponta que de maneira geral os docentes demonstram opiniões equilibradas entre os aspectos favoráveis e desfavoráveis do uso da Internet e do computador. E foi indicado também que metade dos professores aprendem sozinhos e a outra metade buscam cursos de capacitação. Nesta perspectiva há uma tendência

positiva de que os hiatos entre o conhecimento requerido e a habilitação de usar as tecnologias tendem a ser reduzidas pela espontaneidade de aprendizado do corpo docente (PESQUISA, 2014).

Refletindo no entanto, no aspecto de que a tecnologia não se limita a computadores e internet, o ambiente educacional pode tornar-se mais elástico se pretender alcançar os limites das possibilidades, pois o mundo digital oferece meios em que os alunos, bem como os professores, podem se habilitar como *makers* ou *hakers* em comunidades de desenvolvimento de *software* livre e em tantos outros grupos criados recentemente nos quais o conhecimento é aberto e coletivo. Ignorar estas evoluções e tendências de nossa sociedade não seria prudente para a dinâmica do ensino. Considerando essa evolução, é que há dois anos atrás o Instituto de Educação britânico propôs a alteração no curriculum de informática. Os alunos em formação pré-universitária irão aprender a desenvolver a habilidade de criar programas ao invés de limitarem-se no aprendizado de meros usuário de *software* aplicativos já existentes, tal qual o pacote *Office*. Essa formação os habilitará a criar, por exemplo, aplicativos para tecnologias móveis. Com isso, todos alunos de informática antes mesmo de ingressar na universidade estarão habilitados para criar seus próprios aplicativos de celulares. Neste cenário, pode-se imaginar o quanto o docente deverá estar preparado para explorar o potencial da nova geração de universitários que estarão por ingressar nas instituições de nível superiores. Há portanto uma demanda prevista que não deve ser ignorada. E docentes do século XXI são convidados a vivenciar essa nova experiência.

Considerações Finais

Nesse trabalho pôde-se evidenciar o suporte que a tecnologia pré-dispõe ao docente, no entanto ela será de real auxílio à medida que houver um preparo continuado do profissional da educação quanto ao conhecimento e domínio das ferramentas tecnológicas que a cada momento se inovam. A extensão de aplicações da tecnologia no ensino foi apresentada indicando alguns exemplos bem sucedidos, e instituições, como o Instituto Inspirare, têm contribuído para redução do hiato entre a necessidade de atualização dos agentes educativos e dos conhecimentos requeridos para uso apropriado das tecnologias.

Constatou-se também, que tanto a rede social virtual como as outras tecnologias da informação emergentes, fazem parte da realidade de vida dos discentes e portanto são relevantes como instrumento aplicável ao ensino na medida que integra o conteúdo a ser ensinado numa plataforma familiar aos estudantes, quebrando barreiras e integrando a vida ao aprendizado.

O ágil acesso a informação através das tecnologias, possibilitam hoje levantar-se em poucos segundos uma quantidade enorme e diversificada de conteúdos, no entanto é preciso saber como selecionar o que é relevante. Nesse sentido a função do professor não se dá necessariamente no provimento da informação mas sim no de orientar ao aluno como selecionar a informação com o conteúdo que a ser absorvido. Portanto mais do que nunca o professor estará posicionado como um facilitador no gerenciamento das informações de maneira a promover a absorção de conteúdo.

Referências

ESPÍRITO SANTO, R. C. **Interdisciplinaridade: autoconhecimento e consciência**. São Paulo: R. Interd, 2010.

FREIRE, A. M. A. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

PESQUISA sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.

SOUSA, R. P.; MOITA, F. C.; CARVALHO, A. G.; SERAFIM, M. L. **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2001.

UNESCO. **UNESCO policy guidelines for mobile learning**. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2013.

A EAD com características de E-commerce

Amarildo Jesus de Lima Oliveira¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: A necessidade de se reinventar pesa sobre a EaD, que segundo pesquisa esta aumentando sua participação no seguimento, atraindo cada vez mais adepto a esse sistema de ensino. O aumento de aluno, trás também uma urgência em mudar o seu sistema, que

.....
¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: adrenaliu@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

foi projetado para uma faixa de idade com característica específica, mas que atualmente não condiz com as pesquisas que tem mostrado uma migração de jovens a esse modelo com idade que buscando mais praticidade e dinamismo, lançando sobre a EaD uma expectativa que o modelo atual não está preparada para responder.

Palavras-chaves: EaD; Estrutura; E-commerce.

Abstract: The need to reinvent itself weighs about ead, which according to research is increasing its participation in the following, attracting more and more adept at this school system. The increase in student also brings an urgency to change their system, which was designed for an age group with specific feature, but do not currently reflects the research that has shown a migration of young people to this model with age seeking more practicality and dynamism, flipping over one ead expectation that the current model is not suited for this new reality.

174

Keywords: Distance Learning; Structure; Teachers.

Introdução

As instituições de ensino hoje buscam maior interação através da internet e presença nas redes sociais e campos virtuais. Uma ferramenta web pode ser utilizada para várias finalidades numa instituição, seja ela de qualquer abrangência. Como parte de sua

estratégia de marketing ou como meio de expandir sua presença, oferecem cursos no formato EaD.

Com os constantes avanços tecnológicos, e com a popularização do acesso a internet, o perfil do estudante que busca um relacionamento virtual com o ensino, tem demandado estudo, e consequentemente um preparo maior na estrutura e conteúdo oferecido no ambiente on-line, no tocante a canais de relacionamentos ou conteúdos com finalidades pedagógicas (EaD) de parte das entidades de ensino. Segundo pesquisas do SENAC, em 2011 a média da idade do aluno que buscava uma graduação a distancia, era de 33 anos

O estudo aponta que, em 2012, a maior parte dos estudantes tinha entre 18 e 30 anos — tanto nos cursos autorizados (50%) como nos livres (59%). E, nesse novo cenário, os alunos com idade entre 31 e 40 anos passaram a ser maioria apenas nos cursos corporativos.⁴

175

A educação a distancia vai bem obrigada, com um crescimento invejável, têm atraído cada vez mais alunos que buscam um sistema de ensino que mais se aproxima do seu perfil e disposição para aprender. Com um aumento anual de 52,5%, anunciado no Censo EAD. BR 2012 (ABED, 2013), e a media de idade dos alunos vem caindo, esse fato trás sobre a EAD uma responsabilidade de se reinventar para que não aconteça o mesmo que sucedeu ao computador, e outras tecnologias que ficaram obsoletas, em não

⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2r6JSj8>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

conseguir se reinventar perante aos novos perfis dos usuários e caminhos seguidos pelo setor.

Comparando os novos dados aos resultados de 2011, o estudo apontou um crescimento de 52,5% nas matrículas durante o período, alcançando a marca de quase 5,8 milhões de inscritos. Desse total, 74,4% das matrículas foi realizada em cursos livres, 19,8% nos autorizados e 5,8% em disciplinas de cursos presenciais que podem ser realizadas a distância⁵.

Para Costa e Paim a utilização de novas tecnologias nas escolas exige projetos educacionais bem definidos, que visa estratégia que amplia a chances de aprendizagem e conhecimentos dos alunos. Requer e permite o desenvolvimento de nova habilidade nos alunos (COSTA; PAIM, 2004).

176

Desenvolvimento

Como o aumento de instituições interessadas em Ensino a Distância, e o acirramento da concorrência, é natural a busca por formas para reduzir o custo de desenvolvimento e preparo do material, Infelizmente isso não é possível sem que haja uma redução na qualidade. Como agravamento, muitas instituições mantêm seus métodos de ensino baseado em um perfil desatualizado em 30 anos, onde o aluno tinha um comportamento tecnológico de inclusão e operação

.....
⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2fVCil0>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

superficial da tecnologia. Sobre esses perfis era possível construir um ensino produtivo, mesmo com a limitação da distância, mas suprível com a tecnologia aplicada aos métodos como o de Jean Piaget, e outros como Cimadon (2004) e Gardner (1989) descrito abaixo.

Existem diversos estudos e pesquisas sobre a aprendizagem. Ela ocorre de diferentes maneiras, dependendo de hábitos, estímulos e da personalidade do indivíduo. O ser humano é dinâmico, interage a todo o momento com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas, sendo levado a construir e operar estruturas mentais.

Cimadon (2004) considera que estas estruturas consistem em um processo adicional de conexões nervosas estimuladas pelas passagens da corrente elétrica ao longo das células nervosas. Através do sistema nervoso que o ser humano adquire as mensagens para o seu processo de aprendizagem.

Segundo Hamze⁶ a aprendizagem é um processo de mudança de comportamento, que se dá conforme a construção das relações emocionais, neurológicas e ambientais. O professor é o meio de interligação dentro do enfoque educacional, que ocorre de maneira contínua na construção e reconstrução do processo ensino-aprendizagem.

177

Quebra de paradigma e seguimento de e-commerce

Apesar de a evasão ser o obstáculo principal para a EaD, podemos deduzir que o diagnóstico terminal está no seu pioneirismo

.....
⁶ Disponível em: <<http://bit.ly/2ppcvLh>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

em modelo paradigmático. Com um futuro promissor, mais inserto, é preocupante a estreita relação com o modelo de e-commerce. É natural que os modelos de comércio que utiliza a internet, se pautar nos conceitos do e-commerce. Muitas das instituições interessadas em EaD estão se aventurando com simples interesse no lucro, procurando formas que reduzam o custo de desenvolvimento, Infelizmente isso não é possível sem que haja uma redução na qualidade. Em vez de usar estruturas modernas como modelos em nuvens com sistemas que como parte de seu preparo para os novos alunos, que como base nas pesquisas serão cada vez mais jovens, exigindo uma nova abordagem de ensino, que retome a interdisciplinaridade nas multi formas dos conteúdos on-line.

178

Considerações finais

O grande desafio para a inovação da tecnologia na educação a distância é extrair o máximo da internet como referencial de inovação, já que no modelo atual de ensino a distância está focado no computador utilizando apenas a internet como canal de entrega. Apesar de sua popularidade, Ensino a Distância não é a melhor aplicação da tecnologia na educação hoje (RADLOFF, 2007). Este lugar deve ser reservado ao que pode ser chamado de aprendizagem mediada pela Tecnologia⁷.

O aprendizado é considerado mais eficaz quando acontecem em um contato direto com a natureza, cultura, e suas relações com

.....
⁷ Disponível em: <<http://bit.ly/2qwEtVs>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

o ambiente pedagógico, desassociado de um processo de ensino. Para alguns pesquisadores. O diferencial nas novas tecnologias disponíveis hoje, peculiarmente a *Web Sensation* como ambiente, se aplicado a educação a distância possibilita ao ensino a distância, mas que através dela se crie um ambiente propício, possibilitando uma vasta gama de combinações, para novos perfis de alunos que virão a utilizar a EaD, numa configuração totalmente diferente do atual, aumentando a eficácia do ensino, pois acontece na esfera da realidade na qual o aluno está inserido, com seus costumes e cultura. Extraíndo o máximo da realidade no propósito de ensinar, desprendido das limitações dos métodos e do ambiente físico “Sala de Aulas” e métodos desatualizados a esta nova realidade que sucumbirão a EaD no futuro⁸.

O caráter pessoal de uma relação, hoje, é independente de proximidade física no espaço e no tempo. É possível, hoje, manter relacionamentos extremamente pessoais — até mesmo íntimos — à distância, usando os modernos meios de telecomunicação, envolvendo texto, sons, imagens, realidade aumentada (estáticas e dinâmicas). Por outro lado, a mera contiguidade espaço-temporal não é, garantia de relacionamentos verdadeiramente pessoais. As salas de aula enormes que existem em algumas escolas frequentemente permitem relações altamente impessoais entre professor e alunos, a despeito de sua proximidade no espaço e no tempo. Muitas vezes, nesses contextos, o professor nem mesmo sabe o nome de seus alunos, e é totalmente

⁸ Disponível em: <<http://bit.ly/2qwEtVs>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

ignorante de suas características pessoais, que são grandemente relevantes para um ensino eficaz.

Referências

CIMADON, A. **Ensino e aprendizagem na universidade**: um roteiro de estudos. Joaçaba: Editora UNOESC, 2004.

COSTA, J. W.; PAIM, I. **Informação e Conhecimento no processo educativo**. Petropolis: Vozes, 2004.

GARDNER, H. **Inteligência**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Editora Artmed (Artes Médicas), 1989.

RADLOFF, F. R. Como se dá o processo de aprendizagem no ser humano. **Revista virtual do curso de letras: Voz das letras**, n. 6, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2pCvMnF>>. Acesso em: 02 out. 2010.

Evolução da educação a distância no Brasil: tecnologias e melhorias inovadoras

Scheila Alves Kujbida¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: Este artigo objetivou refletir sobre a evolução da educação a distância no Brasil e o uso de novas tecnologias de informação e comunicação os quais inovaram práticas educacionais no ensino superior,

¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: scheilaak@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

modificando principalmente o paradigma da educação à distância. Apresenta a importância das inovações e tecnologias no ensino superior na promoção do processo de mudança no ensino presencial ao virtual. Identifica-se também que há três gerações na era da informação e conhecimento. A primeira geração é caracterizada pelo suporte impresso e o ensino por correspondência, a segunda geração pelo uso da televisão, rádio e do videocassete, enquanto a terceira geração baseia-se na convergência de diversas tecnologias de comunicação. Estas questões exigem a reflexão do papel da universidade onde a tecnologia não pode constituir-se em mero instrumento de educação para substituição do ensino presencial, mas de forma a complementá-la com a contribuição dos professores os quais precisam de formação para enfrentar os novos desafios e o dever de atuar como mediadores participativos.

182

Palavras-chave: EAD; Tecnologia; Ensino Superior.

Abstract: This article aims to reflect on the evolution of distance education in Brazil and the use of new information technologies and communication which innovated educational practices in higher education, especially changing the paradigm of distance education. It shows the importance of the innovations and technologies in the higher education in the promotion of the change process in the virtual classroom teaching. Also identifies that there are three generations in the age of information and knowledge. The first generation is characterized by hard copy and correspondence education, the second generation is by use of television, radio and VCR, the third generation

is based on the convergence of various communication technologies. These questions require reflection on the role of the university where the technology cannot be in the mere instrument of education to replace classroom teaching. However, in order to complement it with the contribution of teachers who needs training to meet the new challenges and the duty to act as mediators participatory.

Keywords: EAD; Technology; Higher Education.

Introdução

O desenvolvimento de novas tecnologias resultou em novos desafios para as instituições de ensino e fez com que as instituições de educação tivessem que redefinir seu papel e a missão da Universidade para poder orientar o processo de desenvolvimento na promoção de novos enfoques e possibilidades. Assim, as instituições de ensino superior passaram a sofrer várias transformações. Os processos de crescimento, expansão, especialização dos sistemas de educação superior, estimuladas pela tendência da modernização e globalização, deram espaço a novos cenários e modalidades de ensino. Podem ser consideradas as seguintes modalidades de educação: a presencial e a distância.

A modalidade de educação presencial não há separação pelo ambiente físico entre professores e alunos e os encontros se dão ao mesmo tempo. Já na educação à distância, o que caracteriza esta modalidade educacional é a separação entre professor e

aluno e o fato de a comunicação ser feita através de alguma forma tecnológica. Portanto, com o uso de novas tecnologias de informação e comunicação no ensino superior acabou por inovar processos educacionais, modificando principalmente o paradigma da educação à distância.

Assim, surgiu para suprir as necessidades de preparo profissional e cultural aos segmentos da população, que por diversos motivos não podiam frequentar o ensino presencial. No entanto, a modalidade presencial e a virtual são modalidades distintas que se complementam e se adequa em contextos também distintos. A educação a distância deve ser vista como possibilidade de inserção social propagação do conhecimento individual e coletivo e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária o qual o professor também tem um papel muito importante a desenvolver.

184

Sabe-se que a sociedade está cada vez mais exigente com a qualificação profissional e busca por melhores produtos, novas profissões, algo que tenha um diferencial dos demais e traga grandes benefícios, somente a educação presencial não dá mais conta dessa alta demanda. Por outro lado, a “falta de tempo” que impera na sociedade, faz com que a educação a distância se torne uma alternativa viável para contribuir na democratização do ensino.

Está, portanto claro que as instituições estão inseridas em ambientes que mudam rapidamente, de forma que deve haver uma contínua inovação, e se aplicada como sendo uma mudança benéfica. Com este princípio a pergunta de pesquisa foi formulada da seguinte maneira: Qual a importância das inovações e tecnologias no

ensino superior na promoção do processo de mudança da educação presencial ao virtual?

Desenvolvimento

Percebe-se que o tema inovação ganha espaço cada vez maior e se destaca na mídia, nos meios acadêmicos e empresariais. Esse crescente interesse mostra que se trata de uma ferramenta estratégica que estimula a competitividade em empresas e instituições, como forma de inovar seus processos produtivos e obter vantagens competitivas em seu setor de atuação.

As inovações organizacionais são basicamente mudanças de forma efetivas que a organização estabelece visando à melhoria da produtividade ou do serviço prestado. Seu foco está direcionado a melhorar os recursos já existentes, a qual visa incrementar a sua competitividade. Há uma urgente necessidade de aquisição de novos recursos tecnológicos em uma organização, visto a velocidade com que ocorrem as mudanças no cenário competitivo atual, é de extrema importância que as organizações estejam preparadas e voltadas a adquirir uma cultura de inovação no meio em que estiverem inseridas.

Dentro deste contexto em contínuo desenvolvimento surge à educação à distância a qual trás algumas controvérsias com o período exato de seu início no mundo, sendo que Gouvêa e Oliveira (2006) citam que alguns outros escritos apresentam as epístolas de Paulo às

comunidades cristãs registradas na Bíblia, como origem histórica da educação à distância por ter orientações e ensinamentos de acordo com um padrão moral. Estas são visualizadas como as experiências que teriam originado a educação à distância.

Já Hermida e Bonfim (2006) citam a invenção da imprensa de Gutemberg no século XV, por ser um avanço no saber onde possibilitou à população o acesso a material escrito o qual era a oportunidade de alfabetização de grandes populações.

Entretanto, para Gonzalez (2005) a educação a distância se originou com a divulgação do projeto em países como França, Espanha e Inglaterra com o seu primeiro registro na Suécia em 1833 com um curso de contabilidade.

Ainda em conformidade com Hermida e Bonfim (2006) os quais citam que a grande invenção tecnológica para o desenvolvimento ainda maior da educação a distância foi à criação dos correios, pois assim iniciaram cursos por correspondência, com início no fim do século XVIII, que possibilitou o envio de livros e todos os tipos de matérias às longas distâncias por meio do correio para os cursos propostos. As cartas alavancaram uma nova maneira de ensinar.

Já entre o século XIX e XX foi à vez dos eletrônicos, e a educação a distância desembarcou no Brasil, em um tempo que se aprendia datilografia por correspondência, a invenção do rádio, televisão computador e internet revolucionou o mundo do saber proporcionando a expansão do conhecimento de forma mais rápida, ágil e com maior interação.

Entretanto, a expansão da educação à distância no ensino superior ocorreu no decorrer do século XX com a criação de

instituições como a Universidade da África do Sul, a Open University da Inglaterra, a Universidad Nacional de Educación a Distancia da Espanha, entre outras que possibilitaram a difusão do saber de forma abrangente e tecnológica.

Conforme Martins (2008, p. 7) no Brasil a Universidade Federal do Mato Grosso foi à primeira instituição brasileira a oferecer um curso de graduação na modalidade de educação à distância através do Núcleo de Educação Aberta e a Distância — Nead. Enquanto a Universidade Federal do Ceará é a primeira a criar um curso de mestrado no Brasil na modalidade de educação à distância por intermédio do Instituto UFC Virtual.

Assim, a partir da evolução em educação à distância, Martins (2008) distingue três gerações: a primeira geração é caracterizada pelo suporte impresso e o ensino por correspondência, a segunda geração pelo uso da televisão, rádio e do videocassete, enquanto a terceira geração basear-se-ia na convergência de diversas tecnologias de comunicação, como a Internet, a comunicação via satélite, a televisão, entre outras.

Analisando a sociedade percebemos que essa evolução da tecnologia em comunicação e informação, causou grande mudança no âmbito da educação, pois abrange a possibilidade de educação superior as demais classes sociais. Considerando, portanto Fava (2012, p. 42- 43) percebemos que:

Mediado por tecnologias, surge um movimento híbrido de educação, mesclando atividades presenciais com não presenciais, que não diminuem a distinção

entre ensino presencial e a distância. Isso não significa o fim do primeiro e a vitória do segundo. Assim como o rádio e a televisão, os dois modelos coexistirão e se complementarão. [...] A tecnologia está mudando a educação, não apenas na organização, escolha e disponibilidade dos conteúdos, mas também na distribuição. Isso obriga instituições de ensino a se adaptarem. Ou irão fracassar nos novos conceitos da sociedade.

O avanço tecnológico impulsiona as pessoas a buscarem a atualização de seus conhecimentos. No entanto, a vida moderna, dificulta a satisfação dessa necessidade, face à complexidade da vida urbana, como a localização geográfica, às condições especiais de vida de determinadas pessoas que buscam uma forma de aprendizagem mais flexível, e que não os prenda em horários e espaços fixos, que não exija deslocamento físico, que lhes permita um atendimento individualizado. Assim, as instituições que souberem utilizar as novas tecnologias da comunicação e da informação para oferecer a essas pessoas o conhecimento e a formação que elas precisam e buscam, certamente estarão um passo à frente.

As novas tecnologias estão incorporadas à vida moderna o que significa uma mudança na forma como se organiza a educação, em todos os níveis e modalidades, seja ela presencial ou à distância. A tendência mundial é a ampliação das necessidades educacionais da sociedade. Essa realidade está impulsionando uma grande massa de adultos para o Ensino Superior ou para os níveis profissionalizantes do Ensino Médio. Habilidades e competências exigidas no mercado de trabalho mudam de forma rápida com prazos cada vez mais curtos.

Na verdade as modernas tecnologias representam um diferencial significativo, seja na modalidade presencial ou à distância.

Dentro deste contexto destacam-se alguns métodos inovadores como projeto piloto e que podem ser implantados no ensino superior à distância, para tornar os cursos com maior qualidade como, por exemplo, o modelo de empregabilidade.

Este modelo visa dar iniciativas para aproximar o aluno do mercado de trabalho. Portanto, é feita uma revisão dos modelos acadêmicos para entender quais são as competências técnicas e comportamentais que o mercado de trabalho espera e traduzir isso dentro do modelo acadêmico para formar o aluno com as competências esperadas pelo mercado de trabalho.

Outro detalhe é alinhar as vagas do mercado e oferecê-las para os alunos. E ter uma plataforma sistêmica que fará isso e que entenderá as competências comportamentais e técnicas do aluno e entenderá as competências comportamentais e técnicas das empresas na mesma cidade e fará o *matching*, recomendando os alunos mais próximos daquelas competências para cada vaga, de cada empresa.

Outra importante tecnologia inovadora é o *adaptive learning* um sistema que entende as deficiências de aprendizagem do aluno e a forma pelo qual ele tem mais facilidade de aprender e oferece mais conteúdo nesse modelo (BARBIERE, 2014).

Percebe-se assim, que para esta transição das modalidades de educação, não basta somente apresentar programas de educação virtual, mas é preciso mantê-los com qualidade e usar ferramentas tecnológicas necessárias para torná-los atrativos e educativos de forma

que traga benefícios aos que recorrem a esta modalidade à distância. Neste sentido Capellari (2012, p. 8) afirma que:

A inovação no ensino superior é fundamental no modelo de gestão e como prática oportunizada pelo ambiente de pesquisa e produção do conhecimento. Há uma necessidade de revisarmos nossos conceitos em relação aos modelos de gestão estratégica, financeira e de pessoas. As práticas atuais não permitem a formação de líderes e a construção de bases sólidas para a competição internacional. Em relação ao ambiente de pesquisa, precisamos avançar significativamente no seu papel de propulsor de ambientes de pesquisa, com forte aproximação ao mundo empresarial.

190

Porém o Ensino a Distância exige, primeiramente, um grande investimento na formação de uma equipe multidisciplinar. O sucesso de um projeto de Educação a Distância está muito mais ligado às pessoas que o implantam do que à tecnologia, que é um instrumento de mediação e que, como tal, pode ser bem ou mal utilizado.

Segundo Faria e Franciosi (2005, p. 8):

a capacitação dos professores, nessa perspectiva, prepara-o para a participação e para a conscientização da importância de criação de uma comunidade virtual de aprendizagem. À medida que o professor, ao longo de sua carreira, vai adquirindo competências elevam o seu nível de competência profissional, e, decorrendo daí a necessidade de formação continuada diante das tecnologias, e, em especial, da EAD.

Sabendo disso, entende-se que a modalidade de Ensino a Distância traz modificações no papel do professor o qual passa a ter um papel diferenciado e atua como orientador desta aprendizagem e, do aluno, pois exigirá um maior comprometimento, iniciativa, autonomia e disciplina, ele estabelecerá as condições em que irá estudar, o ritmo desse estudo, adaptando-o a seu perfil e conveniência. E assim as inovações tecnológicas no ensino superior dão suporte neste processo de mudança que a educação se encontra, auxiliando assim o educando na busca de um ensino de qualidade e que se adeque ao perfil desejado.

Considerações Finais

O desenvolvimento que as tecnologias propiciaram à educação tornou o conhecimento para muitos de mais fácil acesso e o saber se difundiu com rapidez. Conforme a tecnologia permitia, os meios de comunicação eram explorados na utilização de novas formas de ensinar, seja utilizando correspondência, rádio ou a televisão.

Como ocorrem mudanças na sociedade também se transformam as formas de comunicação, obtenção de informações e conhecimentos. Nesse contexto, o jovem que deseja qualificar-se profissionalmente tem dificuldades, pois se encontra em um meio competitivo e que não está de acordo com suas possibilidades. Este jovem necessita, assim, de uma instituição que ofereça formação compatível com a nova configuração do mercado de trabalho e que acompanhe a qualidade que se encontra nos cursos presenciais, portanto as tecnologias e as inovações devem

estar presentes para atender uma demanda que busca por estas ferramentas essenciais para dar suporte ao seu aprendizado.

Portanto, cabe à universidade atender à demanda por mudanças solicitadas por um meio cada vez mais agressivo e competitivo, devendo complementar os métodos de aprendizagem e não substituí-los. O processo de mudança do ensino presencial para o on-line pressupõe que o professor necessitará utilizar-se da tecnologia para promover a interação com os alunos e para atuar como mediador entre o conhecimento e o educando e deverá integrar na sua prática educativa maneiras para um processo de construção de conhecimento coletivo.

Referências

192

BARBIERE, C. **A receita da Kroton para continuar a queridinha do mercado.** In: Época negócios, 2014. Disponível em: <<https://glo.bo/2q9kWHy>>. Acesso em: 21 de set 2014.

CAPELLARI, E. **A questão é:** Qual a importância da inovação no ensino superior? **Ensino Superior**, n. 169, p. 8, 2012.

FARIA, E. T.; FRANCIOSI, B. T. **De professor(a) presencial para o professor(a) virtual:** a capacitação docente em EAD, 2005. Disponível em: <<http://bit.ly/2q7jvLw>>. Acesso em: 22 set. 2014.

FAVA, R. Ensaio: O ensino da sociedade digital. **Ensino Superior** n. 169, p. 42-43, 2012.

GONZALEZ, M. **Fundamentos da tutoria em educação a distância**. São Paulo: Avercamp, 2005.

GOUVÊA, G.; OLIVEIRA, C. I. **Educação a distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2006.

HERMIDA, J. E.; BONFIM, C. S. A educação à distância: história, concepções e perspectivas. **Revista HISTEDBR On-line**, n. esp, p. 166-181, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/1ijtNKt>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

MARTINS, G. Inovações no Ensino Superior: a utilização de tecnologias de informação e comunicação nas práticas educacionais. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, VI. **Anais de Congresso**. Rio Grande do Norte: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2008.

Inovações tecnológicas para o ensino superior: do presencial ao virtual

Suzi Angela Fernandes Nascimento Camargo¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silva Costa³

Resumo: Nas últimas décadas temos presenciado o aumento da oferta de faculdades e universidades por todo o país. Este acréscimo se dá sobretudo pela busca de novas competências, pois a cada dia o mercado de trabalho tem exigido que as pessoas dominem

.....
¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: suzi.angela@yahoo.com.br.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

os recursos tecnológicos. Diante disso, nos propomos a investigar como tem sido estimulado o uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) pelos discentes e como eles têm utilizado estas ferramentas para promover o crescimento da pesquisa e da ciência. Neste panorama surgem alguns questionamentos: Qual tem sido o comportamento do professor frente a tanta informação? Que modelos o professor de ensino presencial tem buscado para sustentar suas práticas? O professor do ensino virtual tem aplicado as tecnologias no ensino e no aprendizado? Sabemos que o ensino superior é o ambiente responsável por formar futuros profissionais que atuaram no mercado de trabalho em diferentes áreas. Desta forma, objetivamos analisar se o professor tem estimulado o uso destas ferramentas. Como resulta desse levantamento constatamos que o professor de ensino presencial tem conservado suas práticas no modelo tradicional e o ensino virtual tem utilizado de forma reduzida os recursos tecnológicos.

Palavras-chave: Presencial; Virtual; Tecnologia; Utilização.

Abstract: Over the past decades, we have witnessed the increase in number of courses in colleges and universities across the country. This increase occurs mainly due to the search for new skills, because with each passing day the labor market has required people to master the technological resources. With this in mind, we propose to investigate how the use of Information and Communication Technologies (ICT) has been stimulated by

students and how they have used these tools to promote the growth of research and science. In this scenario, some questions arise: What has been the teacher's behavior towards so much information? What were the models the classroom school teacher has sought to sustain their practices? Has the virtual education teacher been applying the technology in teaching and learning? We know that higher education is the environment responsible for forming future professionals who work in the labor market in different areas. Thus, we aimed to analyze whether the teacher has encouraged the use of these tools. As a result of this survey found that the classroom teacher has maintained the practices of the traditional model and distance learning has used sparingly the technological resources.

197

Keywords: Classroom; Virtual; Technology; Use.

Introdução

Este artigo apresenta um estudo mostrando como vem ocorrendo nas últimas décadas o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), pelos docentes nos ambientes de aprendizado do presencial ao virtual. Objetivando avaliar como tem sido estimulado pelo professor o uso destas ferramentas no espaço de aprendizado.

Neste panorama, surgem alguns questionamentos: Em que modelo o professor pós — moderno tem se baseado para

apresentar suas aulas? Como a sociedade o vê no exercício de sua profissão? O professor tem utilizado as ferramentas tecnológicas ao seu favor? Como é visto o docente e o discente na modalidade presencial e virtual?

Para responder as indagações acima citadas, foi preciso investigar como ocorre o uso das inovações tecnológicas nas últimas décadas e como o professorado tem utilizado a tecnologia em favor do avanço da pesquisa e da ciência.

Nas últimas décadas vivenciamos uma mudança no estilo de ensinar sobretudo no Ensino Superior. Com aumento crescente do capitalismo e da revolução tecnológica, as máquinas que eram operadas manualmente agora passam a ser controladas por computadores, havendo uma mudança no estilo da sociedade e despertando a necessidade de se buscar competências para se manter no trabalho.

Neste contexto, o número de pessoas cursando o ensino superior teve um acréscimo considerável nos últimos anos, pois inclusive as empresas têm procurado cada vez mais mão de obra qualificada. Evidentemente, a tecnologia quer evoluir, pois esta é sua natureza. “Os limites de adoção e divulgação de uma inovação, contudo, são a necessidade social, os recursos sociais e um ambiente social favorável” (FRAGALE, 2003, p. 44).

Neste panorama de transição, onde se requer cada vez mais a busca de novas competências que é uma exigência do mercado de trabalho, surgem outros desafios como o de encaixar a flexibilidade de horário, estar afastado dos grandes centros de pesquisa, residir

em cidades interioranas. Desta forma, a Educação a Distância (EaD), emerge com força na situação atual.

Para analisarmos as duas modalidades de ensino, a presencial e a virtual, traçaremos uma breve exposição de cada conceito, o modelo que foi seguido e os desafios que cada uma delas enfrentam.

Desenvolvimento

O Ensino Superior é o lugar onde se forma os profissionais que atuarão em vários campos dos saberes, é neste ambiente de pesquisa se espera que a instituição de ensino acompanhe as modificações constantes em que nossa sociedade está inserida, o uso ou não destas ferramentas vai depender da visão de mundo do professor.

O fato é que diante da rapidez e dos avanços tecnológicos boa parte dos professores e instituições não conseguem acompanhar o ritmo “frenético” das inovações resultando no uso inadequado ou na falta de criatividade diante dos recursos tecnológicos (SOUSA et al, 2011, p.1).

Para compreendermos melhor o professor do ensino presencial é preciso analisarmos a origem do seu comportamento. Segundo Selma Pimenta e Léa Anastasiou (2002), o modelo jesuítico encontra-se arraigado na gênese das práticas e modelos de ensinar das universidades brasileiras.

Não é o objetivo deste estudo se aprofundar no modelo jesuítico mas analisar que nossa prática carrega forte características deste modelo. Que tinha como base transmitir o conteúdo através da

oralidade, onde o professor falava e o aluno passivo ouvia e anotava. Contudo, nos dias atuais a nossa metodologia continua a mesma.

Com respeito à sala de aula, esse modelo não altera as características próprias do modelo jesuítico. A forma pela qual se efetiva a relação entre professor, aluno e conhecimento se mantém. O professor é o transmissor do conhecimento e, no estudo das obras clássicas, aceitação passiva das atividades proposta, a importância da memorização do conteúdo pelo aluno como sua obrigação primordial, a força da avaliação como elemento classificatório são características do ensino na universidade (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p.150).

200

Com efeito, a noção de o professor ser nos dias atuais o detentor de todo o conhecimento é um pensamento cultivado ainda por muitos docentes. Pois sua prática de ensino em sala de aula tem seguido o mesmo modelo de sermão/ palestra, onde ele retém o conhecimento e o controle da aula. Mas, na visão de Freire (2016), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a germinação do mesmo na mente do alunato.

A superação do pensamento de que a aula expositiva é a única maneira de transmitir o conhecimento, visão esta que reforça o professor como orador e a do aluno como ouvinte. Nesta resiliência, a aula, como momento e espaço de encontro e ações, não deve ser dada nem assistida, mas construída, feita pela ação conjunta do professor e aluno (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002).

Como estimulador do conhecimento, o docente deve instigar a pesquisa e promover a ciência. E o uso das diferentes ferramentas

tecnológicas podem ajudar o professor a alcançar seus objetivos, e contribuir para o aprendizado de seu aluno.

A LDB no Capítulo IV art. 43, VI, 2012 diz que a educação superior tem por objetivo:

Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração.

O docente universitário, por sua vez tem que possuir competência que possibilite o uso ferramentas como: e-mail; Vídeos educativos; Web conferência como a *Skype*; *Wikes*; Redes Sociais; *Slideshare*; Ferramentas da Web 2.0 e Livros eletrônicos mas para que isso ocorra, ele precisa desenvolver os saberes que vão além de seu campo específico de pesquisa, para propiciar o crescimento do discente preparando para o mercado de trabalho.

Segundo Freire (2016), é pensando criticamente a prática de hoje ou a de ontem que se pode melhorar a prática do amanhã. Isto só é possível se o profissional de educação analisar a cada instante suas práticas e utilizar as ferramentas que lhes são disponíveis para promover melhorias no aprendizado.

Para que possa contribuir no seu crescimento pessoal e profissional o professor precisa estar constantemente estudando e se atualizando, buscando meios para se aperfeiçoar e crescer na profissão docente.

O ensino a distância foi evoluindo ao longo de gerações. A princípio o estudo era conhecido como o estudo em casa. Isto foi possível, pois começava uma tecnologia que permitia a entrega de correspondência a domicílio de uma forma segura e barata. Em 1878, o bispo John H. Vicente, inicia o movimento de educação a distância como co-fundador (MOORE; KEARLEY, 2008).

Segundo Mattar (2011), é possível dividir a história da Educação a Distância (EaD) em três gerações. A primeira geração foi a dos cursos por correspondência, a segunda por novas mídias e as universidades abertas e pôr fim a EaD. Já para Michael Moore e Greg Kearley (2008), a evolução ocorreu em cinco fases ou gerações: correspondência, transmissão por rádio e tv, universidades abertas, teleconferências, e a internet/ web.

202

Sobretudo, dos anos 95 em diante houve uma mudança drástica com a chegada da internet. A partir deste ano a (EaD) ganha nova roupagem. Mais aberta e mais dinâmica, surge assim um novo território para a educação, o espaço virtual da aprendizagem, digital e com base na rede (MATTAR, 2011).

O papel do professor virtual difere em certo modo do professor do ensino presencial. Pois a maioria dos encontros se dão de forma virtual. Ele é um provocador, provoca para instigar a compreensão, compreender os equívocos e depurar suas produções, mas isso não implica plantão integral do professor (BIANCONCINI, 2003).

Devido à limitação de tempo, o professor do ensino virtual precisa aproveitar todo o tempo, não cabendo improvisos nesta modalidade. Por este motivo o professor tem que se valer ao máximo das

ferramentas que a tecnologia dispõe para auxiliar no ensino. Disponibilizando meios para o discente aprender.

Por estar em lugares distintos professor e aluno usam das diversas ferramentas tecnológicas para promover o ensino aprendido. Ele precisa da tecnologia para transmitir a informação e por sua vez o aluno precisa da Tecnologia de Informação e Comunicação (TCs) para poder interagir. E neste processo se constrói o aprendizado. Outro aspecto que difere do ensino presencial é que por trás da figura do professor existe uma equipe trabalhando para que a comunicação aluno/professor por meio dos recursos tecnológicos se dê com sucesso. Existe também a presença marcante do tutor, que é fundamental neste processo.

A revolução tecnológica trouxe muitas ferramentas que contribuem para o ensino e aprendizado. Cabe ao professor o uso desses mecanismos para auxiliar em suas práticas de ensino, diminuindo a distância entre pares promovendo o crescimento da pesquisa e da ciência.

Bianconcini (2003) aponta que a noção de proximidade é relativa à abordagem educacional adotada, a qual subjaz a todo o processo educativo, presencial ou a distância [...] a amplitude da distância é dada pela concepção epistemológica e as respectivas abordagens pedagógicas que podem aproximar ou afastar. São muitas as ferramentas disponíveis que os docentes podem utilizar em suas práticas em sala de aula, tanto ensino presencial como também no ensino virtual. Muitos resultados podem ser obtidos quando aliamos a tecnologia aplicada ao ensino. Entre elas, podemos mencionar: Skape, Blogs, Twitter e Google Drive. Outro fenômeno que pode ser muito bem empregado pelo professor e que pode alcançar um número maior de aluno como os auditivos, visuais e os sinestésicos.

Os vídeos têm sido cada vez mais utilizados como mídia em educação. Essa ferramenta abre interessantes possibilidades para o ensino.

Considerações Finais

Tendo em vista que este artigo objetivou analisar como tem sido utilizado pelos docentes o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC), em suas práticas no ensino presencial e virtual, analisamos como em cada modalidade tem ocorrido o uso destas ferramentas nas últimas décadas.

204

Vimos que houve um crescimento das tecnologias e que em muitos casos o ensino presencial não consegue acompanhar o ritmo das tecnologias e muitas vezes estas ferramentas acabam por ficar inoperantes nas mãos dos docentes. Seja pela inexperiência do professor diante destas ferramentas ou pela falta de investimento da instituição.

Mas seria ingenuidade de nossa parte, pensar que na modalidade a distância de ensino será possível o acesso a toda esta tecnologia. Pois no Brasil, segundo a ABED⁴ (Associação Brasileira de Educação a Distância) Censo EAD 2012 70% do conteúdo por meio de atividades a distância que os alunos estudam é por meio de material impresso ou áudio e vídeo (gravados ou ao vivo). Assim, este presente estudo não se esgota ficando aberto para mais estudo.

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2qY0Kyl>>. Acesso em: 28 out. 2014.

Referências

BIANCONCINI, M. E. **Educação a distância na internet**: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e pesquisa**, SP, v. 29, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/2poXGbm>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

FRAGALE, R. F (Org.). **Educação a distância análise dos parâmetros legais e normativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: uma visão integrada. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

MOORE, M; KEARLEY, G. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

MATTAR, J. **Guia de educação a distância**. São Paulo: Cengage, 2011.

PIMENTA. S. G.; ANASTASIOU. L. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUSA, R. P; MOITA, M. C; CARVALHO, A. B. **Tecnologia digitais na educação**. Campina Grande: Eduepb, 2011.

Recursos tecnológicos aplicados na educação e estudos no ensino superior

Diogo Rodrigues de Oliveira¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silva Costa³

Resumo: O avanço da ciência transformou a sociedade significativamente com o advento de novas tecnologias e meios de comunicação modernos. A disseminação da internet e os dispositivos cada vez menores

¹ Pós-graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: diogorodr@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

possibilitaram o acesso a informação em qualquer lugar e a qualquer hora impactando assim, supostamente na capacidade do indivíduo “saber”. Antigamente a sua capacidade de decorar informações seria avaliada. Atualmente a melhor maneira de avaliar o discente é como ele processa esses dados que são facilmente encontrados por essa gama de aplicativos educativos disponíveis e chegar a um novo conhecimento. O compartilhamento de informação e colaboração em pesquisas no meio acadêmico merece aprofundamento visto que eles influenciam e alteram a relação clássica professor/aluno no ensino superior. Os métodos docentes com suas estratégias, nesse tempo de transição, que ainda vigoram e são plenamente usados, tem seu valor. No entanto, este texto faz uma reflexão acerca dessas transformações que ainda não foram percebidas considerando as exigências do mundo digital.

208

Palavras-chave: Tecnologia; Universidade; Educação; Docência; Professores

Abstract: The advancement of science has transformed the society significantly with the advent of new technologies and modern media. The spread of the Internet and the ever smaller devices allowed access to information anywhere and anytime impacting so, supposedly the individual's ability to “know”. Previously their ability to decorate information would be assessed. Currently the best way to evaluate the student is as it processes the data that are easily found by this range of educational applications available and come up with new knowledge. The information sharing and collaboration in research in academia deserve seen insight they influence and alter the classic relationship

teacher / student in higher education. Teachers methods with their strategies, in this time of transition, which are still and are fully used, has its value. However, this paper reflects on these changes that have not yet been realized considering the demands of the digital world.

Keywords: Technology; University; Education; Teaching; Teachers.

Introdução

Numa sociedade em que o avanço tecnológico é movido pela necessidade de informação rápida, é cada vez maior o número de recursos disponíveis para acessá-la. O avanço tecnológico é real e inevitável e não há dúvidas que ele venha interferir nas áreas do ensino. A sociedade atual podemos vê-la como uma sociedade da aprendizagem (POZO, 2002), que exige que as pessoas aprendam cada vez mais coisas, mas de uma maneira diferente que, segundo Machado (apud SILVA, 2001, p. 9) “consistirá em saber interagir com as fontes de conhecimento (outros professores, outros alunos, outros membros da sociedade”, através dos recursos tecnológicos.

A informatização do conhecimento tornou muito mais acessível os conteúdos acadêmicos e a elaboração colaborativa de material científico e os trabalhos exigidos pelos professores. Sobre os recursos tecnológicos é possível encontrar vasta fundamentação teórica, porém alguns poucos vão tratar dos aplicativos, sistemas e tecnologias disponíveis e qual a maneira de usá-los no ensino superior. Isso

implica não apenas saber usar a internet, por exemplo, e sim sobre um olhar crítico e seletivo diante de tanta informação.

A maneira de como se perpetuava o conhecimento através de documentos que continham textos e ilustrações, foi ampliada para documentos eletrônicos, que podem conter sons e imagens (desenhos, gráficos, fotografias e vídeos). Em outras palavras as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) introduziram o conceito de multimídia: um documento dinâmico que inclui vários tipos de informações em vários formatos.

Como fruto da mais atualizada formação docente, é importante conhecer e saber interagir com os recursos disponíveis levando em consideração que o aluno pode buscar respostas simples usando qualquer dispositivo que se conecte à internet, portanto a habilidade exigida no processo de ensino não se conclui em expor matéria, mas conduzir o indivíduo dessa geração conectada a processar essa informação à algo novo.

210

Recursos tecnológicos

Para Harasim et al. (2005, p. 221) a aprendizagem em rede “proporciona uma rica oportunidade de intercâmbio de informações e ideias, em que todos podem participar ativamente, aprendendo uns com os outros e com os professores”. Segundo Palloff e Pratt (2002) é resultado da reciprocidade entre o grupo de participantes que sabe distinguir e argumentar para defender seus pontos de vista, contribuindo para a construção de conhecimentos coletivos e comunidades virtuais de aprendizagem.

Rede de computadores possibilitam a interação entre as máquinas para compartilhamento de recursos físicos — impressoras, scanner, câmeras, alto-falantes, monitores etc. — e de recursos lógicos — arquivos, programas, mensagens, dados, e-mails etc.

Os maiores nomes da internet atualmente, como por exemplo Google, Facebook e YouTube, nasceram no meio acadêmico justamente para facilitar a interação com usuários que se encontravam conectados à internet e distantes fisicamente. Há disponíveis na web diversos sites com fóruns e grupos a qualquer pessoa com tutoriais prontos de qualquer nível, desde o iniciante até o avançado, e também tutores que auxiliam o interessado por meio de mensagem ou chat, de muitas áreas técnicas. Um fórum bem frequentado pelos alunos dos cursos de desenvolvimento de software é o GUJ — figura 1 — que é um projeto *open source* que pretende compartilhar o conhecimento de seus usuários auxiliando no aprendizado de linguagem de programação.

211

Figura 1: Fórum de linguagem de programação



Fonte: <http://bit.ly/2q6l9gK>. Acesso em: 27 mar. 2015.

Fórum de discussão é um ambiente dentro de uma página da internet que tem por objetivo promover debates por assuntos pré-definidos gerando novas páginas onde os usuários, que nesse contexto são chamados de comunidade, abordam uma mesma questão.

Com visual minimalista, onde o usuário encontra milhões de resultados apenas digitando palavras-chave numa caixa de texto em uma página branca, o Google nasceu nos anos 90 na Universidade de Stanford quando dois estudantes de ciências da computação iniciaram uma parceria para o desenvolvimento de um mecanismo de pesquisa. As produções científicas que são feitas atualmente, dificilmente não usaram alguma vez o melhor algoritmo de pesquisa implementado no site mais acessado do mundo.

212

Google possui diversos recursos interessantes como o Google Docs, onde há aplicativos que permitem editar e salvar documentos usando editor de texto, planilha eletrônica ou apresentação de slides e guardar arquivos na nuvem — compatíveis com o pacote Office da Microsoft: Word, Excel e Power Point. Os arquivos podem ser compartilhados permitindo a edição ou somente visualização. Um grupo de alunos pode trabalhar e editar um documento de texto ao mesmo tempo ou assistir a mesma apresentação de slides com a possibilidade de interação via chat. O Google Docs funciona direto do navegador de internet e há também aplicativos para smartphones e tablets.

Outro recurso poderoso do Google é o Google Acadêmico. Ele fornece uma maneira simples de pesquisar literatura acadêmica de forma abrangente. Você pode pesquisar várias disciplinas e fontes em

um só lugar: artigos revisados por especialistas (*peer-reviewed*), teses, livros, resumos e artigos de editoras acadêmicas, organizações profissionais, bibliotecas de pré-publicações, universidades e outras entidades acadêmicas. O Google Acadêmico ajuda a identificar as pesquisas mais relevantes do mundo acadêmico.

Figura 2: iTunes U



Fonte: <http://bit.ly/2q7qELF>. Acesso em: 1 abr. 2015.

Desenvolvido pela Apple, o iTunes U — figura 2 — é um ambiente onde os professores podem oferecer um aprendizado personalizado. Eles montam e organizam as aulas e os alunos podem acessar usando o aplicativo. No aplicativo ficam os materiais, os trabalhos e as anotações disponíveis a qualquer momento. As maiores universidades do

mundo possuem cursos cadastrados no iTunes U e os cursos possuem texto, vídeos, áudios e exercícios.

Qualquer instituição de ensino pode se inscrever por meio do site da Apple e ministrar cursos e conteúdo educativo. Os professores podem colaborar na criação, administração e inscrição de cursos. Os melhores cursos são os que têm conteúdos dinâmicos que inspiram e envolvem seus alunos, como livros *Multi-Touch*, notícias, documentos, aplicativos, links etc.

As *Wikis* se tornaram muito populares na internet pois permitem a edição coletiva e pública de documentos em hipertexto usando um sistema que não precisa necessariamente que o conteúdo seja revisado antes de sua publicação. É de conhecimento comum que diversas empresas e universidades tem implementado *Wikis* próprias em ambientes internos — como Intranet ou Página do aluno. Ali são gerados scripts de colaboração dos próprios usuários. Os atuais recursos tecnológicos alteram a percepção do aluno que busca a informação por si só quando lhe é exigida. Por essa razão, os citados recursos nesse trabalho, colaboram para que uma nova e moderna metodologia de ensino surja. Behrens (2000) ensina que ao utilizar tecnologia, o professor pode oferecer uma ação pedagógica inovadora.

Em um momento de transformações sociais que refletem na universidade, se faz necessário um investimento no educador, visando uma conexão com estas novas tecnologias. Além do mesmo ser participante deste contexto, tem um papel fundamental na manutenção da atenção do aluno dentro do processo ensino-aprendizagem (MARCHIORI et al., 2011)

Segundo Morosini (1997), “a metodologia confere rigor e validade à compreensão e à explicação de uma prática pedagógica”. A tecnologia possibilita, por meio de seus recursos, uma melhor equiparação para facilitar os processos de ensino e aprendizagem, entretanto, é preciso selecionar as metodologias cuidadosamente.

Uma prática pedagógica competente, que acompanhe os desafios da sociedade moderna, exige uma inter-relação dessas abordagens e o uso da tecnologia inovadora. Sendo assim, a utilização desses novos meios deve ocorrer com a finalidade de melhorar o desenvolvimento docente, tendo em vista a mudança cognitiva discente proporcionada pela tecnologia.

Considerações finais

215

O ato de estudar em mundo digital cada vez mais rico, tem lugar em diversas mídias e dispositivos. Essas mídias compostas de áudio, vídeos, imagens e textos são facilmente acessadas por meio de dispositivos como por exemplo smartphones e tablets. Evidentemente que o uso do computador, do livro e do papel está longe de perder espaço no meio acadêmico, mas há que se refletir sobre os ambientes fora dos limites tradicionais e como processar essa informação obtida através da rede.

Como afirma Lopes (1991), adotando uma metodologia de ensino crítica o professor poderá originar transformações substanciais na educação. O uso das novas tecnologias de informação e comunicação, tanto para o professor quanto para o aluno, no âmbito do nível superior, é um desafio a fim de evitar produção acrítica de

trabalhos e leitura sem profundidade. O desafio nesse caso é saber encontrar, compartilhar e processar de maneira crítica todo esse acervo digital de bolso.

Os recursos tecnológicos mais relevantes têm seu fundamento na rede mundial de computadores. Suas melhores características são a capacidade maximizada de pesquisa, colaboração de diversos usuários na confecção de trabalhos científicos, portabilidade e acessibilidade dos conteúdos necessários para formação do aluno.

As vantagens do uso de tecnologia nova são muitas e desafiadoras. São desafiadoras pois, mesmo tendo seu valor, há uma área conservadora no processo de ensino e igualmente há necessidade de se adaptar às mudanças. E esta adaptação é inevitável visto que sistemas informatizados permeiam todas as organizações comerciais, grandes empresas e instituições acompanhando e provendo o avanço do conhecimento humano.

216

Referências

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 2000.

HARASIM, L.; TELES, L.; TUROFF, M.; HILTZ, S. R. **Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on-line**. São Paulo: Senac, 2005.

LOPES, A. O. **Técnicas de ensino: Porque não?** Papirus: Campinas, 1991.

MARCHIORI, L. L. M.; MELO, J. J.; MELO, W. J. **Avaliação docente em relação às novas tecnologias para a didática e atenção no ensino superior**, v. 16, n. 2, p. 433-443, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2r6tLSA>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

MOROSINI, M. L. **Universidade futurante: produção do ensino e inovação**. Papirus: Campinas, 1997.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, B. D. A tecnologia é uma estratégia. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DESAFIOS, II. **Anais de Congresso**. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio, 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/2poTkBh>>. Acesso em: 29 set. 2013.

Docentes universitários: constante atualização!

Rosana C. Paseto¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: O presente artigo apresenta a profissão docente como àque-la que nem sempre é escolhida pelo profissional como sendo sua pri-meira opção ou como sua carreira sonhada e de sucesso, mas sim pe-las oportunidades que surgem após sua colação de grau. Sugere-se ao profissional que opta por atuar na área docente que questione e avalie

¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: paseto_rcp@yahoo.com.br.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Ins-titucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geogra-fia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

seu método de ensino e seu relacionamento com os discentes, avaliando desta forma sua interação com os alunos e descobrindo formas de melhorar seu desempenho. O forte embasamento científico-tecnológico aliado à prática profissional e pedagógica ficou evidenciado como sendo uma característica desejável ao profissional que deseja exercer atividades docentes, pois o professor que consegue aliar prática com teoria consegue transmitir melhor os conhecimentos, principalmente porque os alunos gostam de saber como se faz, isto é, o aluno gosta de professor que mostra na prática, e uma das formas de poder realizar isto é através da experiência em campo. Evidencia-se também que as inovações tecnológicas surgem como ferramentas que podem auxiliar o aperfeiçoamento docente, permitindo sua atualização e melhorando inclusive a comunicação com os alunos. Constatase que esta nova interação permite ao professor utilizar o linguajar e as tecnologias que estão presentes no dia a dia do aluno, de forma que este se sinta mais a vontade para aprender. Conclui-se que atualizações, não apenas na parte técnica, mas também na parte pedagógica, devem ser uma constância para o profissional que envereda pelo caminho da docência universitária.

Palavras-Chave: Professor; Atualização; Aprender.

Abstract: This article presents the teaching profession as the one that is not always chosen by the professional as his first choice or as your dream career and success, but by the opportunities that arise after his graduation. It is suggested to the professional who chooses to work in

the teaching area to question and evaluate your teaching method and its relationship with the students, evaluating thus their interaction with students and finding ways to improve their performance. The strong scientific and technological foundation combined with professional practice and teaching became evident as a desirable characteristic to the professional that you want to undertake teaching activities, because the teacher who is able to combine theory with practice can better convey the knowledge, mainly because students like to know how if it does, ie the student prefers the teacher who likes to show in practice, and one of the ways you can accomplish this is through experience in the field. It also shows that technological innovations emerge as tools that can assist the teacher training, allowing updating and even improving communication with students. It is verified that this new interaction allows teachers to use the language and the technologies that are present on a daily basis of the student, so they will have more interest to learn. It follows that updates not only in the technical section, but also in the pedagogical part, should be a constant for the professional who is appealing the path of College faculty.

221

Keywords: Teacher; Update; Learn.

Introdução

A escolha profissional nem sempre é fácil. Alguns quando jovens escolhem a profissão para a vida toda, entretanto outros mudam

no decorrer da vida. A profissão sonhada e escolhida nem sempre é voltada para a docência, mas em consequência das oportunidades que surgem, uma gama enorme de profissionais acaba exercendo-a e se adaptam muito bem ao trabalho acadêmico. Pode-se citar, por exemplo, os formados em áreas não pedagógicas, que muitas vezes não tinham o desejo de serem professores, mas após a graduação acabam assumindo vagas de docência por ser a oportunidade que se apresenta no momento.

O docente em sala de aula nem sempre está preparado para enfrentar os diversos desafios comumente encontrados no seu dia a dia, tanto na educação básica, fundamental e médio, bem como no ensino superior. Esses desafios podem surgir nos mais diversos planos, desde a infraestrutura da instituição até o plano pedagógico. O profissional de ensino vai se desenvolvendo com a experiência ao longo do tempo na própria sala de aula e o docente precisa refletir sobre sua atuação, de forma a melhorar seu desempenho.

222

O professor deve avaliar se está sendo rotineiro, pois devido à sempre realizar a mesma atividade acaba entrando na zona de conforto e não se atualizando, se isto acontecer, o mesmo deve buscar uma forma de atualizar suas metodologias e adquirir novos conhecimentos, tornando-se desta maneira mais interativo com seus alunos.

As universidades e faculdades normalmente não observam a competência pedagógica do seu docente, focando apenas na sua formação técnica, o que resulta em alunos e docentes muitas vezes descontentes e não raramente desmotivados.

Desenvolvimento

De acordo com Boas⁴, um bom professor é aquele que não só apresenta uma boa formação, e sim, quando este relaciona a teoria e a prática, com erros e acertos, porque o indivíduo é constituído de suas ações e reflexões e está se transformando continuamente.

Veiga (2005) afirma que as funções formativas convencionais (saber/transmitir) foram tornando-se mais complexas com o tempo e com o surgimento de novas condições de trabalho, e o professor passou a desempenhar um conjunto de funções não se limitando apenas a ministrar aulas.

Para Cruz (2007), o professor é o ator principal, pois é ele que transmite todas as informações para o aluno, exercendo a função de mediador da cultura e dos conhecimentos escolares.

Pode-se concluir então que o professor ideal seria um profissional completo e que deve ter em seu DNA a disposição para aprender e para ensinar em qualquer nível de conhecimento.

Existem, entretanto, diversos tipos de profissionais que ingressam nessa carreira imediatamente após a conclusão do curso de graduação. Este professor que após sair de sua graduação busca como opção de trabalho, a vida docente, normalmente é o profissional formado em licenciaturas, já outros, percorrem mais alguns anos de formação até realizando cursos de mestrado e doutorado.

Este docente, supostamente mais técnico e com maiores conhecimentos após a conclusão de sua pesquisa (mestrado ou doutorado),

.....
⁴ Disponível em: <<http://bit.ly/2plcckA>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

deseja transmitir em sala de aula suas experiências, dedicando-se a vida acadêmica, mas nem todos tem a aptidão docente.

Outros ingressam na vida acadêmica, ao final de sua vida laboral (não acadêmica), após anos e anos de conhecimento, trabalhando e adquirindo experiências, buscam transmitir em sala de aula suas experiências, ligadas mais à prática profissional do que propriamente a teoria. Tem aqueles que ingressam nessa atividade, para lecionar na função de sua formação (licenciaturas), nas diversas instituições de ensino existentes.

As instituições de ensino, seja pública ou privada, absorvem uma parte destes profissionais os quais tem a incumbência de ensinar os alunos, e são obrigados a aprender a ensinar de forma autodidata, pois não exigem cursos de especialização em docência para os mesmos.

224

A formação dos professores universitários, segundo Veiga (2005), vai além de uma profunda capacitação científico-pedagógica para enfrentar as questões fundamentais da universidade como instituição social, implicando nas ideias de formação, reflexão e crítica, compreendendo a importância do papel do docente.

Segundo Veiga (apud FERENC; MIZUKAMI, 2005, p. 4):

Se a especificidade e identidade da profissão docente é o ensino, é inadmissível que professores universitários que detenham o domínio do conhecimento em um campo científico não recebam uma formação mais condizente com as necessidades dos alunos e do ser professor.

A pós-graduação voltada para docência universitária é uma opção para a formação pedagógica desses profissionais que de uma forma ou de outra buscam transmitir seus conhecimentos e assim podem aplicar seus saberes técnicos e pedagógicos em sala de aula.

A didática e a postura do professor faz toda a diferença na área do ensino, pois o docente que interage com seus alunos e consegue uma sintonia maior com os mesmos, consegue fazer com que os discentes se identifiquem com a disciplina e por consequência facilitam o processo de ensino/aprendizagem.

A “docência universitária é “aprendida”, na maior parte das vezes, em exercício. Dizendo de outro modo, o professor universitário aprende a sê-lo, torna-se docente, por meio de sua atuação em sala de aula”, segundo Faggion⁵

225

O que os habilita para o exercício da docência é a formação específica e a sua experiência profissional na área de atuação. Certamente, experiência profissional e conhecimento da área (saber disciplinar) são fundamentais. Porém, para tornar-se docente, é preciso mais. A docência caracteriza-se por dois saberes que devem ser articulados permanentemente: saber específico e saber pedagógico.

O professor deve quebrar as barreiras do comodismo, pois todo conhecimento é importante. Podem-se citar algumas formas de conhecimento e atualização, seja através de cursos *latu sensu*, *stricto sensu* e através de pesquisas, especializações, de leituras, de reflexões

.....
⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2r2B6m5>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

226 pessoais, de participação em congressos e também àqueles que buscam por si próprios, ampliar seus conhecimentos.

“A profissionalização continuada, em âmbito institucional, vem demonstrando o espaço que um projeto coletivo pode ocupar na revisão das práticas pedagógicas, pela reflexão sistemática da ação docente” (PIMENTA et al., 2003, p. 276).

Com a revolução tecnológica deste século, os professores estão diante de outro tipo de atualização, o uso das tecnologias em sala de aula.

Estas tecnologias da informação e comunicação (TIC's) apresentam-se como um novo estilo digital ou estilo interativo de aprendizagem, a ser compreendida pelo educador contemporâneo.

Estas tecnologias modificam a forma de ensinar, permitindo a utilização de uma metodologia compartilhada, de mais orientação, resultando em um trabalho investigativo coordenado pelo professor, exigindo uma participação mais ativa do aluno com o emprego de instrumentos tecnológicos recentes.

O emprego destas tecnologias faz com que o aluno esteja mais próximo, mais em contato com o professor, e a troca de informações, ideias e esclarecimento de dúvidas, pois o aluno deve pesquisar para resolver a problemática lançada pelo professor. Um bom exemplo a citar são os chats, blogs, fóruns e wikis, onde o aluno expõe seus conhecimentos e suas dúvidas interagindo com o grupo e pesquisando ao mesmo tempo.

Verifica-se então que ensinar e aprender hoje exige muito mais flexibilidade, através de pesquisas, incentivando os alunos a buscarem informações e dados por conta própria.

O papel do professor agora, descreve Moran (2000, p. 61), “é o de gerenciador do processo de aprendizagem, é o coordenador de todo andamento, do ritmo adequado, o gestor das diferenças e das convergências”, portanto não basta que o profissional tenha conhecimentos é preciso interagir com os alunos com a finalidade de atingir o objetivo principal que é a formação do aluno.

O profissional do ensino precisa se adaptar a essa nova realidade, fazendo e inovando para interagir com o meio virtual que os alunos utilizam. Sendo o professor um pesquisador nato, ao buscar e aprender algo novo, desperta um olhar novo sobre a docência, e diante deste novo olhar a única opção é inovar, fazendo desta forma que o seu aluno também mude.

Considerações finais

227

No decorrer de sua vida, o docente de alguma forma precisa se atualizar para poder inovar nas aulas e trazer algo que possa motivar seus alunos. Cada profissional precisa se questionar se está atualizado ou não, e isto em todas as áreas, sejam do conhecimento ou do emprego de novas tecnologias. Esta auto avaliação deveria ser habitual, rotineira, de forma que o mesmo programe as mudanças necessárias sem a necessidade de exigências das instituições em que o mesmo trabalha.

Mudanças muitas vezes são simples, envolvendo atividades diferenciadas como, por exemplo, uma forma nova de avaliação ou um trabalho de campo diferente, em que possa inspirar seus alunos e conseguir atingir o objetivo que é ensinar.

Para aqueles que já estão há anos nessa caminhada, sempre haverá algo novo para aprender. Aprende-se todos os dias algo novo, não somente referente o conteúdo da disciplina, mas como ser humano, se colocando no lugar do outro.

Portanto, o profissional docente, deve buscar constantemente novos conhecimentos para melhorar e enriquecer seus saberes. Este, que busca estar em sintonia com seus alunos, é o professor que forma pessoas, que vai além do conhecimento técnico, sendo o verdadeiro educador. A formação do educador deve estar associada ao constante aprender, só ensina-se aquilo que um dia foi aprendido.

Se estas mudanças forem atingidas, então se pode afirmar que de fato atingiu-se uma revolução do ensino, mudando simultaneamente os paradigmas convencionais, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário se estará aplicando apenas um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. As TIC's são um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender. Pode-se começar com uma aula, uma disciplina e aos poucos contaminar todos os colegas docentes atingindo uma mudança geral.

228

Referências

CRUZ, G. B. A prática docente no contexto da sala de aula frente as reformas curriculares. **Educar em revista**, n. 29, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2plctE8>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

FERENC, A. F.; MIZUKAMI, M. G. N. Formação de professores, docência universitária e o aprender a ensinar. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, VIII. **Anais de Congresso [...]** São Paulo: Editora UNESP, 2005. Disponível em: <<http://bit.ly/2q450Yz>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

MORAN, J. M. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias. Revista Interações, v. 5, p. 57-72, 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/2qUdTFy>>. Acesso em: 25 ago. 2014

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. C.; CAVALLET, V. J. Docência no ensino superior: construindo caminhos. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

VEIGA, I. A. Docência universitária na educação superior. In: SIMPÓSIO PROMOVIDO PELO INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS “ANÍSIO TEIXEIRA” (INEP), VI. **Anais de Congresso [...]** Brasília: Editora UMCPOS, 2005. Disponível em: <<http://bit.ly/2r10YOq>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

Influência e necessidade da formação continuada e progressiva do professor no ensino superior

Robson Silva Xavier¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Vandeni Clarice Kunz³

Resumo: A discussão sobre Educação e democracia geralmente vai além da declaração de que a educação é necessária para a democracia, uma declaração que historicamente e juridicamente tem sido a base

.....
¹ Pós-graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: robsonxavier_71@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Doutora em Fisioterapia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Fisioterapia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Paranaense. E-mail: vandeni.kunz@unasp.edu.br.

de muitas falas políticas em nosso país. Também, não se pode deixar de observar que, para que a formação continuada de um educador possa acontecer, ela precisa estar conectada aos conceitos de democracia e educação. Neste artigo mostra a influência e necessidade da formação continuada no processo do desenvolvimento profissional, educacional e da democrático. E essa influência atingira não só o profissionalismo do cidadão/educador mas também a sociedade em seu processo de desenvolvimento podendo participar mais ativamente nos debates do bem-estar da comunidade e proteção do direito individual a vida, liberdade e de ter alegria. Nessa discussão busca-se entender que educadores, em seus processos de melhoria e de formação continuada, podem reconhecer e comunicar que há conexão entre formação continuada e democracia e que ela vai além do simples fato de educar, mas sim de desenvolver o processo democrático.

232

Palavras-chave: Educação superior; Formação continuada; Democracia.

Abstract: The discussion on education and democracy often goes beyond the statement that education is necessary for democracy, a statement that legally and historically has been the basis of many political speeches in our country. In addition, it is impossible not to observe that for the continuing education of an educator could happen, it must be connected to the concepts of democracy and education. This paper shows the influence and necessity of continuing education in professional, educational development and the democratic process. And this influence reached not only the professionalism of the citizen/

educator but also society in the development process and can participate more actively in the debates of the welfare of the community and protection of individual rights to life, liberty and have joy. In this discussion we seek to understand that educators, in their process improvement and continuing education, may recognize and report that there is connection between continuing education and democracy, and that it goes beyond simply educate, but rather to develop the democratic process.

Keywords: Higher education; Continuing formation; Democracy.

Introdução

233

A educação, em um mundo globalizado, tem sido avaliada e considerada como um fator moderador, modelador e catalizador de talentos nas mais variadas áreas de estudo da área científica e acadêmica.

Ela ajuda a humanidade a pensar e repensar a própria vida e utilidade, seja na sociedade civil, seja na sociedade profissional. Ela guia uma busca constante de desenvolvimento, amadurecimento e melhoria do pensamento científico/educacional como agentes modificadores da sociedade de forma que ela possa fazer sentido não apenas teoricamente, mas também, pragmaticamente para o bem-estar e das relações humanas.

Mas quando se pensa sobre a educação no processo formativo do professor, a nível de terceiro grau, e, conseqüentemente, a sua

formação continuada, esbarra-se num grande dilema no Brasil: “a desmotivação”, que acaba gerando desinteresse na busca pela continuação do aperfeiçoamento constante e que também é fortalecido pela falta de reconhecimento, remuneração e etc.

Por isso é necessário que o professor, além de ter essas necessidades supridas, também desenvolva o senso democrático e entenda que tais mudanças podem ser reais, se o processo educacional for uma constante não só no nível acadêmico, mas da vida como um todo.

O indivíduo, sua formação, e a sociedade

234

Pensar a formação de um indivíduo traz à tona a questão de sua atuação e participação na comunidade e sociedade, levando em conta, se esta tem o poder de influenciar e mudar os aspectos educacionais, de forma que formule e melhore os parâmetros de interferência na democracia. Por isso, pode ser difícil separar ensino/formação da democracia. Desta forma, o pensamento de Carl Glickman (1993, p. 8-9) faz muito sentido, pois ele afirma que essa “fusão é importante para o desenvolvimento da civilização e da democracia de forma a assegurar uma participação em discussões, debates e decisões que promovam o bem-estar da comunidade de forma que possa proteger os direitos básicos da sociedade. A ausência de uma prejudicaria a outra”.

A participação do professor universitário no processo educacional é necessária no aspecto democrático, pois é ele que vai motivar ou não, orientar ou não, essa busca pela formação continuada através

dessa conscientização social e educacional. Também necessita ter clara as bases teóricas em que se fundamentam a educação de forma que essa relação seja harmônica. Essa relação deve ser reconhecida pelos professores e difundida pelos mesmos. Ela é tão importante que se torna mais do que um simples educar e conscientizar do processo democrático. É aceitar e reconhecer efetivamente que essa formação e desenvolvimento educacional possibilita desenvolver valores democráticos de liberdade e auto-governo que são os ingredientes do aprendizado e formação. Então, reconhecer, é também, olhar para a democracia como um aspecto inerente a educação.

A relação entre educação e democracia deve ser mais evidenciado, pois ao olhar apenas para um lado desse corpo (a educação e não a democracia) significa não promover uma base para criar um rico e recompensador ambiente de aprendizado e um progressivo e envolvente curriculum. Sem entender a importância crítica desses valores para o aprendizado, a prática comum permanece enraizada na abordagem tradicional da educação, que vê a educação mais como um instrumento do que um valor em si mesma (GOODLAD, 1999). Não entender essa interdependência é uma forma de anular parte do processo de formação e desenvolvimento do indivíduo em sua carreira pedagógica continuada e dar margem ao retrocesso no seu desenvolvimento educacional e pedagógico. Apesar de toda movimentação no cenário evolutivo da educação, no processo ensino-aprendizagem, os argumentos políticos da educação não têm mudado desde os movimentos progressistas que ganharam apoio no meio educacional nos últimos cem anos (DEWEY, 1938). O papel

da educação e seus mecanismos de desenvolvimento do sujeito é de suma importância nesse contexto, sendo ela um agente de construção de sentido e conhecimento para que o objetivo de uma continuada formação e desenvolvimento seja efetivo. Isso pode levar o profissional a descoberta contínua e a renovação de seu direcionamento profissional. Assim pode-se, ou continuar a dizer o que as pessoas devem fazer, como transmissão do conhecimento, ou ajudá-las a encontrarem seus propósitos e as formas para alcançá-los (SODER, 1999). Desta forma pode-se reconhecer o valor do movimento presente da renovação educacional ao incorporar valores democráticos no currículo e no processo educacional e formativo do indivíduo/educador (NODDINGS, 1999).

236

Entretanto, existe a possibilidade de um sistema ter interesse em despertar no indivíduo a busca por uma continuada capacitação/formação. Com que fica a responsabilidade? Quem tem que dar o primeiro passo na solução do problema? Desta forma, fica então, condicionada ao próprio sujeito interferir nesse processo e criar ferramentas que façam com que esse interesse e essa motivação seja suscitada pessoalmente. Essa busca, portanto, deve ser mais interior e individual do que exterior e coletiva, para que, posteriormente, o evento “exterior e coletivo” possa se tornar uma realidade. Ao criar essa “necessidade ou busca”, o profissional precisa sentir, descobrir e usar isto como uma forma de sustentar o interesse e a energia necessários para que as barreiras, desafios e tarefas do aperfeiçoamento sejam superadas. Desenvolver essa necessidade implica pensar no modelo de ensino e na própria democracia.

A inter-relação e interferência educação-democracia e necessária para um desenvolvimento profissional e social. Se o sistema de ensino não valoriza(r) esta relação, o próprio profissional pode se desmotivar e ser conduzido a falta de consciência democrática que o leva a uma ruína mais profunda: que está na “natureza dos processos de aprendizagem em si mesmos e aos hábitos de maturação e desenvolvimento da mente que nosso sistema/currículo preconiza e ensina” (CUBAN, 1993; APPLE, 1971; MANN, 1969).

O sistema educacional brasileiro tende a uma política pedagógica centrada na ênfase da transmissão e recepção do conhecimento, a qual necessita ser mudada e atualizada, pois o fundamental, é que o princípio pedagógico deva ser a comunicação e a construção do saber de forma que esse fenômeno ajude a motivar a formação continuada no sistema pedagógico. Então ao observar a definição técnica de educação, no âmbito da democracia, percebe-se que ela pode ser melhor entendida e definida em um sentido que a reconstrução ou a reorganização da experiência somada ao significado da experiência, a qual, aumenta a capacidade de direcionar o curso da experiência subsequente (DEWEY, 1944) que mostra que aprender faz parte da construção do significado da nossa experiência. De acordo com Piaget: “A função essencial da inteligência consiste em entender e inventar, em outras palavras, construir estruturas ao estruturar a realidade” (PIAGET, 1970).

Escolher fazer isso é um passo corajoso e audacioso que ajuda a redirecionar as ações e escolhas individuais. Esse processo é que faz com que as pessoas sejam o que são: “livres para pensar e agir, independentes e autônomas”. Essa autonomia, com responsabilidade e

maturidade, é necessária para o crescimento e o aprendizado acontecer, de forma que a educação/formação e democracia estejam entrelaçadas. E esse desenvolvimento educacional passa a fazer parte não só da vida acadêmica do profissional, mas também da vida pessoal. Ao perceber essa interatividade, pode-se dizer que esse desenvolvimento também afetara a sociedade como um todo, melhorando suas próprias qualidades de vidas e dos que estão ao redor e que também podem, direta e indiretamente ser afetados por tais benefícios (DEWEY, 1944).

238

Baseado no conceito de que Democracia envolve uma forma dinâmica de viver em grupo com noções de liberdade e autogerenciamento, não pode estar focada apenas na transmissão de informação de forma que isso signifique estabelecer um status quo, mas, muito mais que isso. Crescer e se desenvolver, passa a ser o resultado recompensador de tal escolha na capacitação e formação continuada. Essa experiência dá vida a esse processo dinâmico — crescimento/desenvolvimento da formação continuada do profissional — e isso enfatiza o relacionamento entre educação, experiência e democracia que deverá permear toda a vida do professor e fazer com essa “vida” não se seja desperdiçada. Assim esse processo deve invadir todas as áreas da vida do profissional/educador em formação, tanto na área social como na acadêmica. (DEWEY, 1944). Vê-se que nessa atitude, ao mesmo tempo, o fortalecimento do interesse na aprendizagem e um enfraquecimento da falta de preparo no desempenho de tarefas pedagógicas.

Ao refletir sobre a questão, algumas questões são levantadas conforme Garrison (2003, p. 528):

Então qual é o argumento está sendo feito? Estamos simplesmente promovendo escolas mais democrática ou uma escolarizando? O que significa mais democrático? E como e porque esta qualidade afeta a aprendizagem — não somente a educação ou a aprendizagem como um processo pelo qual nos transmitimos valores e instituições da sociedade, mas uma aprendizagem e educação como o resultado proposital e intencional do conhecimento do ensino e de habilidades?⁴

Olhar para uma sociedade educada e com responsabilidade social pode significar que ela é mais democratizada, pois tem indivíduos que tem responsabilidade sobre suas escolhas e ações, as quais são moldadas dentro de uma esfera de desenvolvimento e maturação que, não só a formação empírica fornece, mas além disso, o experimentar o processo educacional e o aprimoramento dos valores institucionais absorvidos os determinam e influenciam a vida do indivíduo como um todo (existência, trabalho, comunidade, o meio-ambiente e os relacionamentos). É essa experiência que pode promover o interesse e a capacidade de maturação, desenvolvimento e crescimento continuado.

“A educação transmite valores sociais e institucionais e a democracia em ação promove a renovação de seus sentidos” (GARRISON, 2003).

Esta síntese de pensamento traz à tona o valor da educação no processo democrático e no processo de formação continuada. Profissionais conscientes dessa realidade, não tem a necessidade constante

⁴ So what is the argument being made here? Are we simply promoting “more democratic” schools or schooling? What does it mean to be “more democratic”? And how and why does this quality affect learning - not only education or learning as the process by which we transmit society’s values and institutions, but learning and education as the purposeful result of teaching knowledge and skills?

de lembra-los de uma adaptação, de uma renovação e de uma atualização de seus conhecimentos profissionais, pois esse processo acontece de forma natural, madura e espontânea.

O aprendizado e a experiência estão interligados um ao outro num processo, onde um se molda e o outro é moldado. Onde se transforma e é transformado, de forma que a reconstrução e a reorganização se torna o resultado constante da interação de ambos os processos. Assim, a experiência é o meio pelo qual se aprende e que ajuda na percepção da realidade. Nesse processo a criatividade é estimulada no ser humano e serve para expandir os planos esquemáticos conceituais da aprendizagem que ajudam no processo de crescimento e desenvolvimento da experiência. Então o aprendizado só se concretiza quando o contínuo uso e teste do entendimento da realidade através das escolhas e ações da vida se dão (ULRICH, 1976).

240

Desta forma, não se pode deixar de notar que no processo de aprendizagem a participação do aluno na formação e construção do conhecimento é vital. O desenvolver, o envolver e o aprender são processos que fazem parte da educação e também da democracia. As escolhas e as ações são realizadas com base na democracia e na formação educacional que o ser obtém. Por isso é que a educação é importante no processo democrático e de formação do indivíduo. Ela fortalece e dá poder de agir a interagir com todos aqueles com quem conecta. E numa democracia quanto mais educado mais democrático o indivíduo pode ser e vice-versa. A educação tem que estar aliada a uma formação constante, onde a maturidade e o crescimento seja um processo presente e real (DEWEY, 1938; BERLINER, 1996). A

sociedade precisa de mais escolas que consigam produzir esse efeito e resultado. A sociedade precisa de professores que tenham responsabilidades sociais, cívicas e acadêmicas que permitam que esse evento seja uma realidade na vida daqueles com quem entram em contato. Ela precisa de pessoas que entendam que o processo educacional constante permite não só a melhora do indivíduo no processo de aprendizagem acadêmico, e também no processo democrático também. A sociedade precisa de uma educação crescente e envolvente que promova a capacidade para o constante aperfeiçoamento, amadurecimento e crescimento.

Referências

241

APPLE, M. W. The hidden curriculum and the nature of conflict. **Interchange**, v. 2, n. 4, p. 27-40, 1971.

BERLINER, D. C.; BIDDLE, B. J. **The manufactured crisis: myths, fraud, and the attack on America's public schools**. Reading: Addison Wesley, 1996.

CUBAN, L. The lure of curriculum reform and its pitiful history. **The Phi Delta Kappan**, v. 75, n. 2, p. 183-84, 1993.

DEWEY, J. **Democracy and education**. New York: Macmillan, 1944.

DEWEY, J. **Experience and education**. London: Collier-Macmillan, 1938.

GARRISON, W. H. Democracy, experience, and education: promoting a continued capacity for growth. **The Phi Delta Kappan**, v. 84, n. 7, p. 528, 2003.

GLICKMAN, C. **Renewing america's schools**: a guide for school-based action. San Francisco: Jossey-Bass, 1993.

GOODLAD, J. I. *Flow, eros, and ethos* in educational renewal. **The Phi Delta Kappan**, v. 80, n. 8, p. 574-576. 1999.

MANN, J. S. Curriculum criticism. **Teachers College Record**, v. 71, n. 1, p. 27-40, 1969.

NODDINGS, N. Renewing democracy in schools. **The Phi Delta Kappan**, v. 80, n. 8, p. 579-583, 1999.

242

PIAGET, J. **Science of education and the psychology of the child**. New York: Orion Press, 1970.

SODER, R. When words find their meaning: renewal versus reform. **The Phi Delta Kappan**, v. 66, n. 2, p. 569, 1999.

ULRICH, N. **Cognition and reality**. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1976.

A importância da formação do professor enfermeiro no ensino superior

Roseli Benyhe de Lima¹

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva²

Francisca Pinheiro da Silveira Costa³

Resumo: Havendo um avanço enorme na área da saúde, nos últimos dez anos, surgiu um novo espaço no campo de trabalho na docência para enfermagem, porém tem tido várias mudanças na parte pedagógica quanto a enfermagem, assim como nas

.....
¹ Pós-graduanda em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: roselibenyelima1@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: andressa.oliveira@unasp.edu.br.

³ Pós-Doutora em Ciências Florestais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ecologia Aplicada. Mestre em Agroecologia de Ecossistemas. Graduada em Licenciatura plena e bacharelado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: francisca.costa@unasp.edu.br.

transformações sociais, diretrizes curriculares e metodológicas, estes temas tem surgidos muitas discussões a fim de mudanças. Porém sabe-se que a formação inicial do enfermeiro não é voltada para o exercício da docência, e sim para fornecer a base teórica e prática para sua atuação profissional específica e para favorecer a sua educação permanente, pois na formação do docente em enfermagem deve ser consolidada com base no domínio de conhecimentos científicos e na atuação investigativa no processo de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Docência; Professor; enfermeiro.

244

Abstract: Having a huge breakthrough in health in the last ten years, emerged a new area in the field of teaching to work in nursing, but has had several changes in the teaching of nursing as well as in social, curricular and methodological guidelines, these themes have emerged many discussions to change. But it is known that the initial nurse training is not geared to the teaching profession, but to provide a theoretical and practical basis for their specific professional practice and promote their continuing education, as in the training of teaching in nursing should be consolidated basis in the field of scientific knowledge and investigative activities in the teaching and learning process.

Keywords: Teaching; Teacher; Nurse.

Introdução

Nos dias de hoje, a prática pedagógica do enfermeiro professor vem sendo repensada pela necessidade de mudança na formação do profissional de Enfermagem conforme estabelecido pelas Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Enfermagem. E este texto vem sendo bastante discutidas as mudanças curriculares e metodológicas.

Entretanto, o processo de redirecionamento na formação dos profissionais de Enfermagem deve estar voltado para as transformações sociais, e em consequência disto, as propostas pedagógicas devem dialogar com as transformações, e é esperado que a formação esteja integrada à realidade vivida, e seja capaz de incorporar os aspectos inerentes a sociedade globalizada do século XXI.

Com essas transformações nas estratégias pedagógicas estão respaldadas na Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES) Nº. 3, de 07 de novembro de 2001, que institui as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Enfermagem. No artigo 14º da referida resolução é explicitado que a estrutura dos cursos de Graduação em Enfermagem deverá assegurar a implementação de uma metodologia no processo de ensinar-aprender estimulando o aluno a refletir sobre a realidade social.

Sendo assim, temos todo o respaldo legal para redirecionarmos as estratégias de ensino. Porém, acreditamos que o dispositivo legal terá pouca utilidade nesse redirecionamento se não houver a participação efetiva do professor enfermeiro. É necessária a capacitação contínua de preparo técnico, teórico e pedagógico inserida no contexto

econômico, político, social e cultural para que haja transformações no ensino de Enfermagem.

Portanto as Diretrizes Curriculares Nacionais de formação acadêmica, requer do formando, uma atuação técnico-cientificamente competente, tendo também uma atuação qualificada, eficiente, segura e resolutiva nos diferentes campos de prática profissional. Entretanto a formação do profissional enfermeiro, nessa diretriz, requer que as linhas metodológicas de ensino valorizem a aplicação dos conhecimentos obtidos em aulas teóricas e o desenvolvimento de projetos práticos, sendo capazes de construir novos saberes pela inserção ativa e participativa dos estudantes, visando a superação da fragmentação teoria-prática e proporcionando ao futuro profissional o conhecimento da relação entre sua própria especialidade com as demais áreas do saber.

246

Desenvolvimento

Com o crescente aumento dos cursos de nível médio em enfermagem implantados no Brasil, nos últimos dez anos, abriu-se um novo campo de trabalho para o ingresso dos cursos superiores de enfermagem no campo da docência. Embora docentes de enfermagem não tenham formação pedagógica, todavia devemos compreender que na formação do curso de bacharelado em enfermagem, geralmente são inseridos como parte do grupo das ciências naturais, biológicas e da saúde em várias escolas formadoras.

No entanto, há uma grande influência das ciências sociais e humanas que são exercidas nesta área, sendo que o objeto de cuidado no homem é caracterizado o sujeito psicológico, sócio e cultural, como está inserido em manuais do Ministério da saúde, na implementação de uma assistência á saúde, em visão de melhorar a humanização (JUNIOR et al., 2008, p. 02).

Quanto ás práticas pedagógicas, devemos lembrar que existem elementos intrínsecos para serem pensados e inseridos na estrutura curricular, embora o projeto político-pedagógico (PPP) vigente ainda seja fechado ou um tanto refratário ao novo, como é o caso da nosa atual estrutura. Para mudar um PPP precisa-se de discussões em um tempo mais dilatado, mas ainda assim os docentes do curso demonstram a sua preocupação em acompanhar as orientações das novas DCNs para a enfermagem e deram uma guinada para a atenção básica.

Porém é importante salientar que as mudanças já estão ocorrendo, conquanto o PPP seja formatado no modelo disciplinar, pois vários docentes revelam seguir as orientações do colegiado de curso e terem aumentado as práticas de suas disciplinas na atenção básica, havendo hoje um maior equilíbrio entre as práticas nos diferentes níveis de atenção no Sistema Único de Saúde (SUS).

Essas orientações do colegiado a todas as disciplinas do curso aconteceram durante as discussões do novo PPP, que está em fase de finalização e ainda não foi implementado. Mesmo assim, como as DCNs foram bastante discutidas entre os segmentos dos docentes e discentes, e já conseguem incorporar novas práticas, e a atenção básica agora responde pela metade de todas as práticas desenvolvidas no curso (PEREIRA; CHAOUCHAR, 2010, p. 04).

Portanto formar pessoas na nossa área implica ter por referência as reais necessidades da população e a complexidade que exige a atenção à sua saúde, além de adotar valores que busquem respostas aos desafios que se nos apresentam (PEREIRA; CHA-OUCHAR, 2010, p. 02).

É necessário também salientar que o importante do ensino do professor enfermeiro para o exercício da docência, é fornecer bases teóricas e práticas para atuação profissional, específica e educação permanente, sendo que se espera dos sistemas educativos de hoje, na concepção de educação, pedagogia, ensino e aprendizagem, um entendimento do Homem e da Sociedade (GUIMARÃES et al., 2013, p. 02).

248

Nos modelos tradicionais hegemônicos, o ensino-aprendizagem, na atualidade vem sendo mais questionados e colocado em ponto de reflexão, permitindo ampliar possibilidades interativas e associativas nos diferentes cenários de atuação profissional, pois o pensamento complexo, é um destes referenciais, possibilitando a construção de saberes e caráter dinâmico, não limitando à somatória dos conteúdos programáticos, mas é preciso também elaborar um pensamento complexo capaz de reforçar e desenvolver a autonomia pensante e reflexão consciente dos indivíduos, no sentido de se identificarem os problemas através da dialógica entre objetivo e o subjetivo

Entretanto desenvolver abordagens pedagógicas construtivistas de ensino-aprendizagem requer, com base no exposto, a formação de profissionais críticos e comprometidos com o seu próprio processo de construção do conhecimento. Tendo assim profissionais tecnicamente competentes, mas acima de tudo protagonistas

de uma nova história, pelo exercício da cidadania e o compromisso com a transformação social.

Porém a função do ser enfermeiro docente, nesse contexto, não pode limitar-se ao desenvolvimento de competências técnico-científicas e nem limitar ao desenvolvimento de uma aula criativa e atraente a ponto de potencializar a atratividade. Deve ir muito além de desenvolver habilidades técnico-científicas, a função docente necessita desenvolver habilidades interativas e integradoras em todas às partes, bem como compreender as singularidades dos estudantes pela capacidade didático-pedagógica de ligar e religar os saberes teórico-práticos (VIANA et al., 2013, p. 06).

O professor deve ter conhecimento do que vai ensinar, e ter habilidade didático-pedagógica, articulação e ampliação do conteúdo programático com a realidade, pois no processo ensino-aprendizado, não existe receita pronta, existem metodologias que precisam ser conhecidas e abordadas, conforme adequação das diferentes situações e indivíduos.

Desse modo, entende-se que o docente deverá estar capacitado a surpreender, cativar e instigar, é preciso ser capaz de problematizar, encantar, seduzir o estudante à busca do saber e apontar possibilidades que ultrapassem as fronteiras do saber instituído como verdade absoluta, por tanto a construção do conhecimento, nessa direção, necessita ser conduzido por meio de metodologias participativas, que despertem a iniciativa e a imaginação criativa, pela integração teoria e prática.

Porém desenvolvendo a liderança e a habilidade didática para o ensino superior, significa que, pelo olhar do pensamento complexo, descobrirá e potencializara diferenças, e irá mobilizar energias

no domínio de novas habilidades para promover a construção do conhecimento pela liderança e a habilidade didático-pedagógica irá conciliar, integrar e religar os diferentes saberes, e também o do estudante como agente na construção do saber (VIANA et al., 2013, p. 02; BACKES et al., 2010).

As Diretrizes Curriculares Nacionais de 2001 reafirmam que o ensino de enfermagem deve centrar-se no aluno e que este deve ser o sujeito da sua própria aprendizagem. Entretanto ao professor cabe a tarefa de ser o facilitador e o mediador do processo de ensino-aprendizagem, é ele que tem o dever de buscar a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão ao pensar e planejar as práticas pedagógicas que vão tomar corpo no cotidiano de ensino de enfermagem. Desta forma o ensino de enfermagem deve ser planejado no sentido de contribuir para o crescimento e a renovação dos conhecimentos da ciência da enfermagem, e de que os discentes, futuros enfermeiros, possam, através do processo educativo, além de aprender a cuidar com competência técnica e ética, ir além e ter espaços dentro das escolas para criticar a eficiência dos métodos e técnicas utilizados pelos docentes ao desenvolverem suas práticas pedagógicas (PEREIRA; CHAOUCHAR, 2010, p. 02).

Estando inserido na sociedade o educando traz para o cenário de seu aprendizado valores que foram ali adquiridos e que passam a fazer parte de sua personalidade. Sendo que estes valores formam o axiograma assumido por ele e revelam o que ele é, como age e expressa sua visão. Desta maneira, ao buscar a qualificação profissional na enfermagem, o educando através da intermediação docente no ato

pedagógico-assistencial, indubitavelmente, confrontará o seu axiograma com o axiograma da enfermagem, discutindo-o e re-hierarquizando-o, consoante o exercício de sua profissão e, neste confronto, poderá retificar ou ratificar a sua atitude.

Desse modo é importante dizer que, o enfermeiro-docente ao encaminhar o educando ao campo axiológico que permeia a profissão, constrói a possibilidade de fazê-lo crescer e desenvolver-se nele, ao mesmo tempo, em que permite elaborar uma identidade que se coaduna com os pressupostos valorativos da enfermagem, a partir do reconhecimento do valor como elemento que supre a sua incompletude, movendo e justificando o seu agir profissional. Assim, o valor impõe-se ao educando e reveste-se do sentido de dever-ser, permitindo sua visualização nas diversas formas de realizações do Ser-enfermeiro no mundo, enquanto ser concreto na história (GUIMARÃES et al., 2013, p. 03; RODRIGUES; SOBRINHO, 2007).

Considerações Finais

É importante que o professor enfermeiro siga os modelos e exigência da universidade que ela exija, pois para cada universidade existe a sua, e devemos se adequar tanto como professor e com os alunos, procurando se aperfeiçoar e se atualizar no saber e na prática, estando atentos às mudanças e dos complementos que surgem, tanto com a pedagogia e na parte da enfermagem, estar sempre acompanhado novas diretrizes ou novos procedimentos,

pois o bom docente precisa estar sempre estudando e revendo as matérias, atualizando conforme a necessidade, tendo em vista que é preciso se adequar às constantes propostas que cheguem na universidade, é preciso também estar atento quanto a sociedade, a educação, às novas doenças, o surgimento de novas medicações, novos materiais e procedimentos.

Também é necessário por em prática a experiência, transferindo aos discentes as experiências vividas, pois o professor constrói o seu próprio conhecimento fazendo assim de forma pessoal e conforme sua prática na carreira profissional.

Sendo assim o professor deve se adequar e conviver com a sociedade, cultura, crenças, leis, normas, política, alunos, instituição, professores, profissão, coletividade e o mundo.

252

REFERÊNCIAS

BACKES, D. S.; MARINHO, M.; COSTENARO, R. S.; NUNES, S.; RUPOLO, I. Repensando o ser enfermeiro docente na perspectiva do pensamento complexo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 3, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2r0Kq9e>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

GUIMARÃES, G. L.; VIANA, L. O; MATOS, S. S.; CARVALHO, D. V.; BARONI, F. A. O valor verdade no ensino da enfermagem: um estudo fenomenológico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2pkXtGc>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

JUNIOR, M. F. Os reflexos da formação inicial na atuação dos professores enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 6, p. 2, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2q3WVDM>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

PEREIRA. W. R.; CHAOUCHAR. S. H. Identificação de novas práticas pedagógicas na percepção dos docentes de um curso de enfermagem. *Ciências, Cuidados, Saúde*, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2qTXaSy>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

RODRIGUES, M. P.; SOBRINHO, J. M. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 4, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2q45fTN>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

VIANA. L. O.; MATOS. S. S.; GUIMARÃES, G. L.; VILMA, D.; BARONI, F. A. O valor verdade no ensino da Enfermagem: um estudo fenomenológico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 34, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2pkXtGc>>. Acesso em: 15 jun. 2014.